UNIVERSIDADE FEDERAL DE MINAS GERAIS
CENTRO DE REFERÊNCIA EM CIÊNCIAS HUMANAS
FACULDADE DE FILOSOFIA E CIÊNCIAS HUMANAS
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO LATU SENSU ESPECIALIZAÇÃO EM DEMOCRACIA PARTICIPATIVA, REPÚBLICA E MOVIMENTOS SOCIAIS

FERNANDA LOPES KUNZLER

UM OLHAR SOBRE O PROCESSO DE DEMOCRATIZAÇÃO DA COMUNICAÇÃO: a experiência da Rede de Educação Cidadã

Belo Horizonte
2014

FERNANDA LOPES KUNZLER

UM OLHAR SOBRE O PROCESSO DE DEMOCRATIZAÇÃO DA COMUNICAÇÃO: a experiência da Rede de Educação Cidadã

Monografia apresentada ao Programa de Pós-Graduação Latu Sensu do Departamento de Ciência Política da Universidade Federal de Minas Gerais, como requisito parcial para obtenção do título de Especialista em Democracia Participativa, República e Movimentos Sociais.

,

Orientador: Prof. Ms. Leonardo Barros Soares

Belo Horizonte
2014

Kunzler, Fernanda Lopes.

Um olhar sobre o processo de democratização da comunicação: a experiência da Rede de Educação Cidadã. / Fernanda Lopes Kunzler. – Belo Horizonte, 2014.

133 f. il.

Impresso por computador (fotocópia).

Orientador: Prof. Ms. Leonardo Barros Soares.

Monografia (Especialização) – Universidade Federal de Minas Gerais, Especialização em Democracia Participativa, República e Movimentos Sociais, 2014.

1. Comunicação Popular. 2. Comunicação. 3. Direito humano. I. Título.

CDU 659.3

FERNANDA LOPES KUNZLER

UM OLHAR SOBRE O PROCESSO DE DEMOCRATIZAÇÃO DA COMUNICAÇÃO: a experiência da Rede de Educação Cidadã

Monografia apresentada ao Programa de Pós-Graduação Latu Sensu do Departamento de Ciência Política da Universidade Federal de Minas Gerais, como requisito parcial para obtenção do título de Especialista em Democracia Participativa, República e Movimentos Sociais.

Aprovada em: ___/___/___

BANCA EXAMINADORA

_____

Prof. Ms. Leonardo Barros Soares (Orientador)
Universidade Federal de Minas Gerais

_____

1º Examinador

_____

2º Examinador

A minha família,
pelo incentivo e carinho.

AGRADECIMENTOS

A todas as pessoas que de forma direta e indireta contribuíram para a realização deste trabalho, reafirmo minha imensa gratidão e zelo, especialmente: aos tutores Ronaldo Teodoro, Lunakel Albuquerque e Jaison Jadson Franklin pela satisfatória troca de experiências; ao professor Leonardo Barros, por sua dedicação, crença e incentivo ao trabalh; e ao meu grande amigo Paulo Matoso que, além de incentivar minha inscrição no curso, ainda acompanhou e animou todo o processo e não me deixando desistir.

As experiências junto à Rede de Educação que me proporcionaram um outro olhar sobre uma comunicação possível e da humanização das relações. E não poderia deixar de agradecer ao Teatral Grupo de Risco, apoiador e incentivador do fazer artístico, político e pedagógico, em especial à Roma Romã.

“É preciso primeiro que, os que assim encontram negados no direito primordial de dizer a palavra, reconquistem esse direito, proibindo que este assalto desumanizante continue. Se é dizendo a palavra com que, “pronunciando” o mundo, os homens o transformam, o diálogo se impõe como caminho pelo qual os homens ganham significação enquanto homens. Por isto, o diálogo é uma exigência existencial. E, se ele é o encontro em que se solidarizam o refletir e o agir de seus sujeitos endereçados ao mundo a ser transformado e humanizado, não pode reduzir-se a um ato de depositar idéias de um sujeito no outro, nem tampouco torna-se simples troca de idéias a serem consumidas pelos permutantes”.

(FREIRE, 1987, p. 78 -79)

RESUMO

Este trabalho realizou um estudo sobre os aspectos teóricos da comunicação popular e suas linguagens, ressaltando a necessidade de maior participação social no acesso à produção midiática. Perpassa os conceitos de comunicação enquanto diálogo, relações humanas e, ainda, o processo de conscientização a fim de superar as situações opressoras na busca do fortalecimento do debate acerca da democratização da comunicação em nosso país.

Palavras-chave: Comunicação popular. Comunicação. Direito humano. Conscientização. Processos. Disputa.

ABSTRACT

This paper conducted a study on the theoretical aspects of popular communication and their languages emphasizing the need for greater access to social participation in media production. It covers the concepts of communication as dialogue, human relations and even the process of awareness to overcome the oppressive situations in pursuit of strengthening the debate about the democratization of communication in our country.

Keywords: Popular communication. Communication. Human rights. Awareness. Processes. Dispute.

LISTA DE FIGURAS

Figura 1 – Rede de movimento social.....45
Figura 2 – Diagrama de rede.....46
Figura 3 – Metodologia da pesquisa.....57

LISTA DE QUADROS

Quadro 1 – Quadro da relação das atividades formativas desenvolvidas pela RECID– de julho/2013 a fevereiro/2014.....52

LISTA DE ABREVIATURAS E SIGLAS

CRIS – Communication Rights in the Information Society
DhESCA – Direitos humanos econômicos, sociais, culturais e ambientais
EBC – Empresa Brasil de Comunicação
FENDH – Fórum de Entidades Nacionais de Direitos Humanos
FNDC – Fórum Nacional pela Democratização da Comunicação
LGBT – Lésbicas, Gays, Bissexuais e Travestis
NOMIC – Nova ordem Mundial da Comunicação e Informação”
ONG – Organização Não-Governamental
RECID – Rede de Educação Cidadã

SUMÁRIO

1 INTRODUÇÃO.....13
2 COMUNICAÇÃO: uma via de mão dupla, o diálogo contra-hegemônico e a relação cultural com os saberes.....16
3 REDE DE EDUCAÇÃO CIDADÃ: a perspectiva de comunicação que se quer construir.....28
3.1 O Projeto Político Pedagógico e a comunicação.....29
3.2 Comunicação é direito humano.....30
3.3 Percalços, do direito.....32
4 DIÁLOGOS: a palavra e a educação um olhar Freireano na formação cidadã.....36
5 O CAMINHAR DA REDE DE EDUCAÇÃO CIDADÃ: contribuições para o processo de democratização da comunicação, participação social e democracia.....44
5.1 Da consciência à consciência crítica-ação.....47
5.2 Do fazer pedagógico à participação empoderada da sociedade.....49
6 METODOLOGIA.....56
7 CONSIDERAÇÕES FINAIS.....58
REFERÊNCIAS.....59
ANEXO A – DECLARAÇÃO UNIVERSAL DOS DIREITOS HUMANOS.....63
ANEXO B – CARTA SANTIAGO, PRIMAVERA DE 1965.....68
ANEXO C – CAPA DA PÁGINA EM REDES SOCIAIS – RESISTÊNCIA TERENA 70
ANEXO D – RELATÓRIOS PEDAGÓGICOS DA REDE DE EDUCAÇÃO CIDADÃ.....71

1 INTRODUÇÃO

Esta pesquisa busca a compreensão em torno da democratização da comunicação em comunidades na qual a Rede de Educação Cidadã (RECID) atua com oficinas de formação na busca da consciência crítica da comunicação como um direito humano.

Busca-se modelo de comunicação horizontal e democrática, partindo da ideia de trabalhos mais coletivos, no qual abrange-se e corresponsabiliza vários sujeitos. Paulo Freire (1983) ressalta em seu livro “Comunicação ou Extensão?” o pensamento pedagógico no qual “[...] a comunicação é a que transforma os homens em sujeitos”.

Freire parte da ideia de uma construção compartilhada de conhecimentos na perspectiva de formação de um processo em comunicação, visto que são geridas por relações dialéticas entre as pessoas, e estas com o mundo.

Ainda sob esta reflexão, as oficinas de comunicação contra-hegemônica, realizadas pela RECID, caminham no sentido mais coletivo e popular da comunicação, possibilitando a produção e acessos a esta ferramenta na história de lutas sociais por direitos. Para Peruzzo (2006), “[...] a comunicação popular representa uma forma alternativa de comunicação e tem sua origem nos movimentos populares dos anos de 1970 e 1980, no Brasil e na América Latina como um todo.”

Neste sentido, a comunicação, como uma alternativa e recurso popular, ganha caráter mobilizador e com características próprias. Fazendo uma comparação com os conceitos levantados acerca da comunicação e os produtos midiáticos hoje existentes, este projeto fará um paralelo analítico a partir das vivências e debates pela democratização e legalização dos meios de comunicação alternativos.

É a partir de algumas experiências e da história trazida por alguns pensadores que este trabalho se ancorará, em especial sob a vivência da RECID, que se apresenta como uma articulação de diversos atores sociais, entidades e movimentos populares do Brasil. Estes assumem solidariamente a missão de realizar um processo sistemático de sensibilização, mobilização e educação popular da população brasileira e, principalmente, de grupos vulneráveis econômica e socialmente (indígenas, negros, jovens, LGBT, mulheres, etc), promovendo o diálogo e a participação ativa na superação da miséria. Respeitando a autonomia do

diversificado trabalho de educação popular em todas as regiões do país, é na forma de rede que a educação cidadã e a promoção de direitos acontece.

O objetivo desta ação se realiza na medida em que estes grupos – que ainda hoje se encontram à margem dos direitos garantidos pela Constituição Brasileira e por outras declarações e tratados internacionais – tomem consciência da sua realidade e se organizem coletivamente, para superar todas as situações de negação de seus direitos, rumo à sua autonomia e emancipação.

É por meio da Educação Popular que a RECID desenvolve esse processo de formação, tendo como um dos temas trabalhados a Comunicação, não só por ser, hoje, concentrada hegemonicamente por um grupo, mas por ser fundamentalmente um direito humano.

Neste sentido, várias ações, como as oficinas de formação, fomentam o debate acerca da democratização da comunicação, assim como seu cenário midiático e político constituído.

Este trabalho objetiva resgatar os principais conceitos de comunicação popular, produtos midiáticos e suas linguagens, situando-os a partir de noções teóricas e práticas; os processos de comunicação em grupos sociais e a participação na cultura de Mato Grosso do Sul (MS).

Para tanto, investigar-se-á os conceitos de comunicação popular, linguagens e processos, fazendo uma análise crítica sobre o conceito de comunicação popular e sua história, na tentativa de identificar e mapear os limites e desafios apresentados à comunicação a partir das oficinas de formação ocorridas nos últimos 3 anos.

Se fez necessário, portanto, analisar alguns veículos de comunicação e os interesses que são pautados e socializados; o que é ou não interessante à sociedade, que parte desde produtos ativadores do consumo a registros históricos de expressivas ações populares, fazendo um recorte histórico no período de 2011 à 2014.

Tem-se a ideia de uma pesquisa de processos midiáticos e das diferentes linguagens que abrangem, ao permitir interação social, assim como o compartilhamento e a criação coletiva e colaborativa. As informações processadas atingem públicos específicos atraídos por interesses próprios ou comuns de um grupo, sob conteúdos que podem ser publicados por qualquer pessoa.

Neste sentido, movimentos populares, ONGs, grupos de pesquisa têm facilmente se utilizado de diversos instrumentos como meio de divulgação dos processos vivenciados em seus coletivos, bem como para mobilizações para eventos pontuais ou não.

Perpassa ainda a educação enquanto uma prática libertadora, evidenciada por Paulo Freire em seu livro “Pedagogia da Autonomia; A cultura, abrindo um leque de costumes e saberes de um povo”, com enfoque nas produções artísticas, fazendo um paralelo entre estas e a ação social, pontuada por Augusto Boal em seu Livro “Teatro do Oprimido”. Nestes dois primeiros passos, a ideia é dialogar entre: linguagem, processos e produtos como instrumentos de uma emancipação política do sujeito e de uma sociedade.

2 COMUNICAÇÃO: uma via de mão dupla, o diálogo contra-hegemônico e a relação cultural com os saberes

"A gente pensa que vive num lugar onde se fala o que pensa.
Mas eu não conheço esse lugar.
Eu não conheço esse lugar!
A gente pensa que é livre pra falar tudo que pensa
mas a gente sempre pensa um pouco antes de falar!
Se liga aí, se liga lá, se liga então!
Se legalize nessa comunicação.
Se liga aí, se liga lá, se liga então!
Se legaliza a liberdade de expressão!
Se liga aí, se liga lá, se liga então!
Se legalize nessa comunicação.
Se liga aí, se liga lá, se liga então!
Se legalize a opção!"
(Gabriel O Pensador / Liminha / Aninha Lima)

Este trabalho inicia-se provocando, neste capítulo, a imaginação para além do que é óbvio e (arriscaria dizer) superficial em torno da comunicação, talvez até ancorada em instrumentos modernos, mas (e necessariamente) ultrapassando este campo e aprofundando seu conceito para além do que está no imaginário.

Para tal reflexão, é imprescindível a descrição da escolha metodológica, do caminho a ser percorrido a fim de explicitar todo o processo de elaboração, frente ao objeto de pesquisa, acerca de ações processuais em formação política a caminho de um desejo não só utópico, mas possível, em relação à comunicação em nosso país. A investigação do tema é decorrente de inquietações relacionadas no campo de direitos e de usufrutos sociais.

Diante do tema proposto, e com as informações hoje visíveis em torno da comunicação, os desafios apontados neste trabalho se intensificam à medida que aprofundamos os meandros do tema. É sabido, ao se falar em comunicação, e especificamente, em comunicação social, que abrange um leque maior de estudo e sujeitos, e instantaneamente pensamos nos meios de sua viabilização. Temos não tão imediatamente, como no caso dos meios, a informação de que são controlados por poucas mãos, ou famílias.

> Os proprietários dos grandes meios de comunicação no Brasil defendem, entre seus ideais, a liberdade de expressão, a pluralidade, a competição e o livre mercado. No entanto, o poder midiático no Brasil está concentrado nas mãos de um pequeno número de famílias e suas respectivas empresas, que dominam o sistema de produção e difusão de informações e detém a imensa maioria dos recursos de publicidade (públicos e privados). (PALHARES, 2009).

Ora, se falamos de comunicação social, logo temos um conjunto social que articula os meios de comunicação de massa, que compreende os jornais, rádios, TVs e internet, assim sendo, como um Direito Humano e Constitucional, que assegura a "[...] manifestação do pensamento, a criação, a expressão e a informação, sob qualquer forma, processo ou veículo, não sofrerão qualquer restrição, observado apenas o que nela está disposto". (GREVETTI, 2004)

Ciente da complexidade do tema, do envolvimento no campo de direitos, e das inúmeras ações e debates em busca de uma comunicação contra-hegemônica e, portanto, garantindo não a restrição à liberdade de expressão, mas o acesso aos meios e a produção midiática dos mesmos com e para todos os sujeitos, se fez indispensável para este trabalho acadêmico investigar o conceito de comunicação popular e um de seus principais pensadores, Paulo Freire, no processo de redemocratização da comunicação.

Para isto, é importante compreender o conceito de hegemonia que, segundo Gramsci (2005), é obtida e consolidada por meio do enfrentamento as diversas questões relacionadas a economia, organização política, com envolvimento ético cultural, na expressão de saberes, nos modos de representação. Portanto, deduz-se a conquista do consenso, da liderança cultural e político-ideológica de uma classe ou bloco de classes sobre as outras. A hegemonia tem ainda relação com os entrechoques de percepções, juízos de valor e princípios entre sujeitos da ação política.

Ao pensar na hegemonia e contra-hegemonia, é possível traçar um paralelo com os modos de convencimento de formação, comunicação e sobre a visão de mundo que, todavia, "[...] o domínio da comunicação que se esculpem os contornos da ordem hegemônica, seus tentáculos ideológicos, suas hierarquias, suas expansões contínuas no bojo da mercantilização generalizada dos bens simbólicos" (MORAES, 2010, p. 94). Sendo assim, as tendências e interesses dos grupos sociais, nos quais a hegemonia será exercida, formam um equilíbrio de ordem econômica corporativa.

Neste sentido, uma comunicação contra-hegemônica surge sobre a perspectiva de disputar a hegemonia colocada. Uma comunicação que informe e forme política e ideologicamente os trabalhadores, a massa.

> Tudo o que se publica é constantemente influenciado por uma ideia: servir a classe dominante, o que se traduz, sem dúvida, num fato: combater a classe

> trabalhadora. [...] Todos os dias, [...] os jornais burgueses apresentam os fatos, mesmo os mais simples, de modo a favorecer a classe burguesa e a política burguesa, com prejuízo da política e da classe operária. [...] E não falemos daqueles casos em que o jornal burguês ou cala, ou deturpa, ou falsifica para enganar, iludir e manter na ignorância o público trabalhador. (GRAMSCI, 2005).

As inquietações que suscitam a investigação caminham num vasto e sinuoso campo, entre tantos outros adjetivos, que seriam pertinentes ao debate, mas, que extrapolariam o objetivo específico da proposta deste trabalho. Portanto, mapeia-se a análise capilar dentro de sua abordagem em compreender a configuração de uma comunicação contra-hegemônica a partir das ações desenvolvidas por um grupo de educadores(as) sociais, que atuam na RECID, em Mato Grosso do Sul.

Além desta rede de educadores, que atuam simultaneamente num processo sistemático de formação política em direitos humanos em todo o país, outros grupos, como: movimentos sociais, redes e organizações sociais contribuíram para a elaboração e desenvolvimento deste trabalho, tendo como referências suas ações na luta contra-hegemônica, neste caso, da comunicação.

Tendo como estrutura pedagógica e metodológica o arcabouço teórico-metodológico Freireano, este trabalho fundamenta-se não prioritariamente, mas fundamentalmente, no legado de Paulo Freire, que está intrinsecamente ligado às ações desenvolvidas pela Rede de Educação Cidadã, a qual se baseia neste conceito e em outros que se assemelham à Educação Popular como instrumento de libertação e sistematização do processo de formação política.

Afunilando a investigação, além de todo o conceito que permeia a comunicação popular no caminho de um processo de democratização desenvolvido por diversos setores da sociedade civil, encampando a luta social acerca da garantia de direitos, será analisado o que denomina-se de “oficinas de formação”, desenvolvidas pela RECID durante um período de 7 meses, de agosto de 2013 a fevereiro de 2014, por meio de relatos dos(as) educadores(as) sociais contidos nos registros pedagógicos feitos após essas atividades.

A partir da coleta deste material, será feita uma análise descritiva levantando os aspectos mais gerais assim como as particularidades e, ainda, colhidas algumas falas significativas dos sujeitos participantes das atividades de formação, levantando-se possíveis argumentos de como se dá na prática o trabalho de politização e conscientização do problema existente em torno da comunicação no

país. Alguns questionamentos foram pontos chaves nestas análises: Como estão se organizando para a democratização da comunicação? O que entendem por comunicação? No que isto está implícito no cotidiano de cada pessoa? Democratizar para que e pra quem?

Neste momento do trabalho, ao perceber que o desenvolvimento das atividades eram bastante díspares, pois envolviam comunidades específicas com ideias distintas em torno dos questionamentos acima, não se teria uma análise semelhante. Em cada, um novo impasse surgia, e isso era exatamente a parte pedagógica das análises, pois surge de uma realidade local que estava sendo problematizada e que compunha um processo contínuo de formação.

Contudo, mesmo diante de um encadeamento de análises dessas atividades, novos desafios apresentaram-se devido à diversidade de saberes e a heterogeneidade dos sujeitos envolvidos. Por um lado, a dificuldade de identificação de ações práticas que avançam e intervém concretamente no debate, por outro, na própria instabilidade no contínuo e, quase sempre, reiniciado decurso. Desta forma, optou-se como ponto estratégico pela geração de dados qualitativos, primando pela formação e escuta dos sujeitos via vídeos produzidos nessas atividades a fim de angariar subsídios que qualificassem a pesquisa.

Embora considere-se que esta pesquisa tenha cunho exploratório, pois proporciona familiaridade com o tema na ideia de torná-lo explícito e até mesmo construir hipóteses,

> [...] pode-se dizer que estas pesquisas têm como objetivo principal o aprimoramento de ideias ou a descoberta de intuições. Seu planejamento é, portanto, bastante flexível, de modo que possibilite a consideração dos mais variados aspectos relativos ao fato estudado. Na maioria dos casos, essas pesquisas envolvem: (a) levantamento bibliográfico; (b) entrevistas com pessoas que tiveram experiências práticas com o problema pesquisado; e (c) análise de exemplos que "estimulem a compreensão". (SELLTIZ et al, 1967, p. 63 apud, GIL, 2002, p. 41).

Entretanto, em vários momentos, ela se confunde com uma pesquisa descritiva, pois:

> [...] embora definidas como descritivas com base em seus objetivos, acabam servindo mais para proporcionar uma nova visão do problema, o que as aproxima das pesquisas exploratórias. As pesquisas descritivas são, juntamente com as exploratórias, as que habitualmente realizam os pesquisadores sociais preocupados com a atuação prática. (GIL, 2002, p. 42).

Reafirma-se isto por se considerar de extrema importância que num

trabalho de pesquisa sejam necessários a identificação do tipo de pesquisa utilizada, assim como o processo metodológico a fim de deixar às claras os caminhos percorridos, bem como as propostas reflexivas dos rumos que cursa a comunicação em nosso país. Isso não significa “ditar as regras” do que deve ou não ser feito, mas provocar criticamente um outro olhar sob as perspectivas da reverberação dos meios de comunicação de massa e seu monopólio em relação à sociedade.

Neste sentido, delimitar-se o foco foi complicado por se tratar de diversos sujeitos que, em sua maioria, estão engajados nas mais diferentes lutas sociais e num processo de politização, mas que, de certa forma, possuem um motivador em comum: estão no enfrentamento ao modo sistêmico hoje vigente em busca de um novo modelo que garanta e preze por seus direitos.

Desta forma, falar de comunicação se torna ainda mais complexo, pois se trata de um direito constitucional e humano. Não é possível, por exemplo, que uma sociedade se mantenha sem que algo a reproduza socialmente e “[...] esse é o papel dos meios de comunicação” (GUARESCHI, 2013).

Talvez este seja o ponto chave de uma das principais questões: se os meios de comunicação possuem o papel de construir a realidade da sociedade, auxiliando essa sua formação direita, publicando ou não o que é de interesses da mídia, como interferir de forma a democratizar os meios a fim de que mais pessoas, além das famílias que possuem seu monopólio, possam também controlá-las?

Conforme Genro Filho (1987), em sua referência sobre o filósofo Herbert Marshall McLuhan, a comunicação expressa as extensões dos sentidos humanos e, ao se alterar, transforma socialmente a realidade. Afirma ainda que o mais importante na comunicação são os meios pelos quais se dão (rádio, TV etc.), e não a mensagem propriamente dita, de forma que cada mídia possui características próprias, portanto geram efeitos específicos. Assim sendo, cada meio está carregado de sua mensagem.

Nesta ideia de McLuhan (apud GENRO FILHO, 1987), os efeitos dos meios não estão necessariamente ligados aos conteúdos das mensagens, mas sim a toda a natureza técnica destes meios. Para ele, a história da sociedade se refere a uma função dos meios, ou seja, das transformações decorrentes de sua comunicação.

A comunicação linear é superada com o surgimento dos meios eletrônicos, ganhando uma forma mais direta da percepção da realidade. McLuhan

(apud GENRO FILHO, 1987) afirma que a história da sociedade é formada pelas tecnologias da comunicação e não frutos dos conflitos sociais e lutas de classes. Se a extensão dos sentidos expressa em suma consideração os meios de comunicação, poderiam esses sentidos serem apenas uma função do meio? Esta reflexão não limitaria tanto o conceito de um quanto do outro?

> Nessa bizarra concepção do "profeta das comunicações", não são as lutas de classe e os conflitos sociais que movem a história, mas tecnologias da comunicação que travam entre si batalhas épicas. Além do mais, os sentidos humanos não estão associados historicamente ao processo global da atividade humana (Marx), mas a tecnologias específicas que surgem nesse processo. Certamente os meios de comunicação não podem ser considerados apenas como extensão dos sentidos, nem os sentidos humanos apenas como uma função dos meios, pois isso implicaria um reducionismo inadmissível tanto de um como de outro. No entanto, embora os meios de comunicação não travem as batalhas devastadoras imaginadas por McLuhan, eles constituem um sistema (a exemplo do que ocorre com os sentidos humanos), no qual se pode falar da predominância de um sobre os demais. Atualmente, a televisão é o veículo predominante e hegemônico não apenas no sistema formado pelos meios de comunicação, tal como sugere McLuhan, mas igualmente no *sistema jornalístico* alicerçado nesses meios." (GENRO FILHO, 1987. p. 203-222).

Sem que entremos em sua instrumentalização e tentando desmistificar a compreensão da palavra comunicação, temos, portanto, caminhos infinitos de significados, por possuir, em sua essência, uma multiplicidade de sentidos.

A comunicação está associada à palavra, por exemplo, como uma linguagem estruturada, na qual se concretiza o discurso e está presente na afirmação da humanidade, enquanto seres que sentem, pensam, agem entre si e com a natureza, tentando sua dominação que, historicamente, luta por sua sobrevivência e expansão. Logo, a comunicação está inteiramente ligada às relações de poder.

Fruto dessas relações, portanto, podemos chegar a in-comunicação, (GOMES, 2007). Mesmo em sua contribuição na afirmação da existência humana e, considerando a evolução histórica da comunicação e de sua instrumentalização, ainda nos dias atuais, caminha na atuação como base estruturante à sociedade. Há uma margem que permite chegar na falta de comunicação, dependendo das relações de poder estabelecidas.

De acordo com Gomes (2007), a abertura ao outro condiz as condições básicas à comunicação inserida num processo de contradições e disputas. Desde as sociedades feudais às pré-capitalistas, os diversos tipos de interesses e a relevância

dos modelos de comunicação alcançam sua consolidação com a modernidade no desenvolvimento social, de poder e da política.

> Com o argumento da troca, do intercâmbio, da interação e compreensão entre as culturas, como de igual maneira, com o objetivo de dominação e expansão das fronteiras territoriais, comerciais e científicas, houve o investimento maciço na instrumentalização técnica que, por sua vez, impulsionou a alavanca da economia industrializada. Na análise de Marx e Engels, sobre o desenvolvimento da divisão do trabalho no processo de formação das sociedades modernas capitalistas, é destacada a importância dos meios de comunicação. O passo seguinte no desenvolvimento da divisão do trabalho foi a separação da produção e o comércio, a constituição de uma classe especial de comerciantes, uma separação que já era comum nas cidades antigas (com os judeus, entre outros) e que logo surgiu nas cidades de formação recente. Com isso estava dada a possibilidade de uma ligação comercial que ultrapassava os círculos mais próximos, uma possibilidade cuja realização dependia dos meios de comunicação existentes (transporte, estradas, ferrovias, imprensa), do estado da segurança pública no País, condicionado pela situação política. (MARX; ENGELS, 2005, p. 86 apud GOMES, 2007, p. 26).

Na disputa pela hegemonia política e do fortalecimento do poder, a comunicação passou a ser pensada a partir de um modelo que potencializasse o domínio do tempo e espaço/ Assim, a comunicação, que até então aproximaria os homens por meio de sua relação, acaba se tornando um objeto de disputa hegemônica.

A palavra, portanto, ganha sentido único e relevante no conhecimento das sociedades e suas culturas. Mais do que isso, se torna o meio de compreender a existência humana e as relações entre indivíduos e o mundo. É o que havia de primordial, a principal forma de comunicar e construtora das relações sociais.

> Por sua vez a negação seletiva da palavra é fonte da luta por uma comunicação livre e diversa. Negar a palavra foi e continua sendo a forma mais comum e contundente de se negar, também, a comunicação. A palavra é, até hoje, o principal signo criado pelo ser humano para socializar-se, para edificar culturas, promover desenvolvimento econômico, político e, sobretudo, construir e legitimar ideologias. O uso da palavra, por vezes, é mais importante que o saber, pois o conhecimento silenciado está fadado à morte. Como instrumento máximo da linguagem e, tendo a possibilidade de trafegar por todos os campos do conhecimento humano, a palavra logo foi identificada como uma relevante aliada nas correlações e disputas de poder, seja para mantê-lo, criticá-lo, ou mesmo destituí-lo. (GOMES, 2007, p. 27).

Temos até aqui, portanto, alguns dos muitos pensamentos que conceituam comunicação em períodos distintos, importantes em cada período, e que contribuem para a história. Neste último, na reflexão de Gomes (2007), inspirado no pensamento de Paulo Freire, temos, logicamente, maior aproximação com a ideia que buscamos. E se, para Mc Luhan, o mais importante dentro da comunicação são

os meios tecnológicos e sua interferência na história da humanidade, para o educador Paulo Freire (1983, p. 83), “[...] somente o diálogo, que implica um pensar crítico, é capaz, também, de gerá-lo. Sem ele, não há comunicação e sem esta não há verdadeira educação”.

> Mas, se dizer a palavra verdadeira, que é trabalho, que é práxis, é transformar o mundo, dizer a palavra não é privilégio de alguns homens, mas direito de todos os homens. Precisamente por isto, ninguém pode dizer a palavra verdadeira sozinho, ou dizê-la para os outros, num ato de prescrição, com o qual rouba a palavra aos demais. (FREIRE, 1999, p.78).

De acordo com Freire, somente o diálogo de forma horizontal comunica:

> É uma relação horizontal de A com B. Nasce de uma matriz crítica e gera criticidade (Jaspers). Nutre-se do amor, da humildade, da esperança, da fé, da confiança. Por isso, só o diálogo comunica. E quando os dois polos do diálogo se ligam assim, com amor, com esperança, com fé um no outro, se fazem críticos na busca de algo. Instala-se, então, uma relação de simpatia entre ambos. Só aí há comunicação. (FREIRE, 1999, p.107).

Paulo Freire (1983) afirma que a comunicação se dá por meio de signos linguísticos, nos quais o pensar exige um sujeito que o pensa, portanto um objeto a ser pensado, este midiatiza o primeiro do segundo sujeito. Neste momento, acontece a comunicação. “O mundo humano é, desta forma, um mundo de comunicação” (FREIRE, 1983), portanto, não há comunicação solitária. É necessária uma troca, assim como o conteúdo a ser comunicado não é uma mercadoria a ser depositada em alguém, mas uma via de mão dupla, em eficiência, recíproca.

> O sujeito pensante não pode pensar sozinho; não pode pensar sem a coparticipação de outros sujeitos no ato de pensar sobre o objeto. Não há um “penso”, mas um “pensamos”. É o “pensamos” que estabelece o “penso” e não o contrário. Esta coparticipação dos sujeitos no ato de pensar se dá na comunicação. O objeto, por isto mesmo, não é a incidência terminativa do pensamento de um sujeito, mas o mediatizador da comunicação. Daí que, como conteúdo da comunicação, não possa ser comunicado de um sujeito a outro. Se o objeto do pensamento fosse um puro comunicado, não seria um significado significante mediador dos sujeitos. Se o sujeito “A” não pode ter no objeto o termo de seu pensamento, uma vez que este é a mediação entre ele e o sujeito “B”, em comunicação, não pode igualmente transformar o sujeito “B” em incidência depositária do conteúdo do objeto sobre o qual pensa. Se assim fosse – e quando assim é –, não haveria nem há comunicação. Simplesmente, um sujeito estaria (ou está) transformando o outro em paciente de seus comunicados. A comunicação, pelo contrário, implica numa reciprocidade que não pode ser rompida. Por isto, não é possível compreender o pensamento fora de sua dupla função: copioscitiva e comunicativa. Esta função, por sua vez, não é a extensão do conteúdo simificante do significado, objeto do pensar e do conhecer. Comunicar é comunicar-se em torno do significado significante. Desta forma, na comunicação, não há sujeitos passivos. Os sujeitos co-intencionados ao objeto de seu pensar se comunicam seu conteúdo. O que caracteriza a

> comunicação enquanto este comunicar comunicando-se, é que ela é diálogo, assim como o diálogo é comunicativo. Em relação dialógica comunicativa, os sujeitos interlocutores se expressam, como já vimos, através de um mesmo sistema de signos linguísticos. É então indispensável ao ato comunicativo, para que este seja eficiente, o acordo entre os sujeitos, reciprocamente comunicantes. Isto é, a expressão verbal de um dos sujeitos tem que ser percebida dentro de um quadro significativo comum ao outro sujeito. (FREIRE, 1983, p. 44).

Descrito o principal conceito acerca da comunicação que norteia este trabalho e a reflexão proposta, cabe enfatizar que este material forneceu uma significativa contribuição teórica que, desmembrada no próximo capítulo, dará suporte as análises das oficinas de formação da Rede de Educação Cidadã, focalizando a comunicação popular em busca de um processo de redemocratização dos meios.

Como vimos, podemos identificar atualmente dois modelos distintos de comunicação. De um lado temos a grande mídia, que possui grandes corporações, como as organizações que detém o poder midiático e controlam os veículos de comunicação como as rádios, TVs, internet, cinema etc. e ainda movimentam a publicidade que alimenta o capital, numa dinâmica lucrativa de mercado. por outro lado temos a ideia de Freire, que rompe o processo vertical de comunicação na lógica, na qual não há receptor passivo, tornando-se um ato recíproco e alternado.

A característica principal deste primeiro modelo, controlador, produz a elaboração de conteúdos, informação e entretenimento, e sua disseminação se dá velozmente e em larga escala, classificado como “industrial cultural”, na qual Theodor Adorno (1985), distingue-a por cultura de massa, proveniente do povo, de seus costumes.

> A propaganda, os slogans, os “depósitos”, os mitos, são instrumentos usados pelo invasor para lograr seus objetivos: persuadir os invadidos de que devem ser objetos de sua ação, de que devem ser presas dóceis de sua conquista. Daí que seja necessário ao invasor descaracterizar a cultura invadida, romper seu perfil, enchê-la inclusive de subprodutos da cultura invasora. (FREIRE, 1983, p. 27).

De forma distinta, há o que se desenha com a organização popular da atuação de comunicadores(as) populares e militantes que buscam construir o protagonismo das comunidades e sujeitos na apropriação e elaboração de conteúdos, fazendo o contraponto à informação da mídia vigente em democratizar e avançar na ideia de um sistema livre e participativo que abra espaço à diversidade e à pluralidade.

Em seu livro “Extensão ou Comunicação?”, Paulo Freire (1983) explicita que a manipulação e a invasão cultural são agressões que atravancam o processo de engajamento e transformação da realidade, pois explora o emocional e promove a massificação, impedindo-o de agir enquanto sujeito dialógico que opta e decide. “[...] na verdade, manipulação e conquista, expressões da invasão cultural e, ao mesmo tempo, instrumentos para mantê-la, não são caminhos de libertação. São caminhos de “domesticação”.

> E ser dialógico, para o humanismo verdadeiro, não é dizer-se descomprometidamente dialógico; é vivenciar o diálogo. Ser dialógico é não invadir, é não manipular, é não sloganizar. Ser dialógico é empenhar-se na transformação constante da realidade. Esta é a razão pela qual, sendo o diálogo o conteúdo da forma de ser própria à existência humana, está excluído de toda relação na qual alguns homens sejam transformados em “seres para outro” por homens que são falsos “seres para si”. R que o diálogo não pode travar-se numa relação antagônica. O diálogo é o encontro amoroso dos homens que, mediatizados pelo mundo, o “pronunciam”, isto é, o transformam, e, transformando-o, o humanizam para a humanizaçâo de todos. (FREIRE, 1983, p. 28).

Nesta ideia, Freire vislumbra uma possível forma de relações humanas entre os indivíduos e as sociedades, ou seja, um outro modelo de vida social. Na compreensão do diálogo, visualizando a palavra como estruturadora deste, entre sujeitos que não estão coisificados, estabelece-se a comunicação como uma troca mútua.

As relações são, portanto, permanentes entre os seres e destes com o mundo, que são sutilmente transformados por meio de seu trabalho, do reconhecimento dos diferentes saberes. Não há, portanto, saberes e ignorâncias absolutas. A consciência de que ninguém sabe tudo e o reconhecimento da limitação do saber são molas chefes para a preparação do saber mais. Isso é dinâmico, logo, o saber que acaba de se apresentar se torna um saber velho, para que um novo entre no lugar.

Este argumento, utilizado por Paulo Freire, em que nada é, mas está sendo possível de mudanças, de renovações, alicerça a afirmação de que a comunicação se dá numa relação dialógica entre os sujeitos.

> Parece-nos que tais afirmações expressam ainda uma inegável descrença no homem simples. Uma subestimação do seu poder de refletir, de sua capacidade de assumir o papel verdadeiro de quem procura conhecer: o de sujeito desta procura. Daí a preferência por transformá-la em objeto do “conhecimento” que se lhe impõe. Daí este afã de fazê-lo dócil e paciente recebedor de “comunicados”, que se lhe introjetam, quando o ato de conhecer, de aprender, exige do homem uma postura impaciente, inquieta, indócil. Uma busca que, por ser busca, não pode conciliar-se com a atitude

> estática de quem simplesmente se comporta como depositário do saber. Esta descrença no homem simples revela, por sua vez, um outro equívoco: a absolutização de sua ignorância. (FREIRE, 1983, p. 31).

Por vezes, ouvimos a expressão: “o diálogo é perda de tempo, não adianta”. O quanto isso já não foi dito? Numa estrutura vertical, no não reconhecimento dos sujeitos como seres dialógicos, na disseminação da “alienação da ignorância”, reproduzimos a exclusão, delimitando o campo de acesso permitido, com inúmeras restrições. O que seria isso se não um ato de opressão? Que historicamente se reproduz? Como uma cadeia e neste sentido para que a luta dos oprimidos “[...] se faça para superar a contradição em que se acham. Que esta superação seja o surgimento do novo homem – não mais opressor, não mais oprimido, mas um homem libertando-se”. (FREIRE, 1983, p.32)

> Temos perguntado, investigado, procurado saber as razões prováveis que levam os camponeses ao silêncio, à apatia, em face de nossa intenção dialógica? E onde buscar estas razões, senão nas condições históricas, sociológicas, culturais, que os condicionam? Admitindo uma vez mais as mesmas hipóteses para efeito de raciocínio, diremos que os camponeses não recusam o diálogo porque sejam, por natureza, refratários a ele. Há razões de ordem histórico sociológica, cultural e estrutural que explicam sua recusa ao diálogo. Sua experiência existencial se constitui dentro das fronteiras do antidiálogo. O latifúndio, como estrutura vertical e fechada, é, em si mesmo, antidialógico. Sendo uma estrutura fechada que obstaculiza a mobilidade social vertical ascendente, o latifúndio implica numa hierarquia de camadas sociais em que os estratos mais “baixos” são considerados, em regra geral, como naturalmente inferiores. Para que estes sejam assim considerados, é preciso que haja outros que desta forma os considerem, ao mesmo tempo em que se consideram a si mesmos como superiores. A estrutura latifundista, de caráter colonial, proporciona ao possuidor da terra, pela força e prestígio que tem, a extensão de sua posse também até os homens. (FREIRE, 1983, p. 32).

Ainda na década de 80, surge um novo paradigma, o movimento teórico, desta vez latino-americano, em torno da comunicação, no qual parte da realidade social, política e econômica, independente de teorias ‘importadas’, como uma forma de estudar o campo e suas características. Num período no qual buscava-se a comunicação de uma forma a ser feita “por” e não “para” ou “sobre” a sociedade, na qual pudesse existir uma “[...] práxis comprometida com a leitura dos meios hegemônicos quanto a tomada de consciência das classes subalternas, com vistas a transformação social.” (ARANHA,2010).

Peruzzo (2006) acredita que a comunicação popular é uma forma alternativa que tem sua origem com os movimentos sociais nas décadas de 70 e 80 no Brasil. “Ela não se caracteriza como um tipo qualquer de mídia, mas como um

processo de comunicação que emerge da ação de grupos populares" (PERUZZO, 2006) que, portanto, necessita de meios próprios de comunicação.

De acordo com as práticas de alguns grupos sociais e o local no qual estão inseridos, denomina-se comunicação popular por outros adjetivos como: alternativa, participativa, horizontal, comunitária e dialógica. Estes são grupos que estão em processo de mobilização por sentirem-se excluídos da sociedade. Desta forma, encontram meios de participar politicamente. Peruzzo (2006) destaca uma problemática no termo "comunitária", que passou a ser mais empregado no Brasil a partir do século passado:

> Na prática, a comunicação comunitária por vezes incorpora conceitos e reproduz práticas tipicamente da comunicação popular em sua fase original e, portanto, confunde-se com ela, mas ao mesmo tempo outros vieses vão se configurando. A grande mídia também incorporou a palavra para designar algumas de suas produções. Percebe-se, dessa forma, que comunitário é um termo de uso problemático, já que pode se referir a processos diferentes entre si. É prudente recorrer ao status original dessa modalidade comunicativa na América Latina, bem como aos conceitos de comunidade, para a caracterização mais adequada do processo. Historicamente o adjetivo popular denotou tratar-se de "comunicação do povo", feita por ele e para ele, por meio de suas organizações e movimentos emancipatórios visando à transformação das estruturas opressivas e condições desumanas de sobrevivência. (PERUZZO, 2006, p. 4).

É, todavia, um meio de romper com a lógica da dominação, que parte da necessidade a partir de uma realidade concreta, gerando a autonomia e envolvimento dos sujeitos. Para Peruzzo (2006), a comunicação popular é um instrumento político das classes menos favorecidas na busca de externar suas visões de mundo, com o compromisso de uma sociedade socialmente justa.

> Em síntese, a comunicação popular e alternativa8 se caracteriza como expressão das lutas populares por melhores condições de vida que ocorrem a partir dos movimentos populares e representam um espaço para participação democrática do "povo". Possui conteúdo crítico emancipador e reivindicativo e tem o "povo" como protagonista principal, o que a torna um processo democrático e educativo. (PERUZZO, 2006, p. 4).

Peruzzo (2006) destaca ainda que a pressão social provocou um avanço na democratização dos meios de comunicação, que estão simbolizadas no Fórum Nacional pela Democratização da Comunicação (FNDC). Isso gerou uma mudança na ação e concepção da comunicação junto aos movimentos sociais, tornando-se mais plurais, devido a uma

> [...] comunicação dirigida a pequenos grupos e centrada nos aspectos combativos dos movimentos populares, passou-se – aos poucos – a ampliar seu alcance por meio da incorporação de meios massivos, principalmente

> de radiodifusão, e, portanto, de novos conteúdos e linguagens". (PERUZZO, 2006, p. 5).

3 REDE DE EDUCAÇÃO CIDADÃ: a perspectiva de comunicação que se quer construir

Ainda antes de entrarmos nas perspectivas de comunicação para a RECID, trataremos de contextualizar sua história, para que fins foi criada, sob qual período, como e com quem atua. Estes elementos são essenciais para que consigamos visualizar a dimensão de sua colaboração com o debate pela democratização da comunicação.

De acordo com a sistematização produzida pela RECID em 2006, Vamos lá fazer o que será - Mobilização Social e Educação Cidadã, seu surgimento tem vínculo com alguns programas de governo. Após a eleição de 2002, com a vitória de Lula, inicia-se um processo de políticas estruturantes, e uma delas é o combate à fome no país, por meio do Programa Fome Zero (PFZ). A ideia de enfrentamento da fome passa a garantir o acesso à alimentação como direito via políticas emergenciais.

> Foram criados o Ministério Extraordinário de Segurança Alimentar e Combate à Fome (Mesa) e o Gabinete de Mobilização Social, ligado ao presidente da República, com duas expressões simbólicas, os assessores especiais Frei Betto e Oded Grajew. O conjunto do governo, fruto da Carta ao Povo Brasileiro e da política de alianças ampla feita para ganhar as eleições e garantir a governabilidade, incorporou setores políticos de centro e do meio empresarial, especialmente na área econômica, enquanto as áreas da política social do governo estavam sob comando da esquerda e da centro-esquerda, configurando-se como um governo de composição política de centro-esquerda. (REDE DE EDUCAÇÃO CIDADÃ, 2006.p. 19).

Uma proposta formulada por Frei Betto e Oded Grajew traduzia o sentido de articulação de um mutirão com a sociedade civil, reunindo igrejas, movimentos sociais, estudantil, sindical, organizações não governamentais, pastorais populares e empresas, divididas em duas grandes frentes: uma motivada por Oded Grajew, estimulando no meio empresarial a responsabilidade social e outra formada por uma organização não-governamental em apoio ao Fome Zero.

Diante do desafio de erradicar a fome, Frei Betto incentiva os setores populares a resgatarem a ferramenta da Educação Popular como meio de aproximação dos mais pobres na ideia de seu autorreconhecimento enquanto sujeito

a fim de semear a transformação estrutural no país. “Usou-se o termo educação cidadã, ao invés de educação popular, para não ferir ouvidos mais sensíveis e atiçar setores da mídia conservadora”.

> Surgiram assim o Talher e o projeto Escolas-Irmãs. Na simbologia adotada para a mobilização social, o esforço foi juntar o tema: "saciar a fome de pão e de beleza" com palavras do cotidiano. Como havia o Mesa, em cima desta cabiam os Copos (Conselho Operativo do Fome Zero), com o papel de, em cada município, empresa, instituição, orientar doadores, fiscalizar, selecionar, cadastrar entidades. Havia os Pratos (Programa de Ação Todos pela Fome Zero): comitês de base onde pessoas ou grupos poderiam mobilizar-se para contribuir com o enfrentamento da fome e com o Programa Fome Zero. O Talher é instrumento para ajudar na alimentação cultural que incentiva e articula os processos de formação, a fome de beleza e de dignidade como fomes infindáveis. No caso, há a palavra correspondente em espanhol, 'taller', oficina de formação e capacitação. E a dar tempero, o Sal (Agentes de Segurança Alimentar), animadores, multiplicadores e monitores do PFZ na base da sociedade, tal como os Agentes Comunitários de Saúde ou os voluntários da Pastoral da Criança. A missão do Talher era ir ao encontro das famílias mais pobres incluídas nas ações do Mesa. (REDE DE EDUCAÇÃO CIDADÃ, 2006.p.20).

A RECID nasce com uma missão de atender socialmente as pessoas beneficiadas por estes programas governamentais no sentido de mobilizar, articular e politizar. Inicialmente, uma equipe criada por Frei Betto, com a dificuldade de ser encaixada nas estruturas do Estado, viviam quase que clandestinamente, sustentada por apoios financeiros conseguidos por Betto e que, mais tarde, foram contratados pelo projeto Mesa, como consultores da UNESCO (órgão das nações unidas para educação, ciência e cultura).

> A estratégia da proposta passava por constituir uma Rede de Talheres nos estados e municípios. A construção dessa Rede partia da Equipe Nacional de sete pessoas, passando, numa primeira etapa, por um Talher formado por seis pessoas em cada Estado do Semiárido, num total de 60 formadores(as) que, por sua vez, mobilizariam 300 pessoas em cada um dos dez estados, ou seja, 3.000 formadores-mobilizadores; e se chegaria à mobilização local, com formação de 40 pessoas (dos Copos/Sals/Talheres) em cada um dos 1.000 municípios do Semiárido, num total final de 43.060 pessoas mobilizadas. A prioridade inicial era o Nordeste e o Semi-Árido, onde também começava a implantação do Programa Fome Zero (Projeto de Educação Cidadã e de Mobilização Social. Abril/2003). (REDE DE EDUCAÇÃO CIDADÃ, 2006.p. 21).

Assim, construiu-se a Rede de Educação Cidadã, constituída com o que se intitula “pé dentro/pé fora”. O pé dentro é formado por pessoas contratadas dentro do governo, e pé fora é a sociedade civil, com o papel de desencadear um processo de educação cidadã (popular) multiplicador, com o objetivo de fortalecer as ações estratégicas dos movimentos, as iniciativas sociais de inclusão social e a construção de um projeto transformador. A ênfase, porém, era dada à ação educativa e político-pedagógica para a formação de uma Rede de Educadores, combinando autonomia (estratégia própria) com planos de trabalho e recursos para a ação.

Segundo Frei Betto, em uma de suas falas no 12 Encontro Nacional da Rede de Educação Cidadã, ocorrida em 2014, “nesses 11 anos, de todas as propostas de projetos dentro do governo, a RECID foi a única que deu certo, justamente por trabalhar a subjetividade humana na mente e coração das pessoas”.

E, no sentido de articular, mobilizar, formar politicamente indivíduos/sujeitos que se reconheçam como protagonistas, pessoas que criticamente se emancipem e se empoderem de suas histórias por meio da Educação Popular, a RECID levanta em um de seus debates o conceito de comunicação que está dado nas ideias sistematizadas por Freire (1983). Neste, Paulo Freire, ao analisar a relação “educacional” entre técnicos agrícolas e camponeses, coloca em questão a sua metodologia: trata-se de uma “extensão” das informações ou comunicação que propicie a consciência crítica. Para Freire (1983), a comunicação é: a coparticipação dos sujeitos no ato de pensar... Implica numa reciprocidade que não pode ser rompida. O que caracteriza a comunicação enquanto este comunicar comunicando-se, é que ela é diálogo, assim como o diálogo é comunicativo. A educação é comunicação e diálogo na medida em que não é transferência de saber, mas um encontro de sujeitos interlocutores que buscam a significação dos significados.

Entender e assumir a comunicação nesta perspectiva supõe o rompimento com a perspectiva vertical do processo de comunicação. A primeira delas é o esquema clássico sobre o processo de comunicação que aprendemos nas escolas, composto por um emissor, que emite uma mensagem usando um código através de um meio; e que há um processo de decodificação e um receptor passivo desta comunicação. Este esquema dá sempre a ideia de que a comunicação é algo que vem de cima para baixo, de alguém que tem a informação para alguém que não a tem.

Pensar a comunicação na ótica do conceito do Paulo Freire é inverter esta lógica e acreditar que o receptor não recebe a informação passivamente e que, além de receptor, também é emissor e pode assumir este papel no ato comunicativo, tornando-o mais circular e de mão dupla. Ele recebe a mensagem, mas também pode produzi-la e enviá-la: isso é comunicação. Portanto, só há uma relação de horizontalidade entre os sujeitos comunicantes.

Pensada nesta linha, comunicação é muito mais do que apenas a troca de informações; ela é relação e diálogo e também não se resume apenas ao sistema de mídia e aos meios (rádio, jornal, tv, internet, etc). A comunicação é, primeiro, uma necessidade básica da pessoa humana, do ser social, pois é ela que nos ajuda a estabelecer entendimento em meio às contradições e conflitos da convivência social, das relações humanas.

Se a comunicação é uma necessidade, logo, ela também passa a ser um direito humano. Há, entretanto, a necessidade de aprofundar o direito das pessoas de ter acesso à produção e acesso à informação, inclusive às informações públicas. É importante salientar que há vários processos de interação que expressam situações diferentes de comunicação, das mais superficiais às mais profundas.

Poderíamos dizer que há processos mais autênticos ou inautênticos, ou ainda, processos que produzem mudanças e os que não nos modificam. A comunicação, então, pode ser: aparente, superficial, autoritária ou real. A comunicação pensada numa ótica de tornar público os assuntos públicos também é responsável pelo processo de democratização observado na modernidade. Nenhum sistema ditatorial resistiu à abertura e ao acesso às informações. Só consegue resistir se fechar as possibilidades de acesso à informação.

A dominação e o poder, portanto, estão muito ligados à capacidade de opressão via negação ou não da possibilidade de comunicação e de acesso a ela. A comunicação se constitui num poder na medida que tem a capacidade “ideológica”, por meio de seus processos de edição, de encobrir e falsear o real dando diferentes versões para os fatos, dependendo da intencionalidade de quem comunica. Na disputa de projetos, ela joga papel fundamental na criminalização dos movimentos e grupos sociais; no falseamento, via seu conjunto de mecanismos, de realidade e na inversão de valores.

3.1 O Projeto Político Pedagógico e a comunicação

Além de assumir o diálogo e a humanização, que só se realizam numa relação de comunicação como premissas centrais em seu processo educativo, em seu Projeto Político Pedagógico, a RECID aponta, já na caracterização de um Projeto Popular (RECID, 2007, p. 11), a importância política da democratização e controle social e comunitário dos meios de comunicação social e o protagonismo/liberdade das comunidades na produção de sua linguagem, simbologia e comunicação. Há um conjunto de diretrizes que se relacionam com a ideia de efetivação da democracia direta. Isso vale também para o campo da comunicação. Mas há também um conjunto de diretrizes que dizem respeito direto ao tema, como as que se destacam a seguir:

> 3.4 – Construir, acompanhar e fortalecer instrumentos de comunicação popular, como ferramentas para a reflexão e a vivência da ética do cuidado com a vida e com o Planeta Terra; 9.3 – Promover o debate sobre patentes e propriedade intelectual, garantindo a luta contra a biopirataria e valorizando o conhecimento enquanto bem da humanidade; 10.6 – Participar e incentivar a luta pela democratização dos meios de comunicação social comerciais e pela desburocratização do acesso às rádios e TV's comunitárias, para o fortalecimento do poder popular e o protagonismo das comunidades na produção de sua linguagem, simbologia e comunicação, para enfrentar a homogeneização cultural e política construída pelos meios de comunicação social conservadores. (RECID, 2007, p. 11).

É este conjunto de princípios e diretrizes que retomam a ideia do diálogo como categoria central nos processos educativos e de comunicação. O protagonismo das comunidades na produção de sua comunicação e a democratização da produção e do acesso às informações e do sistema de comunicação brasileiro que orientou a elaboração na Política de Comunicação. Portanto, queremos construir, na RECID, a comunicação como um processo coletivo de construção do conhecimento, de humanização, de diálogo, de relações horizontalizadas e de expressão da diversidade à luz do Projeto Político Pedagógico, tendo em vista a perspectiva da transformação social.

No próximo capítulo, veremos as contribuições da RECID, por meio de seus processos formativos, na prática, para o debate sobre a consciência crítica em torno da democratização da comunicação.

3.2 Comunicação é direito humano

Um dos pilares de uma sociedade democrática é o direito humano à comunicação, o que implica em afirmar o direito de todas as pessoas se expressarem, terem acesso à informação e à produção dos meios, de ouvir e ser ouvido.

O direito humano refere-se àquele indispensável para realização humana, e assumi-lo como um direito universal, indivisível, interdependente e indissociável dos outros direitos seria o ponto indispensável para impedir que os meios de comunicação sejam concentrados por uma parcela significativamente menor da população. Porém, mesmo com a Declaração Universal de Direitos Humanos, na qual constam dois direitos fundamentais em questão: o direito à informação e à liberdade de expressão, não consegue garantir que sejam democraticamente efetivados.

A campanha que reúne diversas organizações, a Communication Rights in the Information Society,[1] reunidas no Forum Social Mundial, em 2005, defendem a ideia de um novo direito: O direito à comunicação. Não se trata de um debate novo, ao contrário, é histórico, desde a década de 70, mas que ganhou fôlego com a "Nova ordem Mundial da Comunicação e Informação" (NOMIC).

> Todos os problemas levantados pela NOMIC, através das resoluções e do Relatório MacBride, continuam a pautar as discussões atuais, como por exemplo: "a eliminação dos desequilíbrios e desigualdades que caracterizam a situação atual"; "na eliminação dos efeitos negativos de certos monopólios, públicos ou privados, e das concentrações excessivas"; "na eliminação das barreiras externas e internas que se opõem a uma livre circulação e a uma difusão mais ampla e melhor equilibrada da informação e das ideias"; "na pluralidade das fontes e canais da informação"; e "a diversidade na solução dos problemas da informação e da comunicação é necessária já que as condições sociais, políticas, culturais e econômicas diferem de um País a outro e, no centro de um mesmo País, de um grupo a outro".(GOMES, 2007, p. 129).

Para Lima (2011), a consolidação do direito à comunicação no Brasil ainda está distante de ser efetivada do seu ponto de vista conceitual, pois, apesar de ser uma disputa antiga, os principais atores que lutam nessa área não

---

1

Communication Rights in the Information Society (CRIS), é uma campanha que luta pelos direitos à informação, o uso democrático dos meios de comunicação, a liberdade de expressão. Formada por várias organizações nacionais e internacionais na defesa da comunicação enquanto direito fundamental.

compreendem a ideia de que o direito à comunicação está um passo a frente do direito à informação. Que a grande mídia que fala em liberdade de imprensa a igualiza com a liberdade de expressão, omitindo que esse é um direito do cidadão, de ser informado e informar, deslocando o sujeito de direito e transferindo o exercício de cidadão e cidadania às empresas intermediárias desses processos.

> Quando você fala em direito a comunicação, é muito difícil que você desloque o cidadão, sujeito concreto, esse direito. Ele é quem tem de estar em primeiro lugar, ser atendido, pois é o sujeito. Toda essa discussão passa a ser em função dos benefícios, da necessidade que o cidadão tem, não só de ser bem informado, mas de ter a capacidade de fazer também o sei ponto de vista, a sua opinião, de ser ouvido. (LIMA, 2011, p. 232).

Lima (2011) aponta que numa democracia liberal, como a do Brasil, é um equívoco político acreditar que a democratização da comunicação ocorra a partir da grande mídia, mas sim por meio de alternativa à grande mídia, num sistema plural, diverso e que seja exercido pela maior parte da população. Isso significa políticas públicas em nível de Estado “[...] que incentivem mídias alternativas à grande mídia, que democratizem a legislação de rádios comunitárias, que incentivem a criação de jornais, rádios, TVs comunitárias”. (LIMA, 2011, p. 233)

Há caminhos possíveis, acredita Lima, que mesmo com as limitações, por exemplo, a Empresa Brasil de Comunicação (EBC), é um avanço, pois, ao se proclamar legalmente como uma instituição de comunicação pública, desloca a discussão sobre o que é comunicação pública para o campo legal já positivado, provocando uma série de questionamentos sobre o ser ''público''. Até então se tinha o ser estatal e privado, portanto avançou-se no debate deste campo.

A negação ou a violação do direito, que em suma expressa uma necessidade contínua, afeta o ser do sujeito.

> Os seres humanos não podem ser privados de seus direitos de viver e ainda existir; nem podem ser privados de seu direito de comunicar sem que se diminua sua dignidade humana e sem que se negue sua própria condição de humanidade. (LIMA, 2011, p. 234).

3.3 Percalços, do direito

Se é sabido que a comunicação é um direito humano, e que inúmeras ações são desenvolvidas por diversas organizações, como o FNDC no debate por políticas contra a ausência de pluralidade e diversidade nos meios de comunicação

brasileiros, o que mais pode estar em jogo? Quais são os entraves que dificultam o andamento de um outro projeto de comunicação?

Desmond Fisher (1984) afirma que o direito de comunicar não é o grande curador de todos os males, mas salienta que:

> O direito de comunicar não é uma panacéia para os males do mundo. Não irá resolver os problemas de desenvolvimento, o problema de um fluxo de comunicações mais equilibrado, ou uma distribuição mais justa dos recursos de comunicações – nacional ou internacionalmente. Não irá assegurar a paz mundial, o progresso da educação, ou endireitar as insuficiências do Terceiro Mundo. Aqueles que procuram usar o conceito do direito de comunicar ou como justificação para promover 'imperialismo cultural' ou para combatê-lo ou para fins econômicos e políticos, estão prostituindo-o para fins os quais ainda que dignos, não deveriam ser ligados ao direito humano fundamental de comunicar. (FISHER, 1984, p. 48).

Gomes (2007) reflete que o direito humano à comunicação, expressa uma ampla utilização das mídias para efeitos de emancipação – programas descentralizados; todo receptor: um emissor potencial; mobilização das massas; interação dos participantes, *feedback;* processo de aprendizagem política; produção coletiva; auto-organização, são necessidades construída a partir das contradições do processo de instauração e sedimentação das indústrias culturais na globalização. Afirma que o acesso não é suficiente e terminou por instigar a uma participação seletiva nas condições de produção, objetivo do modelo econômico instaurado - capitalismo monopolista, neoliberalismo – gerou os excluídos do consumo e que, por outro lado, as tecnologias em rede potencializaram, mesmo em pequena escala, as mobilizações sociais; as novas tecnologias digitais na área do audiovisual barateram a produção.

> Portanto, a melhor declaração seria o direito humano à comunicação, pois expressa o direito de participar de todos os processos da comunicação, como a reafirma enquanto direito fundamental. A consolidação valorativa do direito à vida, à alimentação, ao trabalho, à terra, à educação, à moradia, à cultura, à liberdade de ir e vir, enfim, já faz parte da moral e da ética das sociedades, mesmo enfrentando contradições. A comunicação como direito humano vem erguendo sua afirmação na história, na medida que ganha credibilidade e legitimidade de grupos cada vez mais amplos e diversos; sua fundamentação enquanto conceito, provocando debates epistemológicos e políticos; buscando assim a ambiência da positivação. E tudo isso, não se pode olvidar, acontece sob a égide da disputa. (GOMES, 2007, p. 130).

Temos até aqui alguns fatores importantes em nossa reflexão, que são pertinentes citar: Primeiro, que os meios de comunicação não são acessíveis e que, portanto, provocam a necessidade de organização da sociedade civil que como, vimos - está em processo. Segundo, que a comunicação está cercada por um direito, o humano, por ser um direito fundamental a informação e a liberdade de expressão;

Terceiro, que a comunicação está numa disputa, justamente por não ser acessível e que, diante disso, temos também uma negação à democracia no que tange a participação social. Veremos a seguir como o processo de formação da consciência crítica e rompimento da situação de violência colaboram nos processos da amplitude da participação cidadã na comunicação.

4 DIÁLOGOS: a palavra e a educação, um olhar Freireano na formação cidadã

Antes de entrar no ponto principal deste capítulo, sobre a educação como prática libertadora e o rompimento da relação de opressão, é importante que entendamos a palavra a partir de Paulo Freire, sua relação “amorosa” com os seres no mundo. Ao pensar na existência, na prática enquanto liberdade, o que caminha ao inverso da sociedade hoje estruturada numa dinâmica na qual há grupos e organizações dominantes sobre um grupo, a maioria dominado. Com cuidados de tratar o sujeito enquanto sujeito, e não como “coisa”. Essa postura, denominada Freireana, observa sensivelmente e criticamente a postura do ser no mundo, numa relação dialética, portanto a necessidade de compreendermos sua palavra no trato humano, humanizador das relações.

Na perspectiva dos conceitos trazidos por Paulo Freire acerca da comunicação e para o debate travado por grupos e movimentos sociais na reflexão sobre a comunicação popular, considera-se pertinente, como elemento e no sentido de convergência existente entre a proposta de relação dos temas que circulam o debate e suas aproximações ideológicas de campos de atuação diferentes, mas que convergem, explicitar neste capítulo a ideia de Educação libertadora, por considerar-se que este conceito possui posicionamentos ético-políticos de transformação social.

Em seu livro “Pedagogia do Oprimido”, Freire, traça um fazer pedagógico no qual os oprimidos se tornam capazes de conceber uma percepção de mundo na busca da reflexão sobre o mesmo. Reflete elementos do que denomina como educação bancária, que dá, por exemplo, prioridade à memorização e não problematiza os conteúdos trabalhados. Consequentemente, reproduz-se a não criticidade, ressaltando-se os valores de uma classe dominante a qual atende ao mercado capitalista. Desta forma, a educação reproduz uma forma opressora, desenvolvendo pessoas sem um posicionamento frente a realidade, até por ter limites em percebê-la por não ter tido oportunidade de entendê-la e questioná-la devidamente.

> A educação popular, como mediação, pode ser espaço de identificação, de sedução e de realização da pulsão de estar junto, propondo espaços de debate argumentado e de busca de coesão do grupo. Por exemplo, esses espaços podem ser os núcleos e grupos com os quais trabalhamos na perspectiva da construção de um projeto popular de Brasil, sobre os fundamentos da educação popular crítica, libertadora. A comunicação será libertadora quando o povo expressar, com a própria voz, os seus próprios valores e sua visão de mundo. Ou seja, quando essa comunicação

> conseguir organizar o que está disperso, valorizar os elementos progressistas que subsistem no povo e tiver interdependência entre a comunicação intergrupal e a massiva. Enquanto na comunicação vertical o emissor é sujeito e o receptor, objeto, numa postura conservadora, na comunicação horizontal os sujeitos se intercomunicam, pois há participação, e ela existe para buscar transformar-se na ação. (RECID, 2010a).

A afirmação de Freire (2005) é que o homem é um ser histórico que deve, portanto, observar seu passado para construir seu futuro, sendo seres em constante movimento e transformação. Dessa forma, a medida que consegue perceber sua realidade e refletir sobre ela, atinge o conhecimento crítico, se constituindo como ser histórico a partir de uma educação problematizadora. Neste sentido, Freire pontua como dever da educação a compreensão que os interesses individuais somente se realizarão se estiverem integrados aos interesses coletivos da sociedade, estabelecendo uma relação dialógica. Assim sendo, “a educação é um ato político”. Esta é uma educação denominada por Freire como sendo libertadora, resultante de um processo permanente de conscientização dos sujeitos, sua relação com a sociedade e com as relações de opressão. Traz uma compreensão à superação da dicotomia entre opressores e oprimidos.

Freire esclarece ainda, que a educação “bancária” não colabora com a formação de um sujeito crítico, pois é reducionista ao ver o aluno como ser individual e não relacioná-lo ao coletivo, numa forma que o professor deposita neste o conhecimento que possui sem que haja a possibilidade de dialogo. E se o diálogo é base da comunicação, temos aí um processo retardatário histórico.

> Tanto quanto a educação, a investigação que a ela serve, tem de ser uma operação simpática, no sentido etimológico da expressão. Isto é, tem de constituir-se na comunicação, no sentir comum uma realidade que não pode ser vista mecanicistamente compartimentada, simplestamente bem “comportada”, mas, na complexidade de seu permanente via a ser. (FREIRE, 1987, p. 118).

E Augusto Boal (1979, p. 97) complementa:

> [...] educação consiste numa relação dialética em que a sociedade educadora não só permite, mas necessita que o educando atue como sujeito, considerando que esse não vai ser assimilado por uma sociedade já feita, não-modificável, mas que vai modificá-la conforme suas próprias necessidades e desejos. O educador oferece seus valores e seus conhecimentos para que sejam, não aceitos passivamente, mas dinamicamente incorporados pelo educando.

Assim sendo, não atende-se somente uma forma de opressão, mas de todas que foram identificadas como tais, pois entende-se que “opressão é uma relação concreta entre indivíduos que fazem parte de diferentes grupos sociais,

relação que beneficia um grupo em detrimento do outro", de modo que a preocupação se dá com o sujeito que vive nesta situação e que busca compreender sua realidade, muitas vezes ainda não reconhecida, lutar contra e romper com ela, transformando a situação de oprimido.

Freire defende a ideia de que a educação é um ato dialógico, ressaltando uma razão dialógica comunicativa, afirmando que o conhecimento e o pensar estão ligados à relação com o outro e destes com o mundo e, ainda, que os diversos conhecimentos necessitam de expressão e comunicação, pois não se trata de um ato solitário.

Configura-se uma visão de cunho social e humanizador, na qual reafirmam a necessidade do rompimento da opressão, do pensar crítico, da mudança social a partir do sujeito na coletividade, com possibilidades da construção de meios em que possam atuar frente a um contexto social mais igualitário, ou menos desigual.

No âmbito educacional, Freire, busca reflexões no processo de conscientização e de libertação social trazendo subsídios teóricos e práticos, provocando um novo olhar sobre as práticas sociais excludentes na sociedade.

Frente ao nosso objeto de estudo, na reflexão sobre o acesso à comunicação e os debates travados para sua democratização, se há a necessidade de democratização, é porque há problemas estruturais que geram e delimitam a participação social. Diante disso, alguns questionamentos ficam inquietos, entre eles: Qual a relação dos processos de conscientização e a libertação social com a democratização da comunicação? Quais as similaridades entre as práticas libertadoras trazidas pelos dois pensadores? No que contribui para o avanço no debate comunicacional em nosso país?

Com base nestas questões e, ainda, compreendendo a conscientização enquanto processo permanente de assunção da condição de ser humano, Freire (1983) diz que somente o homem pode-se distanciar do mundo e refletir sobre ele, na ideia de ultrapassar a fase espontaneísta de apreensão da realidade para conseguir construir uma postura epistemológica. Portanto, "[...] a conscientização não pode existir fora das "práxis", ou seja, do ato como uma unidade dialética. Assim, Freire acredita que a conscientização é um compromisso histórico. Na medida em que o sujeito se insere criticamente na sociedade, consegue desvelar a realidade e transformá-la.

Essa transformação se dá a partir de sua vivência de mundo, pois nesta, o sujeito compreende seu meio assim como sua participação. Sob essa perspectiva, é inevitável a reflexão de que a educação possui um papel maior do que o trato de conteúdos, mas tem, sobretudo, uma função política frente ao processo de conscientização e de libertação dos sujeitos num contexto social, de modo a tornar possível a amplitude da experiência humana. Freire, ao considerar a conscientização como compromisso histórico, afirma que o sujeito, ao reconhecer seu papel no mundo, necessariamente, repensa sua forma de ver e atuar no mundo. Assim, a realidade se torna um objeto do pensar crítico, na ideia de reestabelecer as relações entre as classes sociais e os sujeitos. Por este motivo, Freire reflete que a conscientização é um processo contínuo e interminável, visto que é um processo cíclico, que se concretiza na relação ação/reflexão/ação, na ideia de que, ao compreender a realidade, o sujeito necessita transformá-la.

No contexto opressor, as classes sociais historicamente são reduzidas ao lugar de recepção passiva de ideologias e modelos comportamentais externos a sua classe, cultura e histórica. Tão enraizada a cultura de costumes, hábitos, e formação social.

> A cultura – por oposição à natureza, que não é criação do homem – é a contribuição que o homem faz ao dado, à natureza. Cultura é todo o resultado da atividade humana, do esforço criador e recriador do homem, de seu trabalho por transformar e estabelecer relações de diálogo com outros homens. A cultura é também aquisição sistemática da experiência humana, mas uma aquisição critica e criadora, e não uma justaposição de informações armazenadas na inteligência ou na memória e não "incorporadas" no ser total e na vida plena do homem. (FREIRE, 2000, p. 21).

No caminho do formar a consciência crítica, o sujeito percebe que seu corpo não é uma máquina de produção de capital e que sua voz, tanto do educando quanto do educador, podem ser instrumentos significativos para a mobilização social e, sobretudo, que outras pessoas podem se libertar, uns com os outros, mediatizados pela própria cultura. Portanto, seu intuito central é o de transformar o povo que, ora passivo, em sujeito transformador (BOAL, 2005). Ao verbalizar da perspectiva do oprimido, o povo, não recebe passivamente o que lhe é oferecido por grupos hegemônicos.

Neste sentido, Freire, dialoga sobre a reflexão de uma libertação dos oprimidos, no despertar de seu olhar de mundo, problematizando-o e se

reconhecendo enquanto sujeito para, a partir de sua realidade, gerar as transformações necessárias, que se dão no bojo de sua práxis.

> A violência dos opressores que os faz também desumanizados, não instaura uma outra vocação – a do ser menos. Como distorção do ser mais, o ser menos leva os oprimidos, cedo ou tarde, a lutar contra quem os fez menos. E esta luta somente tem sentido quando os oprimidos, ao buscar recuperar sua humanidade, que é uma forma de criá-la, não se sentem idealistamente opressores, nem se tornam, de fato, opressores, mas restauradores da humanidade em ambos. E aí está a grande tarefa humanista e histórica dos oprimidos – libertar-se a si e aos opressores. Estes, que oprimem, exploram e violentam, em razão de seu poder, não podem ter, neste poder, a força de libertação dos oprimidos – libertar-se a si e aos opressores. (FREIRE, 2006, p. 30-31).

De acordo com o que vimos até aqui, a conscientização social, fruto de um processo formativo político e reflexivo sobre as situações reais cotidianas de injustiças, perpassam por um intenso e complexo rompimento com a opressão vivenciada por diversos sujeitos que, ao se reconhecerem como tal, descobrem-se enquanto seres que podem ser ativos no enfrentamento de questões que são latentes da sociedade, de forma não somente utópica em seu sentido primário, mas como um idealismo,

> [...] é a dialetização dos atos de denunciar e enunciar, o ato de denunciar a estrutura desumanizante e de anunciar a estrutura humanizante. Por esta razão a utopia é também um compromisso histórico. A utopia exige o conhecimento crítico. [...] Não posso anunciar se não conheço, mas entre o momento do anúncio e a realização do mesmo existe algo que deve ser destacado: é que o anúncio não é anúncio de um anteprojeto, porque é na práxis histórica que o anteprojeto se torna projeto; [...]Além disso, entre o anteprojeto e o momento da realização ou concretização, há um tempo que se denomina tempo histórico; é precisamente a história que devemos criar com nossas mãos e que devemos fazer; é o tempo das transformações que devemos realizar; é o tempo do meu compromisso histórico. Portanto, a defesa de uma utopia da comunicação tem como razão de ser o compromisso histórico, o conhecimento crítico, o pronunciamento de um anteprojeto que se faz projeto na práxis, na emergência da subjetividade inconformada com o que não existe no que existe, num tempo histórico que é a história sendo transformada pelas mãos dos sujeitos, pela imaginação atrelada a realidade. (FREIRE, 2005, p. 32).

Freire, o educador, concebe suas propostas metodológicas com a preocupação sobre a opressão social. Observamos que as práticas educativas apresentam estreita ligação com a atividade política. São, em suma, extremamente políticas. Ressalta as marcas da sociedade, contextualizando historicamente, e traz a ferramenta educação popular como processo de construção social, ligada à realidade vivida por seus sujeitos.

Na compreensão, que parte de todo processo formativo emancipador, veremos como a Rede de Educação Cidadã, por meio da Educação Popular, colabora com os debates reflexivos acerca da democratização da comunicação: primeiro, no trabalho de conscientização, conforme Freire estabelece; segundo, rompendo com as situações de opressão que hegemonicamente dominam classe sobre classe, de acordo com Boal; e, terceiro, a reconhecendo como um direito humano.

5 O CAMINHAR DA REDE DE EDUCAÇÃO CIDADÃ: contribuições para o processo de democratização da comunicação, participação social e democracia

Até este ponto do trabalho, um dos nossos principais interesses foi identificar como os processos de formação política crítica desenvolvida com movimentos e organizações da sociedade civil por meio da Rede de Educação Cidadã surtem efeito ou são molas condutoras para os debates acerca da comunicação, transformando-a em uma possível "comunicação popular". Em resumo, pretendíamos saber em que ponto esses processos colaboram com as transformações sociais dos sujeitos e deste em relação ao mundo e, primordialmente, se isso interfere na democratização da comunicação e no seu reconhecimento enquanto direito humano.

Algumas possibilidades e reflexões de início, numa forma diversificada, são elementos que perpassam de maneira, às vezes subjetiva, a formação de sujeitos que, conscientes de seu papel no mundo, atuam criticamente em debates de comunicação, enquanto em sua participação social. É considerável a complexidade das comunidades envolvidas, assim como sua heterogeneidade diante do tema envolvido e do trabalho em curso de tentar abordar de forma qualitativa o desempenho enquanto sujeitos do mundo em processo de formação.

Analisam-se os relatórios pedagógicos das atividades formativas nas quais debatem-se o papel da comunicação e dessas comunidades enquanto sujeitos, trazendo como ferramenta a educação popular no desenvolvimento dos debates.

De acordo com o explicitado no capítulo introdutório, os relatórios que analisamos fazem parte das atividades realizadas pela RECID, sob a perspectiva de formação política com base na metodologia e reflexão sistematizada por Paulo Freire, na qual a troca de saberes é essencial, assim como o diálogo no debate comunicacional.

Neste sentido, é primordial entender que a RECID (2003 apud LIMA, 2011) é uma

> [...] articulação de diversos atores sociais, entidades e movimentos populares do país que assumem solidariamente a missão de realizar um processo sistemático de sensibilização, mobilização e educação popular da população brasileira e principalmente de grupos vulneráveis econômica e

> socialmente (indígenas, negros, jovens, LGBT, mulheres, etc), promovendo o diálogo e a participação ativa na superação da miséria, afirmando um Projeto Popular, democrático e soberano de Nação.

O objetivo desta ação se realiza na medida em que estes grupos – que ainda hoje se encontram à margem dos direitos garantidos pela Constituição Brasileira e por outras declarações e tratados internacionais – tomem consciência da sua realidade e se organizem coletivamente para superar todas as situações de negação de seus direitos, rumo à sua autonomia e emancipação.

Para Scherer-Warrer (2006), as redes são uma forma de organização, articulação e mobilização. São consequências de um enredamento. Define-se, portanto, as identificações adversárias e os projetos de transformação social num processo de redefinição do conjunto de ideias e planos. Ao chegar nesta consciência ou forma de organização, os movimentos sociais passam de uma organização só para uma ideia mais grupal ou coletiva, fazendo parte de um processo de formação político e em nome de um projeto utópico social. Podemos afirmar que a articulação entre vários atores sociais e organizações que constroem coletivamente objetivos em comuns se tornam uma rede de movimentos sociais.

> Portanto, quando elegemos como conceito teórico a noção de rede de movimentos sociais referindo-nos à síntese articulatória, à amálgama ou às redes das redes do agir e pensar coletivo representadas através de diversos formatos organizacionais não estamos abandonando a tradição de análise já clássica na literatura dos movimentos sociais, ou seja, a ideia de que um movimento social existe quando há: um princípio de identidade construído coletivamente ou de identificação em torno de interesses e valores comuns no campo da cidadania; a definição coletiva de um campo de conflitos e dos adversários centrais nesse campo; a construção de projeto de transformação ou de utopias comuns de mudança social nos campos societário, cultural ou sistêmico. (SCHERER-WARRER, 2006, p. 3).

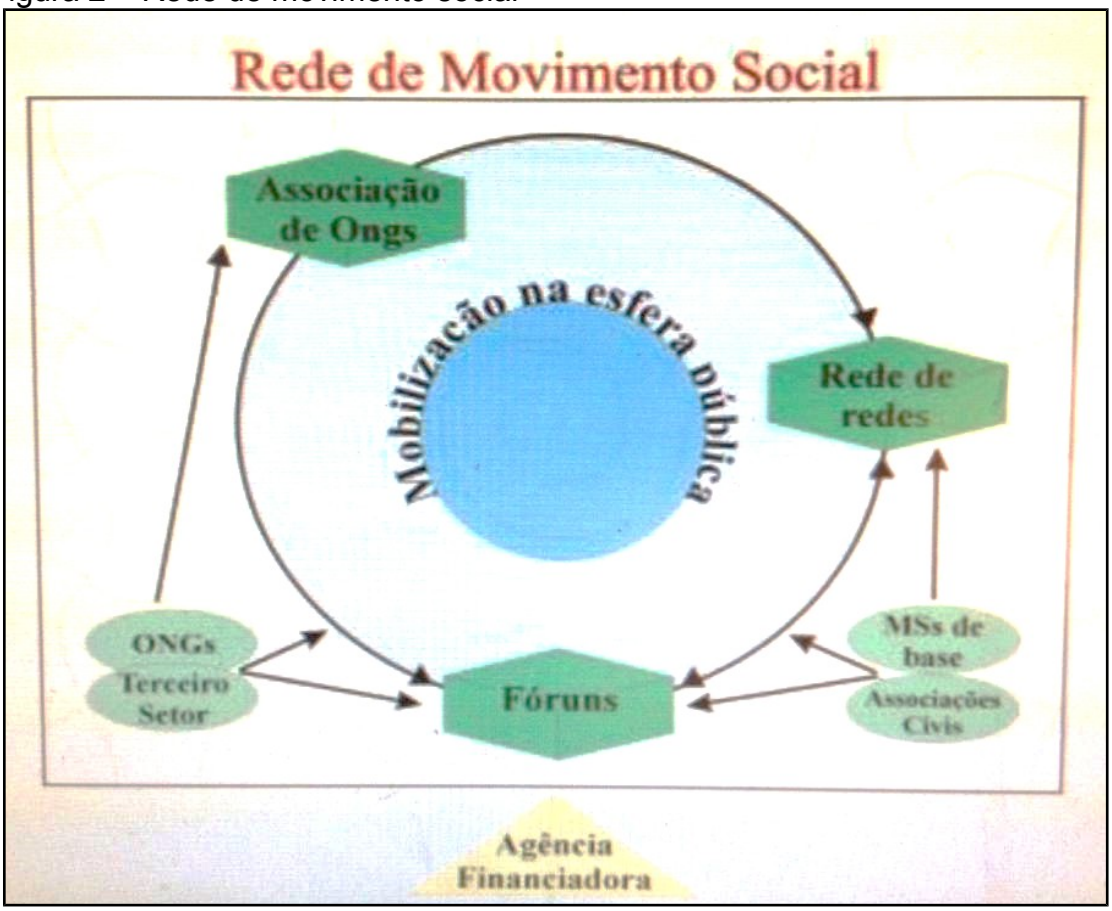
Em determinados contextos, estabelecem-se articulações discursivas em torno de uma mesma contestação, seja por uma situação de exclusão, seja por demandas que não foram satisfeitas pelo sistema. As organizações e articulações entre os cidadãos e cidadãs, movimentos sociais, fóruns, associações etc., na busca de uma relação e mediação política para o empoderamento da sociedade civil, se tornam possíveis e viáveis as parcerias institucionalizadas entre sociedade civil e o Estado, mesmo com demandas totalmente específicas. Portanto, busca-se encontrar conexões comuns nesta relação, não deixando de lado as utopias, e se fazem necessárias algumas disputas:

> É necessário acrescentar que essas articulações não se dão casualmente, mas sim quando há formatos articulatórios que as operam. Laclau (op. cit.,)

> completa que para que isso ocorra seriam necessárias duas condições: a disputa pela hegemonia, no campo discursivo, e a existência de um significante vazio. A hegemonia se constrói quando certo discurso mobilizador em particular assume uma posição mais universal mas sempre provisória e, ao mesmo tempo, se desenvolve como um significante vazio, isto é, quando o discurso se despoja de conteúdos precisos e concretos referidos a significados restritivos ou muito particularizados, em outras palavras, quando o particular expande seus sentidos para além de seu conteúdo original, isto é, ele tem a capacidade de articular vivências diversas mas que permitam uma aproximação no plano discursivo (Ibid, p. 2425). (SCHERER-WARRER, 2006, p. 3).

A ideia de rede de movimento social é, portanto, um conceito de referência que busca apreender o porvir ou o rumo das ações de movimento, transcendendo, portanto, as experiências empíricas, concretas, datadas, localizadas dos sujeitos/atores coletivos, conforme representado na figura abaixo.

Figura 2 – Rede de movimento social



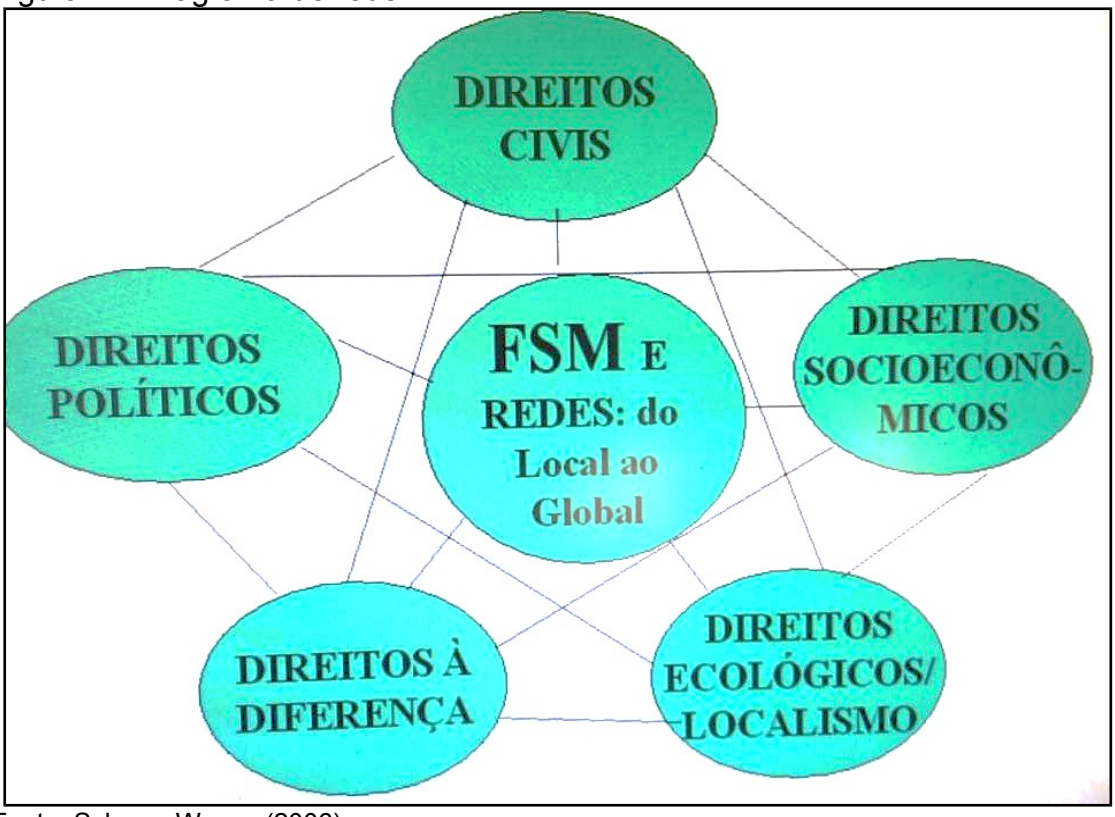
Fonte: Scherer-Warrer (2006)

Segundo Scherer-Warrer (2006), há alguns fóruns e redes de organizações que são espaços importantes para a articulação nas mais variadas dimensões sociais em relação às lutas por direitos humanos. “Assim, através dessas

articulações em rede de movimento, observa-se o debate de temas transversais, relacionados a várias faces da exclusão social e à demanda de novos direitos". (SCHERER-WARRER, 2006)

Scherer-Warrer (2006) afirma que essa transversalidade dos direitos possui uma referência organizada na Plataforma Direitos humanos econômicos, sociais, culturais e ambientais (DhESCA) e, nesta, são defendidos que os direitos não sejam divididos, e que por conta desse fator, houve um crescimento de sujeitos e redes dentro do Movimento Nacional de Direitos Humanos e no Fórum de Entidades Nacionais de Direitos Humanos (FENDH), além de uma significativa demanda por direitos que implicam uma dimensão mais ampla da concepção de direitos humanos e aumento das mobilizações.

Figura 2 – Diagrama de rede



Fonte: Scherer-Warrer (2006)

A articulação dos movimentos sociais realizada pela RECID busca, a partir de seu empoderamento que, segundo Paulo Freire, se dá, com sua conscientização critica de mundo, interferir e ocupar novos espaços de participação, enquanto sujeitos ativos. Scherer-Warrer (2006) aponta que a cidadania se fortalece

e amadurece na medida em que esses espaços são ocupados por diversas organizações sociais.

> Preparar os sujeitos para se constituírem em atores de novas formas de governança requer a participação em diversos espaços: mobilizações de base local na esfera pública; empoderamento através dos fóruns e redes da sociedade civil; participação nos conselhos setoriais, no orçamento participativo e em outras parcerias entre sociedade civil e Estado; e, nos últimos anos, a busca de uma representação ativa nas conferências nacionais e globais de iniciativa governamental em parcerias com a sociedade civil organizada. Portanto, é nesse espaço que o empoderamento político e simbólico das organizações de base local se constrói e se reconstrói de forma mais efetiva. No espaço de representação, como nos fóruns da sociedade civil, é onde vai se construindo de forma mais sistemática as propostas para a transformação social e formas de negociação com o Estado e o mercado. (SCHERER-WARRER, 2006, p. 4).

5.1 Da consciência à consciência crítica-ação

A pedagogia Freireana, por compreender o homem como um ser de relações que está no mundo e com o mundo, apresenta dimensões existencialistas que, portanto, possuem significados plurais, críticos, consequência e temporalidade. Essas relações são ponto de partida para reflexão freireana sobre a consciência e a conscientização. Freire (1979) diz que a consciência humana se dá a partir do jogo dialético das relações homem-mundo, as quais acontecem simultaneamente.

> Na verdade, não há eu que se constitua sem um não eu. Por sua vez, o não-eu constituinte do eu se constitui na constituição do eu constituído. Desta forma, o mundo constituinte da consciência se torna um mundo da consciência, um percebido objetivo seu, ao qual se intenciona. (FREIRE, 1979).

Para Paulo Freire, o homem não se define pelo reflexo simples e direto do mundo que o rodeia e nem é definido por sua vontade ideal totalmente apartada de sua realidade, mas se projeta pela síntese da relação dialética consciência-mundo, uma relação complexa de mão dupla na qual a realidade vivenciada pelo homem tem o poder de condicioná-lo, porém, não a determiná-lo, já que ele tem a possibilidade de, refletindo criticamente, atuar sobre essa realidade e modificá-la, terminando por modificar a si mesmo. (FEITOSA, 2011)

Dentro da visão dialética nesta relação humano-mundo, há perspectiva de que ambos são inacabados. Assim sendo, Freire observa que os seres humanos estão em uma constante busca da transformação da realidade objetiva e os efeitos disto refletem-se na transformação de nós mesmos. É neste sentido que o

aprofundamento de uma consciência crítica nos conscientiza sobre a realidade, desenvolvendo a capacidade de transformá-la numa ideia de compromisso dos seres humanos com o mundo que, criticamente conscientes da realidade de opressão, são capazes de realizar ações que visem sua superação.

A conscientização provoca o ser de forma a conduzi-lo a uma ação, por fazê-lo compreender a sua responsabilidade na transformação ou manutenção da realidade, o que não podia ser percebido até então, se tornam desafios a serem superados. “Ao oprimido não basta saber-se oprimido; mas a conscientização deve inseri-lo em um processo de transformação da realidade”. (FREIRE, 1979, p. 38)

Freire reconhece que a conscientização não existe sem a práxis, ou seja, sem o ato de agir e refletir, criando uma unidade dialética que movimenta o processo de conscientização. Isto acontece de tal forma que a realidade humana não pode ser encarada de forma determinada, imutável, mas algo em constante construção. Se, todavia, no desvelamento da realidade, adotando uma postura frente a realidade, sem se engajar, sem interagir e sem transformar a realidade, Freire acusa como falsamente intelectual. A isso não pode dar-se o nome de conscientização.

> Ao oprimido não basta saber-se oprimido; mas a conscientização deve inseri-lo em um processo de transformação da realidade. [...] porque sou opressor, tenho a tendência a mistificar a realidade que se dá à captação dos oprimidos, para os quais a captação é feita de maneira mística e não crítica. O trabalho humanizante não poderá ser outro senão o trabalho da desmitificação. Por isso mesmo a conscientização é o olhar mais crítico possível da realidade, que a desvela para conhecê-la e para conhecer os mitos que enganam e que ajudam a manter a realidade da estrutura dominante. (FREIRE, 1980, p. 35 apud FEITOSA, 2011).

Assim, a conscientização se dá no desenvolvimento crítico da tomada de consciência, saindo de uma esfera puramente espontânea da apreensão da realidade, e atingindo a esfera crítica “[...] na qual a realidade se dá como objeto cognoscível e na qual o homem assume uma posição epistemológica” (FREIRE, 1980, p. 26 apud FEITOSA, 2011), ou seja, consciência crítica.

Alguns mitos são recorrentes na sociedade, e que levam à crença de sua incapacidade ou fatalismo diante de, por exemplo, a situação de miséria e desigualdades sociais, ainda atribuídas a questões de desenvolvimento tecnológico e científico, a não geração de riquezas necessárias para abranger todas as pessoas, ou ainda, que a violência que vemos todos os dias é fruto da natureza humana, ou por uma questão genética. Mitologização esta que leva a sociedade a acreditar que não é possível outra realidade, pois já está ela dada, e é assim mesmo. Exatamente nes-

te campo se dá a atuação dos poderes dominantes, hegemônicos, que impedem o homem de pensar, pois, mitificando a realidade, poderão mitificar a consciência.

Somente após a conscientização do ser humano, é que se torna possível sua interferência na realidade de forma crítica e humanizadora. Compreender que a comunicação é um direito e que, por sua, vez, como já vimos, está em posse dos poderes hegemônicos da grande mídia, é parte do processo de empoderamento enquanto sujeito em reconhecer essa realidade e atuar sobre ela. Neste caso, os movimentos, organizações e diversos atores sociais buscam a democratização da comunicação, de forma que possam usufruir dos recursos que esta disponibiliza.

Neste sentido, os saberes hegemônicos desenvolvidos na dissimulam a existência das relações opressivas, nas quais está ancorado o modo de produção das condições materiais de reprodução da própria sociedade. A comunicação popular, como sua prática de liberdade de expressão, sinaliza um movimento contra-hegemônico de produção de saberes que anuncia a luta de classes pela consciência do proletariado. Todavia, o movimento histórico da burguesia sobre a classe trabalhadora está voltado para impedir o desenvolvimento de sua consciência de classe e neutralizar a sua mais valiosa arma de luta. Pois, de acordo com Freire, quanto mais o oprimido conhecer sua situação de opressão, tanto mais lhe será possível desenvolver práticas sociais cuja consequência se materializará na forma de outro mundo possível e necessário.

6.2 Do fazer pedagógico à participação empoderada da sociedade

As atividades são realizadas a partir da identificação do local, da problemática apresentada pela comunidade ou grupo de pessoas que se dispuserem a participar. Uma vez identificada a necessidade da reflexão acerca do tema que gera o problema local, um grupo de educadores(as) organiza a atividade numa dinâmica popular freireana, na qual os diversos sujeitos serão provocados a refletir a dimensão da temática envolvida a fim de fazerem uma leitura micro, macro e novamente micro sobre os aspectos históricos que ocasionaram a situação.

Para tal, a educação popular, entendida segundo Freire (1987) como um método que reconhece os saberes da comunidade, sua cultura e constrói outras possibilidades de saberes que, após um olhar crítico da realidade, caminha para sua transformação, uma vez que anima o diálogo e a participação cidadã. Com a ideia

de realizar ações de capacitação para o segmento da população brasileira em situação de vulnerabilidade social e vítima de violação de direitos, visando à garantia dos direitos humanos, o fortalecimento da cidadania, à inserção produtiva e a ampliação do acesso às políticas.

Desta forma, organiza-se entre os momentos:

> A ideia da ação-reflexão-ação guia a prática educacional. Cada atividade a ser realizada terá estes três momentos. Da mesma forma, todo o processo de formação que buscaremos desenvolver trilhará este caminho.
> **1 -** Partir da Realidade imediata, que é resultado não só de uma ação ou experiência, mas de toda uma prática social e histórica, **PARA QUÊ**:
> **2 -** Possamos apropriar-nos de conceitos teóricos que nos permitam conhecer as distintas dimensões da realidade imediata e global, descobrindo as contradições mais profundas, **COM O OBJETIVO DE**:
> **3 -** Utilizar estes saberes como estratégias de ações transformadoras através de uma prática coerente. (RECID, 2010b, grifo do autor).

Portanto, as atividades se configuram:

a) Estudo da Realidade:

Ter a prática social como ponto de partida e de chegada é partir da problemática concreta de determinado grupo, de suas necessidades, do conhecimento que já possui sobre determinado tema e do nível de consciência do grupo. Prática social é composta por elementos objetivos e subjetivos, não é homogênea, é contraditória, submetida a ideologia dominante, contudo, com manifestações de resistência. Deste contexto, busca-se o universo de temas a serem trabalhados e o tema gerador ou estruturador dos demais, que é o segundo momento.

b) Aprofundamento Teórico:

Teorizar sobre a prática nos permitirá descobrir as contradições e tensões internas da prática social, indo além da aparência dos fatos até atingir seus elementos essenciais, passando do conhecimento empírico ao conhecimento teórico. Teorizar sobre nossa prática permite que aprofundemos o conhecimento sobre a realidade onde estamos inseridos. Assim, podemos situar nosso cotidiano dentro de um conjunto da totalidade social, fazendo um movimento complementar de ação-reflexão-ação que sai da particularidade para a generalidade, do específico

para o global, do micro para o macro. Ao realizar nossa própria teorização, torna-se necessário confrontar nossos conhecimentos com os de outras práticas já sistematizadas. Tudo isso contribui para a reflexão e reinterpretação da teoria, possibilitando qualificar a prática em questão (ação-reflexão-ação).

c) Troca de Saberes:

Fazer da teoria uma referência para nossas ações práticas é dar continuidade à reflexão do segundo momento, completando o círculo da ação-reflexão-ação. Organizando nosso plano de ação para colocá-lo em prática, intervindo na realidade. Nesse momento, voltamos a caminhar do plano mais geral para o específico, do macro para o micro, da abstração para o concreto. Todo esse processo só tem sentido se for coletivo, com a participação de todas as pessoas envolvidas, pois, para compreender a realidade se faz necessário ouvir as pessoas organizadas, sujeitos da experiência.

A partir desses elementos trazidos pela RECID, basearemos a dimensão do processo de formação e sua colaboração para o debate em torno da democratização da comunicação em nosso país em uma visão micro, ou seja, do local onde se desenvolveram algumas dessas atividades. Optamos por 10 oficinas que ocorreram com as seguintes comunidades, realziadas entre agosto de 2013 e fevereiro de 2014:

- Comunidade de quilombolas;
- Comunidade Indígena;
- Juventude do Movimento Sem-Terra.

Quadro 2 – Quadro da relação das atividades formativas desenvolvidas pela RECID– de julho/2013 a fevereiro/2014

Nº	Quando?	Comunidades/Sujeitos?	Participantes
1ª	16 de agosto de 2013	Comunidade Quilombola	19
2ª	10 de setembro de 2013	Comunidade Quilombola (estudantes)	19
3ª	23 de outubro de 2013	Movimento Sem-Terra	20
4ª	25 de novembro de 2013	Movimento Sem-Terra	15
5ª	29 de novembro de 2013	Várias organizações sociais	20
6ª	26 de janeiro de 2014	Movimento Negro	21
7ª	03 de fevereiro de 2014	Movimento Indígena	22
8ª	23 de fevereiro de 2014	Movimento Sem-Terra	20
9ª	25 de fevereiro de 2014	Movimento sem-terra	27
10ª	27 de fevereiro de 2014	Movimento indígena	33
			Total de participantes: 213

"Identificar as formas de comunicação na comunidade, bem como criar novas possibilidades de comunicação popular para se contrapor aos meios de comunicação alinhados ao projeto elitista e hegemônicos presente na região".

"Oficina de formação para aprofundar o debate da comunicação contra hegemônica, utilizando linguagens alternativas, como por exemplo, o Teatro do Oprimido e outras, principalmente com as juventudes (cigana, negros, índios, e demais etnias)".

Fonte: Dados da pesquisa.

Todos esses grupos e comunidades, iniciaram o debate a partir de uma problemática no local onde atuam ou residem. Nossas principais questões são:

- Problematização da realidade: que necessidades motivaram a realização da oficina? Há direitos humanos negados e violados? Quais?
- Aprofundamento teórico/conceitual da realidade: como se deu o debate? Quais foram as principais ideias em relação à problematização sobre DH? Que recursos foram utilizados? Quais dinâmicas? Como foi a participação? Quais foram as principais ideias em relação à problematização sobre Direitos Humanos?
- Aplicação do conhecimento/Formulação de estratégias de ação. Diante desta realidade: a que conclusões chegaram em relação ao tema? O que aprenderam?
- Como a atividade foi avaliada pelo grupo?

Essas oficinas de formação são atividades processuais ocorridas no estado de Mato Grosso do Sul. As que apontamos aqui são ações específicas sobre

o tema comunicação, com grupos já articulados pela RECID e que identificaram como principal desafio da luta social as questões que envolvem a temática.

No início do processo com cada grupo, identificou-se, limitações no sentido de compreender a comunicação como um direito humano, que transcende a utilização de aparelhos de massa (instrumentos) enquanto expectador(a). Todavia, não é difícil perceber que esses são os meios dos quais se servem para sentir-se inseridos na sociedade.

Na análise dos relatórios almejamos compreender em que medida o processo de formação da consciência, por meio da educação popular, realizados pela RECID, com grupos homogêneos, colabora no fortalecimento do debate acerca da comunicação e no enfrentamento contra-hegemônico da luta social por sua participação democrática na garantia dos direitos fundamentais.

No campo formativo, notam-se os avanços dentro da compreensão do conceito de comunicação, assim como de sua garantia enquanto direito constitucional e humano. Porém, há ainda muitos desafios a serem ultrapassados, o debate em alguns grupos ainda é inicial e, em outros, há organizações que se firmaram a partir das atividades de formação, à medida que o sujeito constrói um pensamento crítico. Portanto, conforme, Freire, a conscientização não pode se dar sem a práxis, na dialética ação-reflexão-ação, por meio do diálogo enquanto veículo pedagógico principal da educação conscientizadora que busca a liberdade como alternativa de construção da pessoa contra a massificação e a alienação e contra a introjeção da sombra opressiva.

> Que tem que ser forjada com ele e não para ele, enquanto homens ou povos, na luta incessante de recuperação de sua humanidade. Pedagogia que faça da opressão e de suas causas objeto de reflexão dos oprimidos, de que resultará o seu engajamento necessário na luta por uma libertação em que essa pedagogia se fará e refará. (FREIRE, 2006, p. 32).

A partir do diálogo e na investigação de outras formas de comunicação, os grupos exploraram, de forma tímida, outras possibilidades possíveis no ato de comunicar. A medida que ousaram e permitiram aprofundar na reflexão e na própria investigação do que compreendem pelo tema, novas falas surgiram, ainda como sujeito em início de descoberta.

O vídeo do grupo Intervozes – A verdadeira história da comunicação, é um ponto rico do debate, no qual várias inquietações surgem, desde os direitos mais

fundamentais até a hipótese de se criar meios próprios para fortalecer o diálogo horizontal entre as pessoas envolvidas nas comunidades específicas.

Em graus diferentes de percepção da realidade e das limitações da compreensão e questionamentos do que é ou não um direito, as comunidades avançam no processo de conscientização de forma satisfatória e indignada na percepção de sua situação de opressão, muitas vezes velada. Após esse processo, percebemos a iniciativa de algumas experiências, como por exemplo: a criação de um blog, de sites ou de jornais escritos, como forma de gerar a comunicação dentro da comunidade.

Ressaltamos a complexidade de mensurar a que ponto é perceptível a formação da consciência crítica, como diz Frei Betto em um dos capítulos deste trabalho, por justamente estarmos lidando com “mentes e corações”. Por outro lado, conseguimos verificar como esses processos se traduzem na prática das comunidades que os vivenciam.

De acordo com o quadro de atividades realizadas, selecionadas dentro de um período de 7 meses, com grupos distintos, decidimos relatar uma das experiências, a dos indígenas, que reflete uma conjuntura vivida por este povo em Mato Grosso do Sul.

Este grupo de indígenas criou sua própria página nas redes sociais e a alimenta de acordo com suas atividades. Além disso, despertaram o interesse audiovisual e produziram alguns vídeos registrando suas atividades de luta e resistência (ANEXO C). O motivo que levou os indígenas a refletirem sobre a importância de produzirem seu próprio material é reflexo da “mídia tendenciosa que divulga de forma distorcida as ações do povo indígena”. (Dionédison Cândido, indígena terena)

Da necessidade de conhecer de forma mais próxima ao engajamento da luta indígena no processo de democratização da comunicação, elaboramos uma entrevista com um dos membros da Hanaitiho’únevoTêrenoe (Grande Assembleia do Povo Terena) a fim de contribuir com a reflexão na análise dos relatórios. Pontuamos 07 questões. Identificaremos a entrevista Dionédison Demécio Cândido como Terena e as perguntas (P), como segue:

[P]: Há a organização do povo indígena terena? Qual?

[Terena]: Sim, existem várias organizações internas, tais como associação, das mulheres, apicultores, professores e outros. Existe organização do povo terena que abrange todas aldeias e no qual envolve todas lideranças terena, que é HanaitiHo'únevoTêrenoe (Grande Assembleia do Povo Terena)

[P] Qual a compreensão da organização do povo indígena sobre a comunicação?

Nossa compreensão com a relação da comunicação é ampla. Por exemplo, a comunicação permite fortalecimento intercambio entre povos diferentes, acessar notícias em tempo real, até mesmo mobilização entre indígenas nas redes sociais.

[P] Quais motivos levaram os indígenas a debaterem o tema?

[Terena]: Existem vários fatores, mas o que realmente levou os indígenas debater o tema é o preconceito das grandes mídias com a luta indígena.

[P] Há situação de negação de direito envolvida? Quais?

[Terena]: Sim. Na maior parte das manifestações indígenas, quando as grandes mídias percebem o acontecimento que não as favoreciam, não divulgam. Muitas vezes, não dão direito a voz aos indígenas para se defender ou até mesmo falar da realidade acontecimento. Apreensão dos materiais das rádios comunitários nas aldeias pela PF.

[P] Para os indígenas, a comunicação é um direito humano?

[Terena]: Sim. Vivemos no país de democracia, no qual todos deveriam ter acesso para falar ou defender seus direitos, divulgar suas culturas, história. Mas, infelizmente, isso não acontece, pois as tTVs e jornais são propriedades dos grandes empresários que defendem seus interesses.

[P]Os indígenas acreditam que é possível a democratização da comunicação? Como é possível?

[Terena]: Sim. Acreditamos que devemos realizar processo de formação de base, especificando essa pauta. Ainda os indígenas não estão totalmente por dentro desta pauta, aos poucos estão se inserindo neste processo de comunicação. Mas já tivemos muitos avanços.

[P] Quais as ações desenvolvidas pelo povo terena que colaboram nesse processo?

[Terena]: A parti do processo vivido pelos próprios indígenas quando realizamos mobilizações ou até mesmo retomadas das terras. Neste processo de ação, acabamos registrando uma grande batalha em busca de objetivos, no qual as grandes mídias acabam escondendo. O que as mídias não mostram, os indígenas buscam uma forma de divulgar através das redes sociais a verdade. E quando se divulga, inúmeras pessoas acabam tendo acesso no qual resulta em mais divulgação deste vídeo, que na maioria das vezes, chegam nos quatro canto do mundo o grito indígena através de vídeos. Exemplo é página da Resistência desenvolvida por nós.

Após um processo de formação, no qual debateram sobre a reprodução da mídia em Mato Grosso do Sul, o movimento indígena terena decidiu criar por meio das redes sociais um grupo de comunicação que pudesse alimentar de forma

regular os meios de comunicação viáveis, como as páginas na internet. A exemplo de uma experiência que vem dando certo desde 2013, a página “Resistência do Povo Terena”, que surgiu num processo de retomada no mesmo ano, na tentativa de noticiar a verdade do outro lado, a do povo.

Ressaltamos que este é um grupo que está em processo de formação, portanto, avanços se configuram à medida que se empoderam criticamente de suas ações organizadas coletivamente. Visto que, para os indígenas, esta relação com o tema “comunicação” é também uma ferramenta do estreitamento e troca com outras etnias indígenas.

Como vimos, a mídia retrata questões que vão de acordo com os interesses hegemônicos existentes em todo o país. No Mato Grosso do Sul, essa é uma realidade, e diante desta situação, relatada por Dionédison Terena, na qual há um “preconceito das grandes mídias com a luta indígena”, exige-se que o povo de forma organizada consiga fazer o enfrentamento por meio do debate e de meios que os permitam publicizar seus atos configurando e construindo um novo olhar sobre a causa indígena. Desmistificando a criminalização acerca dos povos tradicionais.

Assim como Venício Lima, que reflete a possibilidade da democratização da comunicação via organização popular, Dionédison Terena acredita na formação de base com os povos indígenas, para que, na medida em que se organizem, fortaleçam o debate e o empoderamento se dê neste processo, pois a mídia, da forma que se constitui hoje, não favorecerá a luta do povo.

Por fim, lembrando-nos das afirmações trazidas por Freire no desenvolvimento de emancipação dos sujeitos, na palavra dialética, na relação homem-mundo, e na conscientização, assim como nos percalços existentes no caminho da democratização, na luta contra-hegemônica de manipulação da mídia, enfim, podemos chegar a um ponto conclusivo. Há uma forte disputa, de um lado as organizações sociais que buscam seu fortalecimento, e de outro o modo de produção alienante, que há grandes e complexos desafios no debate até a democratização da comunicação, cumprindo-a como um direito humano, Até lá, uma utopia possível, como diz Freire, os movimentos, organizações e grupos sociais se fortalecem por meio da formação crítica na busca pelo diálogo e na garantia de sua participação social.

6 METODOLOGIA

Para este estudo, utilizaremos a metodologia que parte da pesquisa bibliográfica, na perspectiva dialética e dialógica sob a análise qualitativa. Entendeu-se que este é um requisito básico para o desenvolvimento do trabalho acadêmico e que percorrerá uma série de etapas necessárias à composição da obra de forma geral. A partida surge de inquietações em torno de uma problemática e que possui fortes elementos para um intenso e longo debate. Não distante da realidade e sem a pretensão de, imediatamente, resolver o que acreditamos ser um problema social, mas que possamos caminhar na compreensão de um processo árduo e necessário à sociedade. Como primeira parte da pesquisa, previamente, pensamos em um planejamento e que ao longo do processo foi sendo adaptado às urgências surgidas no decorrer das descobertas bibliográficas que colaboraram fundamentalmente com as experiências trazidas no contexto do trabalho.

Todavia, em todo o procedimento, tínhamos nítida a formulação da problemática e os objetivos a serem alcançados com vistas aos aspectos que compõem a sistematização no levantamento de hipóteses que, para nós, estava direcionado, pois parte de experiências já presenciadas e paralelamente à relação conceitual que colaborou na compreensão de forma minuciosa em todo desenvolvimento do pensamento norteador dessa pesquisa. Alguns elementos pontuados por Antônio Calos Gil, me chamam a atenção, como as características essenciais no desenvolvimento da pesquisa. Entre elas, destaco a “confiança na experiência”, que parte de uma realidade associada aos conceitos intelectuais que potencializam a ação a partir de sua prática. Uma forma eficaz de unir a prática e a teoria.

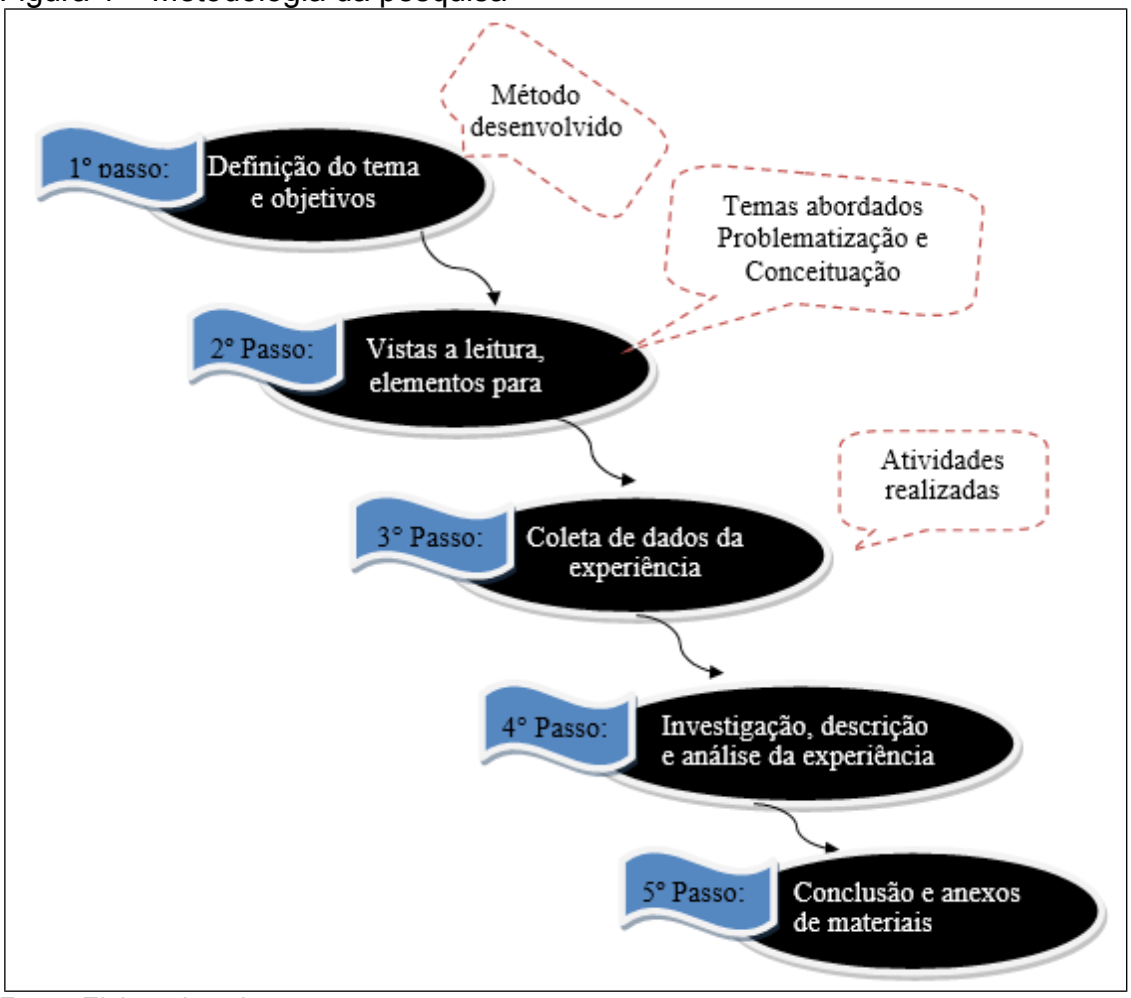
> Pode-se definir pesquisa como o procedimento racional e sistemático que tem como objetivo proporcionar respostas aos problemas que são propostos. A pesquisa é requerida quando não se dispõe de informação suficiente para responder ao problema, ou então quando a informação disponível se encontra em tal estado de desordem que não possa ser adequadamente relacionada ao problema. A pesquisa é desenvolvida mediante o concurso dos conhecimentos disponíveis e a utilização cuidadosa de métodos, técnicas e outros procedimentos científicos. Na realidade, a pesquisa desenvolve-se ao longo de um processo que envolve inúmeras fases, desde a adequada formulação do problema até a satisfatória apresentação dos resultados. (GIL, 2002, p. 17).

No decorrer do trabalho, as relações voltadas a conscientização, emancipação e empoderamento dos sujeitos foram se tornando cada vez mais

latente, rumando essa pesquisa a uma orientação epistemológica. Uma proposta dialética na qual houve o rompimento sujeito-objeto, mesmo que, notoriamente, percebêssemos a impossibilidade de conceber uma sistematização em sua totalidade sobre o objeto investigado.

Por ser um tema amplo e envolvente, no qual temos uma dinâmica entre sujeito/sociedade, opressão/oprimido, conscientização/objeto, poder hegemônico e participação social, optamos por realizar a pesquisa em momentos distintos: um que delimitou os conceitos centrais e o outro que estabeleceu o corpus do trabalho.

Figura 1 – Metodologia da pesquisa



Fonte: Elaborado pela autora.

Diante disto, consideramos que esta é uma pesquisa de cunho exploratório por relacionar a familiaridade com o tema e explicitar as hipóteses de resolução do problema em questão. Isto aconteceu durante todo o caminho percorrido de forma flexível e aberta a novos elementos que poderiam contribuir com a reflexão.

7 CONSIDERAÇÕES FINAIS

A comunicação é compreendida enquanto um diálogo entre os sujeitos ativos numa relação dialética, horizontal de troca de saberes entre si e destes com o mundo. Consolidar o processo de comunicação como um direito humano é um caminho - de luta e este dificilmente se dará por meio da grande mídia hoje existente e atuante no país.

É necessário que a organização popular, de frente à luta contra-hegemônica de poder e controle da mídia possa atuar com os(as) comunicadores(as) populares e militantes que buscam o protagonismo dos sujeitos, no enfrentamento ao debate participativo à comunicação, com o intuito de construir um sistema plural e que atenda a diversidade.

A comunicação popular tem sido a comunicação libertadora, transformadora, que em sua essência tem o povo como seu gerador e protagonista. Assim, portanto, outras ferramentas, como a educação popular por meio do teatro do oprimido, têm sido instrumentos que colaboram para a reflexão crítica dos seres humanos e seu estar no mundo para, a partir de um processo de formação política, desenvolverem a consciência crítica e transformarem sua forma de atuação na sociedade.

Esta é a forma de organização popular que se coloca em contraponto a mídia no Brasil, que historicamente assume feições particulares, seja por sua pouca alteração em relação ao seu domínio assumido por poucas famílias, seja por sua permanência diante das alianças entre a mídia e as elites políticas. Dentro desse contexto midiático, no qual a concentração de controle é exercida por este grupo pequeno de pessoas que representam interesses mercadológicos da menor parte da sociedade, é que se realizam as relações entre o poder e cidadania no país.

Compreender o contexto no qual essas relações se dão e o porque ocorrem, faze parte de um processo de conscientização libertária no qual o sujeito, entendendo seu direito de cidadão e formando um olhar crítico perante as desigualdades, age em detrimento aos avanços por uma participação social igualitária e plural.

REFERÊNCIAS

ADORNO, Theodor; Horkheimer, Max. A indústria cultural: o esclarecimento como mistificação das massas. In: _____. **Dialética do esclarecimento**. Rio de Janeiro: Zahar, 1985.

ANJOS, Andressa et al. Paulo Freire e a comunicação: uma perspectiva dialógica. Comunica Cidadão, 14 abr. 2010. Disponível em: < http://comunicacidadao.wordpress.com/>. Acesso em: 3 set. 2014.

ARANHA, Taís. Comunicação popular, comunitária, horizontal ou dialógica?: articulações e diferenças entre os conceitos teóricos. In: CONFERÊNCIA BRASILEIRA DE MÍDIA CIDADÃ, 6; CONFERÊNCIA SUL-AMERICANA DE MÍDIA CIDADÃ, 1., 2010. Pato Branco. **Anais**... Pato Branco: Faculdade de Pato Branco, 2010. Disponível em: < http://www.unicentro.br/>. Acesso em: 8 set. 2014.

AS REDES de TV. **Donos da mídia**, 2014. Disponível em: <http://donosdamidia.com.br/redes>. Acesso em: 26 ago. 2014.

BOAL, Augusto. **A estética do oprimido**. Rio de Janeiro: Garamond, 2009.

BOAL, Augusto. **Jogos para atores e não-atores**. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2005.

BOAL, Augusto. **Teatro do oprimido e outras poéticas políticas**. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2003.

BOAL, Augusto. **Técnicas latino-americanas de teatro popular**: uma revolução copernicana ao contrário. São Paulo: Hucitec, 1979.

DAMO, Andreisa, MOURA, Danieli Veleda, CRUZ, Ricardo Gauterio. Conscientização em Paulo Freire: consciência, transformação e liberdade. **Contribuciones a las Ciencias Sociales**, jan. 2011. Disponível em: < http://www.eumed.net/>. Acesso em: 5 set. 2014.

FEITOSA, Pedro. O Conceito de Conscientização em Paulo Freire como Norte Metodológico para as Assessorias Jurídicas Universitárias Populares. **Revista Crítica do Direito**, v. 11, n. 1, jul. 2011. Disponível em: <http://www.criticadodireito.com.br/>. Acesso em: 5 jul. 2014.

FISHER, Desmond. **O direito de comunicar**: expressão, informação e liberdade. São Paulo: Brasiliense, 1984.

FNDC – Fórum Nacional pela Democratização da Comunicação. Disponível em: <http://www.fndc.org.br/>. Acesso em: 5 set. 2014.

FREIRE, Paulo. **Conscientização**: teoria e prática da libertação. 3. ed. São Paulo: Centauro, 2005.

FREIRE, Paulo. **Conscientização**: teoria e prática da libertação: uma introdução ao

pensamento de Paulo Freire. São Paulo: Cortez & Moraes, 1979.

FREIRE, Paulo. **Educação como prática da liberdade**. 23. ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1999.

FREIRE, Paulo. **Extensão ou comunicação?** 7. ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1983.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia da autonomia**: saberes necessários à prática educativa. São Paulo: Paz e Terra, 1996.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia da indignação**: cartas pedagógicas e outros escritos. São Paulo. Editora UNESP, 2000.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia do oprimido**. 17. ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1987.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia do oprimido**. 42. ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2006.

FREIRE, Paulo. **Por uma pedagogia da pergunta**. Rio e Janeiro: Paz e Terra, 1985.

GADOTTI, Moacir. **Pedagogia da Práxis**: prefácio de Paulo Freire. 4. ed. São Paulo: Cortez; Instituto Paulo Freire, 2004.

GENRO FILHO, Adelmo. **O segredo da pirâmide**: para uma teoria marxista do jornalismo. Porto Alegre: Tchê, 1987. p. 203-222

GIANNOTTI, Vito. A necessidade de criar nossa comunicação alternativa/contra-hegemônica. **NPC**: Núcleo Piratininga de Comunicação, 5 jul. 2013. Disponível em: < http://nucleopiratininga.org.br/>. Acesso em: 5 ago. 2014.

GIL, Antônio Carlos. **Como elaborar projetos de pesquisa**. 4. ed. São Paulo: Atlas, 2002.

GOMES, Raimunda Aline Lucena. **A comunicação como direito humano**: um conceito em construção. 2007. 206 f. Dissertação (Mestrado em Comunicação) – Centro de Artes e Comunicação, Universidade Federal de Pernambuco, Recife. 2007.

GRAMSCI, A. **Cartas do cárcere**, v. 1: 1926-1930. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2005.

GREVETTI, Rodrigo Binotto. A comunicação social no contexto constitucional brasileiro. **Boletim jurídico**, 14 jun. 2004. Disponível em: < http://www.boletimjuridico.com.br/>. Acesso em: 5 set. 2014.

GUARESCHI, Pedrinho A. **O Direito Humano à comunicação**. Petrópolis: Vozes, 2013.

INTERVOZES. Comunicação é destaque na Conferência Nacional de Direitos Humanos. **Intervozes**: coletivo Brasil de comunicação social, 13 jan. 2009. Disponível em: <http://intervozes.org.br/>. Acesso em: 28 ago. 2014.

LEAL, Murilo. Intervozes: levante sua voz – a verdadeira história da comunicação. **Youtube**, 20 mar. 2011. Disponível em: <https://www.youtube.com>. Acesso em: 20 ago. 2014.

LIMA, Venício Artur. **Regulação das comunicações**: história, poder e direitos. São Paulo: Paulus, 2011.

LIMA, Venício. Direito à comunicação: o "Fórum" e a "Ciranda". **Carta Maior**, 5 jun. 2011. Disponível em: <http://www.cartamaior.com.br/>. Acesso em: 5 set. 2014.

MCLUHAN, Marshall. **Os meios de comunicação como extensão do homem**. [S.l.]: Editora Cultrix, 1974.

MORAES, Denis de. Gramsci e as mutações do visível. In: MORAES, Denis de. (Org.). **Mutações do visível**: da comunicação de massa à comunicação em rede. Rio de Janeiro: Pão e Rosas, 2010.

MORAES, Dênis de. O papel e os desafios da comunicação contra hegemônica em rede. **Blog da Boitempo**, 27 fev. 2013. Disponível em: <http://blogdaboitempo.com.br/>. Acesso em: 28 ago. 2014.

NPC: Núcleo Piratininga de Comunicação, 2014. Disponível em: < http://nucleopiratininga.org.br/>. Acesso em: 5 ago. 2014.

PALHARES, Joaquim Ernesto. Os dilemas da comunicaão no Brasil. **Carta Maior**, Política, 21 nov. 2009. Disponível em: <http://www.cartamaior.com.br/>. Acesso em: 26 ago. 2014.

PERUZZO, Cecília Maria Krohling. Revisitando os conceitos de comunicação popular, alternativa e comunitária. In: CONGRESSO BRASILEIRO DE CIÊNCIAS DA COMUNICAÇÃO, 29., 2006. Brasília, DF. **Anais**... Brasília, DF: UNB, 2006.

RECID – Rede de Educação Cidadã. 2014. Disponível em: <http://www.recid.org.br>. Acesso em: 4 ago. 2014.

RECID – Rede de Educação Cidadã. Equipe de comunicação. **Comunicartilha**. [S.l.:s.n.], 2010a.

RECID – Rede de Educação Cidadã. Equipe de Gestão. **Caderno de Gestão**. [S.l.:s.n.], 2010b.

RECID – Rede de Educação Cidadã. **Projeto Político Pedagógico**: princípios e diretrizes. [S.l.:s.n.], 2007.

RESISTÊNCIA do povo Terena. **Facebook**, 2014. Disponível em: <https://www.facebook.com/ResistenciaDoPovoTerena>. Acesso em: 5 set. 2014.

SCHERER-WARREN, Ilse. Das mobilizações às redes de movimentos sociais. **Soc. Estado.**, v.21, n. 1, jan./abr. 2006. Disponível em: < http://www.scielo.br/ >. Acesso em: 25 ago. 2014.

TEIXEIRA, Tânia Márcia Baraúna. **Dimensões sócio-educativas do Teatro do**

Oprimido: Paulo Freire e Augusto Boal. 2007. 335 f. Tese (Doutorado em Educação e Sociedade) – Universidad Autonoma de Barcelona. Barcelona: 2007.

ANEXOS

ANEXO A – DECLARAÇÃO UNIVERSAL DOS DIREITOS HUMANOS

Declaração Universal dos Direitos Humanos Adaptada e proclamada pela Assembleia Geral na sua Resolução 217A (III) de 10 de Dezembro de 1948. Publicada no Diário da República, I Série A, n.º 57/78, de 9 de Março de 1978, mediante aviso do Ministério dos Negócios Estrangeiros.

Preâmbulo Considerando que o reconhecimento da dignidade inerente a todos os membros da família humana e dos seus direitos iguais e inalienáveis constitui o fundamento da liberdade, da justiça e da paz no mundo; Considerando que o desconhecimento e o desprezo dos direitos do homem conduziram a actos de barbárie que revoltam a consciência da Humanidade e que o advento de um mundo em que os seres humanos sejam livres de falar e de crer, libertos do terror e da miséria, foi proclamado como a mais alta inspiração do homem; Considerando que é essencial a protecção dos direitos do homem através de um regime de direito, para que o homem não seja compelido, em supremo recurso, à revolta contra a tirania e a opressão; Considerando que é essencial encorajar o desenvolvimento de relações amistosas entre as nações; Considerando que, na Carta, os povos das Nações Unidas proclamam, de novo, a sua fé nos direitos fundamentais do homem, na dignidade e no valor da pessoa humana, na igualdade de direitos dos homens e das mulheres e se declararam resolvidos a favorecer o progresso social e a instaurar melhores condições de vida dentro de uma liberdade mais ampla; Considerando que os Estados membros se comprometeram a promover, em cooperação com a Organização das Nações Unidas, o respeito universal e efectivo dos direitos do homem e das liberdades fundamentais; Considerando que uma concepção comum destes direitos e liberdades é da mais alta importância para dar plena satisfação a tal compromisso: A Assembleia Geral Proclama a presente Declaração Universal dos Direitos do Homem como ideal comum a atingir por todos os povos e todas as nações, a fim de que todos os indivíduos e todos os órgãos da sociedade, tendo-a constantemente no espírito, se esforcem, pelo ensino e pela educação, por desenvolver o respeito desses direitos e liberdades e por promover, por medidas progressivas de ordem nacional e internacional, o seu reconhecimento e a sua aplicação universais e efectivos tanto entre as populações dos próprios Estados membros como entre as dos territórios colocados sob a sua jurisdição.

Artigo 1.º Todos os seres humanos nascem livres e iguais em dignidade e em direitos. Dotados de razão e de consciência, devem agir uns para com os outros em espírito de fraternidade.

Artigo 2.º Todos os seres humanos podem invocar os direitos e as liberdades proclamados na presente Declaração, sem distinção alguma, nomeadamente de raça, de cor, de sexo, de língua, de religião, de opinião política ou outra, de origem nacional ou social, de fortuna, de nascimento ou de qualquer outra situação. Além disso, não será feita nenhuma distinção fundada no estatuto político, jurídico ou internacional do país ou do território da naturalidade da pessoa, seja esse país ou território independente, sob tutela, autónomo ou sujeito a alguma limitação de soberania.

Artigo 3.º Todo o indivíduo tem direito à vida, à liberdade e à segurança pessoal.

Artigo 4.º Ninguém será mantido em escravatura ou em servidão; a escravatura e o trato dos escravos, sob todas as formas, são proibidos.

Artigo 5.º Ninguém será submetido a tortura nem a penas ou tratamentos cruéis, desumanos ou degradantes.

Artigo 6.º Todos os indivíduos têm direito ao reconhecimento em todos os lugares da sua personalidade jurídica.

Artigo 7.º Todos são iguais perante a lei e, sem distinção, têm direito a igual protecção da lei. Todos têm direito a protecção igual contra qualquer discriminação que viole a presente Declaração e contra qualquer incitamento a tal discriminação.

Artigo 8.º Toda a pessoa tem direito a recurso efectivo para as jurisdições nacionais competentes contra os actos que violem os direitos fundamentais reconhecidos pela Constituição ou pela lei.

Artigo 9.º Ninguém pode ser arbitrariamente preso, detido ou exilado.

Artigo 10.º Toda a pessoa tem direito, em plena igualdade, a que a sua causa seja equitativa e publicamente julgada por um tribunal independente e imparcial que decida dos seus direitos e obrigações ou das razões de qualquer acusação em matéria penal que contra ela seja deduzida.

Artigo 11.º 1. Toda a pessoa acusada de um acto delituoso presume-se inocente até que a sua culpabilidade fique legalmente provada no decurso de um

processo público em que todas as garantias necessárias de defesa lhe sejam asseguradas.

2. Ninguém será condenado por acções ou omissões que, no momento da sua prática, não constituíam acto delituoso à face do direito interno ou internacional. Do mesmo modo, não será infligida pena mais grave do que a que era aplicável no momento em que o acto delituoso foi cometido.

Artigo 12.º Ninguém sofrerá intromissões arbitrárias na sua vida privada, na sua família, no seu domicílio ou na sua correspondência, nem ataques à sua honra e reputação. Contra tais intromissões ou ataques toda a pessoa tem direito a protecção da lei.

Artigo 13.º 1. Toda a pessoa tem o direito de livremente circular e escolher a sua residência no interior de um Estado. 2. Toda a pessoa tem o direito de abandonar o país em que se encontra, incluindo o seu, e o direito de regressar ao seu país.

Artigo 14.º 1. Toda a pessoa sujeita a perseguição tem o direito de procurar e de beneficiar de asilo em outros países. 2. Este direito não pode, porém, ser invocado no caso de processo realmente existente por crime de direito comum ou por actividades contrárias aos fins e aos princípios das Nações Unidas.

Artigo 15.º 1. Todo o indivíduo tem direito a ter uma nacionalidade. 2. Ninguém pode ser arbitrariamente privado da sua nacionalidade nem do direito de mudar de nacionalidade.

Artigo 16.º 1. A partir da idade núbil, o homem e a mulher têm o direito de casar e de constituir família, sem restrição alguma de raça, nacionalidade ou religião. Durante o casamento e na altura da sua dissolução, ambos têm direitos iguais. 2. O casamento não pode ser celebrado sem o livre e pleno consentimento dos futuros esposos. 3. A família é o elemento natural e fundamental da sociedade e tem direito à protecção desta e do Estado.

Artigo 17.º 1. Toda a pessoa, individual ou colectivamente, tem direito à propriedade. 2. Ninguém pode ser arbitrariamente privado da sua propriedade.

Artigo 18.º Toda a pessoa tem direito à liberdade de pensamento, de consciência e de religião; este direito implica a liberdade de mudar de religião ou de convicção, assim como a liberdade de manifestar a religião ou convicção, sozinho ou em comum, tanto em público como em privado, pelo ensino, pela prática, pelo culto e pelos ritos.

Artigo 19.º Todo o indivíduo tem direito à liberdade de opinião e de expressão, o que implica o direito de não ser inquietado pelas suas opiniões e o de procurar, receber e difundir, sem consideração de fronteiras, informações e ideias por qualquer meio de expressão.

Artigo 20.º 1. Toda a pessoa tem direito à liberdade de reunião e de associação pacíficas. 2. Ninguém pode ser obrigado a fazer parte de uma associação.

Artigo 21.º 1. Toda a pessoa tem o direito de tomar parte na direcção dos negócios públicos do seu país, quer directamente, quer por intermédio de representantes livremente escolhidos. 2. Toda a pessoa tem direito de acesso, em condições de igualdade, às funções públicos do seu país. 3. A vontade do povo é o fundamento da autoridade dos poderes públicos; e deve exprimir-se através de eleições honestas a realizar periodicamente por sufrágio universal e igual, com voto secreto ou segundo processo equivalente que salvaguarde a liberdade de voto.

Artigo 22.º Toda a pessoa, como membro da sociedade, tem direito à segurança social; e pode legitimamente exigir a satisfação dos direitos económicos, sociais e culturais indispensáveis, graças ao esforço nacional e à cooperação internacional, de harmonia com a organização e os recursos de cada país.

Artigo 23.º 1. Toda a pessoa tem direito ao trabalho, à livre escolha do trabalho, a condições equitativas e satisfatórias de trabalho e à protecção contra o desemprego. 2. Todos têm direito, sem discriminação alguma, a salário igual por trabalho igual. 3. Quem trabalha tem direito a uma remuneração equitativa e satisfatória, que lhe permita e à sua família uma existência conforme com a dignidade humana, e completada, se possível, por todos os outros meios de protecção social. 4. Toda a pessoa tem o direito de fundar com outras pessoas sindicatos e de se filiar em sindicatos para a defesa dos seus interesses.

Artigo 24.º Toda a pessoa tem direito ao repouso e aos lazeres e, especialmente, a uma limitação razoável da duração do trabalho e a férias periódicas pagas.

Artigo 25.º 1. Toda a pessoa tem direito a um nível de vida suficiente para lhe assegurar e à sua família a saúde e o bem-estar, principalmente quanto à alimentação, ao vestuário, ao alojamento, à assistência médica e ainda quanto aos serviços sociais necessários, e tem direito à segurança no desemprego, na doença, na invalidez, na viuvez, na velhice ou noutros casos de perda de meios de

subsistência por circunstâncias independentes da sua vontade. 2. A maternidade e a infância têm direito a ajuda e a assistência especiais. Todas as crianças, nascidas dentro ou fora do matrimônio, gozam da mesma protecção social.

Artigo 26.º 1. Toda a pessoa tem direito à educação. A educação deve ser gratuita, pelo menos a correspondente ao ensino elementar fundamental. O ensino elementar é obrigatório. O ensino técnico e profissional deve ser generalizado; o acesso aos estudos superiores deve estar aberto a todos em plena igualdade, em função do seu mérito. 2. A educação deve visar à plena expansão da personalidade humana e ao reforço dos direitos do homem e das liberdades fundamentais e deve favorecer a compreensão, a tolerância e a amizade entre todas as nações e todos os grupos raciais ou religiosos, bem como o desenvolvimento das actividades das Nações Unidas para a manutenção da paz. 3. Aos pais pertence a prioridade do direito de escolher o género de educação a dar aos filhos.

Artigo 27.º 1. Toda a pessoa tem o direito de tomar parte livremente na vida cultural da comunidade, de fruir as artes e de participar no progresso científico e nos benefícios que deste resultam. 2. Todos têm direito à protecção dos interesses morais e materiais ligados a qualquer produção científica, literária ou artística da sua autoria.

Artigo 28.º Toda a pessoa tem direito a que reine, no plano social e no plano internacional, uma ordem capaz de tornar plenamente efectivos os direitos e as liberdades enunciados na presente Declaração.

Artigo 29.º 1. O indivíduo tem deveres para com a comunidade, fora da qual não é possível o livre e pleno desenvolvimento da sua personalidade. 2. No exercício destes direitos e no gozo destas liberdades ninguém está sujeito senão às limitações estabelecidas pela lei com vista exclusivamente a promover o reconhecimento e o respeito dos direitos e liberdades dos outros e a fim de satisfazer as justas exigências da moral, da ordem pública e do bem- estar numa sociedade democrática. 3. Em caso algum estes direitos e liberdades poderão ser exercidos contrariamente aos fins e aos princípios das Nações Unidas.

Artigo 30.º Nenhuma disposição da presente Declaração pode ser interpretada de maneira a envolver para qualquer Estado, agrupamento ou indivíduo o direito de se entregar a alguma actividade ou de praticar algum acto destinado a destruir os direitos e liberdades aqui enunciados.

ANEXO B – CARTA SANTIAGO, PRIMAVERA DE 1965

ESCLARECIMENTO

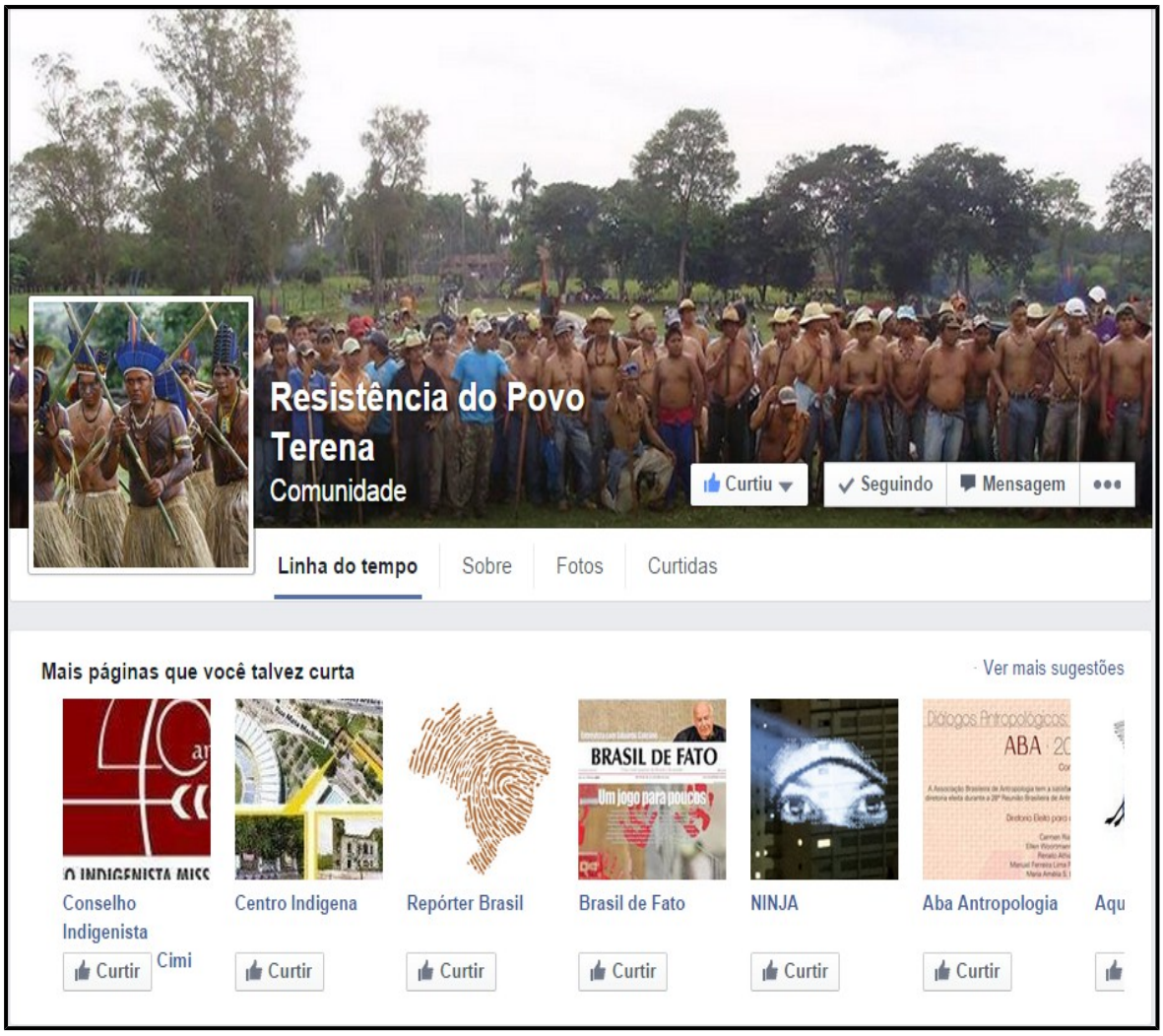
"Não há educação fora das sociedades humanas e não há homem no vazio. O esforço educativo que desenvolveu o Autor e que pretende expor neste ensaio, ainda que tenha validade em outros espaços e em outro tempo, foi todo marcado pelas condições especiais da sociedade brasileira. Sociedade intensamente cambiante e dramaticamente contraditória. Sociedade em "partejamento", que apresentava violentos embates entre um tempo que se esvaziava, com seus valores, com suas peculiares formas de ser, e que "pretendia" preservar-se e um outro que estava por vir, buscando configurar-se. Este esforço não nasceu, por isso mesmo, do acaso. Foi uma tentativa de resposta aos desafios contidos nesta passagem que fazia a sociedade. Desde logo, qualquer busca de resposta a estes desafios implicaria, necessariamente, numa opção. Opção por esse ontem, que significava uma sociedade sem povo, comandada por uma "elite" superposta a seu mundo, alienada, em que o homem simples, minimizado e sem consciência desta minimização, era mais "coisa" que homem mesmo, ou opção pelo Amanhã. Por uma nova sociedade, que, sendo sujeito de si mesma, tivesse no homem e no povo sujeitos de sua História. Opção por uma sociedade parcialmente independente ou opção por urna sociedade que se "descolonizasse" cada vez mais. Que cada vez mais cortasse as correntes que a faziam e fazem permanecer como objeto de outras, que lhe são sujeitos. Este é o dilema básico, que se apresenta, hoje, de forma iniludível, aos países subdesenvolvidos — ao Terceiro Mundo. A educação das massas se faz, assim, algo de absolutamente fundamental entre nós. Educação que, desvestida da roupagem alienada e alienante, seja uma força de mudança e de libertação. A opção, por isso, teria de ser também, entre uma "educação" para a "domesticação", para a alienação, e uma educação para a liberdade. "Educação" para o homem-objeto ou educação para o homem-sujeito. Todo o empenho do Autor se fixou na busca desse homem-sujeito que, necessariamente, implicaria em uma sociedade também sujeito. Sempre lhe pareceu, dentro das condições históricas de sua sociedade, inadiável e indispensável uma ampla conscientização das massas brasileiras, através de uma educação que as colocasse numa postura de auto-reflexão e de reflexão sobre seu

tempo e seu espaço. Estava e está convencido o Autor de que a “elevação do pensamento” das massas, “o que se sói chamar apressadamente de politização”, a que se refere Fanon, em Los Condenados de la Tierra, e que constitui para ele uma forma de se “ser responsável nos países subdesenvolvidos”, começa exatamente por esta auto-reflexão. Auto-reflexão que as levará ao aprofundamento conseqüente de sua tomada de consciência e de que resultará sua inserção na História, não mais como espectadoras, mas como figurantes e autoras. Nunca pensou, contudo, o Autor, ingenuamente, que a defesa e a prática de uma educação assim, que respeitasse no homem a sua ontológica vocação de ser sujeito, pudesse ser aceita por aquelas forças, cujo interesse básico estava na alienação do homem e da sociedade brasileira. Na manutenção desta alienação. Daí que coerentemente se arregimentassem — usando todas as armas contra qualquer tentativa de aclaramento das consciências, vista sempre como séria ameaça a seus privilégios. É bem verdade que, ao fazerem isto, ontem, hoje e amanhã, ali ou em qualquer parte, estas forças destorcem sempre a realidade e insistem em aparecer como defensoras do Homem, de sua dignidade, de sua liberdade, apontando os esforços de verdadeira libertação como “perigosa subversão”, como “massificação”, como “lavagem cerebral” — tudo isso produto de demônios, inimigos do homem e da civilização ocidental cristã. Na verdade, elas é que massificam, na medida em que domesticam e endemoniadamente se “apoderam” das camadas mais ingênuas da sociedade. Na medida em que deixam em cada homem a sombra da opressão que o esmaga. Expulsar esta sombra pela conscientização é uma das fundamentais tarefas de uma educação realmente liberadora e por isto respeitadora do homem como pessoa. Este ensaio tentará um pouco da história, dos fundamentos e dos resultados deste empenho no Brasil. Empenho que custou a seu Autor, obviamente, o afastamento de suas atividades universitárias, prisão, exílio. Empenho de que não se arrepende e que lhe valeu também compreensão e apoio de estudantes, de intelectuais, de homens simples do povo, engajados todos eles no esforço de humanização e libertação do homem e da sociedade brasileira. A estes, entre os quais muitos estão pagando na prisão e no exílio, pela coragem da rebeldia e pela valentia de amar, oferece o Autor este ensaio.”

Santiago, Primavera de 65.

PAULO FREIRE

ANEXO C – CAPA DA PÁGINA EM REDES SOCIAIS – RESISTÊNCIA TERENA



ANEXO D – RELATÓRIOS PEDAGÓGICOS DA REDE DE EDUCAÇÃO CIDADÃ

PROJETO: E-DHESCA EDUCAÇÃO, CIDADANIA E DIREITOS HUMANOS
Conectando Redes e Saberes.
Convênio: 778677/2012- SDH/PR

Atividade/meta

(X) Atividades Pedagógicas de Formação e Capacitação em Direitos Humanos (Oficinas) – Meta 4, etapa 2

( ) Atividades Pedagógicas de Formação e Capacitação em Direitos Humanos (Encontro Intermunicipal) – Meta 4, etapa 3

( ) Atividades Pedagógicas de Formação e Capacitação em Direitos Humanos (Encontro Regional) – Meta 3, etapa 3

1. Estado: Mato Grosso do Sul	**2. Município: Jaraguari**
3. Outros Municípios envolvidos: Jaraguari/Furnas de Dionísio, Campo Grande.	
4. Endereço: Associação dos Pequenos Produtores Rurais de Furnas dos Dionísio /Comunidade Quilombola	
5. Número de Participantes: 19	**6. Data: 16/08/2013 18h às 22h**
7. Educadores Responsáveis pela atividade (contratados e voluntários): Fernanda Kunzler, Robson Souza/Coletivo Recid MS	
8. Organizações envolvidas com a atividade (parcerias): Teatral Grupo de Risco	

9. Título (Que descreva o tema da atividade)

"Linguagens alternativas em Comunicação".

10. Objetivo (O que queremos com esta atividade?)

"Identificar as formas de comunicação na comunidade, bem como criar novas possibilidades de comunicação popular para se contrapor aos meios de comunicação alinhados ao projeto elitista e hegemônicos presente na região".

"Oficina de formação para aprofundar o debate da comunicação contra hegemônica, utilizando linguagens alternativas, como por exemplo, o Teatro do Oprimido e outras, principalmente com as juventudes (cigana, negros, índios, e demais etnias)".

- ***Esta é uma das ações continuadas que compõe o Plano de Ação da Recid MS/linha 3.***

10.1 Essa atividade é pontual? ( ) sim (X) não

10.2 Essa atividade é parte de um processo anterior? (X) sim ( )não

11. Caracterização do grupo que participou da atividade:

a) Gênero

(X) Feminino (X) Masculino

b) Faixa Etária

nº de jovens: 07 nº de adultos: 12 nº de crianças acompanhantes: - nº de idosos: -

c) Escolaridade

( ) Não escolarizados/as (X) Ensino Fundamental (X) Ensino Médio () Ensino Superior

d) Localização da moradia

( ) Cidade (X) Campo

e) Cor/Etnia

(X) negro/a (X) branco/a ( ) pardo (X) quilombola () indígena ( ) outros:_____

12. Características do público participante na atividade:

- atividades socioeconômicas

( ) agricultores /as ( ) pescadores/as (X) estudantes () desempregados/as ( ) ribeirinhos

() catadores/as ( ) cooperativados/as ( ) domésticas () autônomos () donas de casa

( )artesãos\sãs ( ) grupo de economia solidária

() outros: Artistas.

13. Descreva os momentos pedagógicos que compuseram a atividade de formação e os conteúdos abordados, estudo e problematização da realidade, de acordo com a metodologia Freireana, conforme diretriz 8.3 do PPP e descritos no PNF, conforme páginas 14 e 15. (recursos utilizados, como poesia, textos, músicas devem ser anexados):

Mística e acolhida – Os/as jovens foram convidados/as a ficarem em circulo, se abraçaram e se apresentaram.

a) Problematização da realidade: que necessidades motivaram a realização da oficina? Há direitos humanos negados e violados? Quais?*

Furnas do Dionísio é uma comunidade quilombola, localizada cerca de 40 km de Campo Grande, em meio rico em relação ao ambiente natural, ainda preservado, mas que nos últimos anos tem sofrido com a agressão ambiental devido a grande visitação que há no local. A comunidade participa da Recid, a cerca de 04 anos, porém no último período tem tido certa ausência, estamos num processo de rearticulação com a comunidade, visto que as pessoas que geralmente participavam estão com menor disponibilidade de uma participação mais efetiva.

De acordo com uma demanda da comunidade no que tange ao trabalho de formação com a população jovem, tivemos um retorno ao local, no sentido de identificar a realidade em relação a comunicação dentro da própria comunidade e com os municípios mais próximos.

Antes do próximo momento, tivemos um exercício de atenção, memória, direção, ritmo e olhar com o jogo do IA/ZAP/RONDON/UI. Podemos resumir qe é uma dinâmica, por meio de sons e gestos envolvendo todas as pessoas.

b) Aprofundamento teórico/ conceitual da realidade: como se deu o debate¿ quais foram as principais ideias em relação à problematização sobre DH? Que recursos foram utilizados? Quais dinâmicas? Como foi a participação? quais foram as principais ideias em relação a problematização sobre Direitos Humanos?

Numa dinâmica descontraída, utilizando exercícios de Teatro Esporte, convidamos para que ainda em roda, percebessem o local que estavam, e que seguissem o ritmo que se dava para alterarem seu caminhar pela sala. Em seguida, que se encontrassem em duplas, e dissessem com alguma parte do corpo o que sentiam no momento; Em outra orientação, ainda neste processo, que se encontrassem com outra dupla e dissesse a outra pessoa o que compreende por comunicação, neste houve um tempo maior para conversarem.
Retornou-se a roda, solicitamos que socializassem:
- O entendimento do que a outra pessoa expressou de forma não verbal o seu sentimento naquele momento;
- Qual a compreensão de comunicação da pessoa que relatava o momento e o que ouviu do/a outro/a colega em relação ao tema;

Nesta roda, percebeu-se que o entendimento é semelhante, disseram que a comunicação é basicamente a relação com a outra pessoa.

Questionamento: Há outras possibilidades de expressão que não seja a fala?
- Embora tenham identificado, a partir dos primeiros exercícios, que é possível outras formas de comunicação como sons, expressão facial e corporal, sinais, etc, ainda pontuaram que a verbal é mais utilizada.

- Foi observado por alguns jovens, que alguns problemas que ocorrem na comunidade é devido a falta de comunicação, ou de instrumentos que possibilitem ao menos essa dinâmica no local. Citaram as festas típicas da comunidade que poderiam ganhar força com a participação de outras pessoas, e que colaboraria na sustentabilidade

local, se conseguissem criar uma forma de se comunicarem.

- Em Furnas não há rádio comunitária, a via telefônica funciona em poucos lugares dentro da comunidade.

c) Aplicação do conhecimento/ Formulação de estratégias de ação diante desta realidade: que conclusões chegaram em relação ao tema? O que aprendemos?

- Após levantar os desafios, pensou-se em algumas possibilidades: Partiram da comunicação dentro da escola, que poderiam criar um mural informativo, e que os/as estudantes ficariam responsáveis por manter os eventos atualizados;

- Perceberam que há dificuldades inclusive de terem informações sobre a história da comunidade, ainda pouco divulgada;
- Pesquisar outros instrumentos que permitam e potencializem a comunicação no local e fora dele;
- Propostas de continuar com as oficinas de formação com mais dinâmicas que provoquem e estimulem a reflexão e criação dos/as jovens.

Antes de encerrar a atividade propusemos outro exercício: 03 pessoas se voluntariaram - Contação de história com início meio e fim, alternada entre os 03 participantes. O coletivo escolheu 03 objetos que tinha mais significado comunicativo para eles/as, estes objetos foram colocados atrás dos/as voluntários, todas as vezes que se viravam para contar a história precisam envolver nesta os objetos e o que sabiam sobre Furnas do Dionísio.

d) Como a atividade foi avaliada pelo grupo?

- No início observaram que estavam um pouco tímidos, mas que os exercícios ajudaram a melhorar isso;
- Pontuaram que é uma forma diferente, mas que auxilia a encontrar formas de vencerem as dificuldades;
- Consideram legal, divertido.

*Segundo a Plataforma EDHESCA, os Direitos Humanos (civis, econômicos, culturais, ambientais, etc.) são indissociáveis. Essa concepção mais ampla de DH se aproxima dos desafios estratégicos pelo Plano Trienal da RECID.

14. Quais os encaminhamentos construídos na oficina (novos encontros, articulações políticas, ações)?

- Propuseram novas oficinas de formação e que tivessem uma periodicidade – que ocorra mensalmente ao menos duas vezes, trazendo mais elementos de teatro na ideia de colaborar com a desinibição dos/as jovens.

15. Apresente os principais avanços e as principais dificuldades observadas na realização da atividade. (não se trata de problemas da realidade ou da trajetória dos participantes, mas da execução da atividade.

- Dificuldades de locomoção até o local, é totalmente de estrada de chão, muito areia, e em meio a serras.

- Ainda há dificuldades estruturais, por ser difícil acesso, precisamos de transporte adequado, e às vezes, não há prazos de pagamento para transporte....

- O avanço é que conseguimos parceria com a escola do local, que abriu espaço na agenda letiva para as atividades de formação;

- Dificuldade de comunicação com a comunidade;

17. Comentários e Justificativas (se necessário)

JUSTIFICATIVA: Os/as participantes da oficina, não preencheram o campo de CPF, por não possuírem ou por não terem o documento. Assinei a lista por acreditar estar em processo de formação também e ainda para exemplificar a forma de preenchimento.

Uma observação que fizemos foi que embora tenhamos ido a uma comunidade quilombola, nenhum

participante identificou-se no campo “raça”;

Roteiro oficina:

- **Apresentação da Recid;**
- **Exercício 1: Integração, apresentação das/as participantes;**
- **Exercício 2: Prática da não verbalização;**
- **Exercício 3: Memória, Olhar, Direção/foco;**
- **Exercício 4: Percepções;**
- **Roda de debate;**
- **Apontamentos dos desafios;**

Nome da Entidade Âncora Estadual (contratada): Teatral Grupo de Risco

Assinatura do/a Educador/a contratado/a:

Contato Educador/a contratado/a (e-mail e telefone): Fernanda Kunzler 67 9241 6227 // kunzzler@gmail.com ou kunzzler@hotmail.com

PROJETO: E-DHESCA EDUCAÇÃO, CIDADANIA E DIREITOS HUMANOS
Conectando Redes e Saberes.
Convênio: 778677/2012- SDH/PR

Atividade/meta

(X) Atividades Pedagógicas de Formação e Capacitação em Direitos Humanos (Oficinas) – Meta 4, etapa 2

( ) Atividades Pedagógicas de Formação e Capacitação em Direitos Humanos (Encontro Intermunicipal) – Meta 4, etapa 3

( ) Atividades Pedagógicas de Formação e Capacitação em Direitos Humanos (Encontro Regional) – Meta 3, etapa 3

1. Estado: Mato Grosso do Sul	**2. Município:** Jaraguari/Furnas do Dionísio
3. Outros Municípios envolvidos: Campo Grande, Jaraguari .	
4. Endereço: Associação de pequenos agricultores da Comunidade Furnas do Dionísio	
5. Número de Participantes: 19	**6. Data:** 10 de setembro de 2013 // 18h30 às 22h30
7. Educadores Responsáveis pela atividade (contratados e voluntários): Fernanda Kunzler (coletivo Recid MS)	
8. Organizações envolvidas com a atividade (parcerias): Teatral Grupo de Risco e Comunidade Furnas do Dionísio (Escola Estadual Zumbi dos Palmares).	

9. Título (Que descreva o tema da atividade)

"TO – Teatro do Oprimido e comunicação"

10. Objetivo (O que queremos com esta atividade?)

Fortalecer as lutas populares por meio do teatro do oprimido, enquanto instrumento de debate e reflexão sob diversas temáticas.

10.1 Essa atividade é pontual? ( ) sim (X) não

10.2 Essa atividade é parte de um processo anterior? (X) sim ( )não

11. Caracterização do grupo que participou da atividade:

a) Gênero

(14) Feminino (05) Masculino

b) Faixa Etária

nº de jovens: 17 nº de adultos: 02 nº de crianças acompanhantes: 01 - nº de idosos:

c) Escolaridade

(0) Não escolarizados/as () Ensino Fundamental (19) Ensino Médio () Ensino Superior

d) Localização da moradia

() Cidade (19) Campo

e) Cor/Etnia

(02) negro/a (02) branco/a (06) pardo () quilombola () indígena (06) outros: Moreno/a (02) Preto/a

12. Características do público participante na atividade:

- atividades socioeconômicas

( ) agricultores /as ( ) pescadores/as (19) estudantes () desempregados/as () ribeirinhos
() catadores/as ( ) cooperativados/as () domésticas () autônomos () donas de casa
()artesãos\sãs ( ) grupo de economia solidária () outros:

13. Descreva os momentos pedagógicos que compuseram a atividade de formação e os conteúdos abordados, estudo e problematização da realidade, de acordo com a metodologia Freireana, conforme diretriz 8.3 do PPP e descritos no PNF, conforme páginas 14 e 15. (recursos utilizados, como poesia, textos, músicas devem ser anexados):

1° momento:
Mística e acolhida – Em roda, apresentação das pessoas com uma brincadeira, "adoleta", enquanto passava a roda, as pessoas iam dizendo seu nome para a companheira/o do lado, olhando nos olhos.

Alguém sabe o que vamos fazer hoje? Já ouviram falar de Teatro? Já fizeram relação? E sobre teatro do Oprimido, já ouviram falar?

- Neste momento, somente uma pessoa disse ter assistido uma apresentação teatral, as outras ouviram falar, mas não tiveram nenhuma relação, principalmente com teatro do oprimido.

Breve fala de apresentação do que é TO: "O Teatro do Oprimido (TO) constitui-se enquanto cultura da comunicação, pois socializa os meios de produção do teatro. Nessa ideia o teatro do oprimido se apresenta como uma importante ferramenta da classe trabalhadora, que se apropriando dos meios de produção do teatro, terá a possibilidade de assumir sua potencialidade de ator/sujeito. Augusto Boal, que nos deixou essa técnica, e dizia que o espectador ensaia, preparando-se para a ação sobre as transformações a serem executadas no plano da realidade, portanto, em uma cena, por exemplo, não há espectadores e sim espec-ator, pois a comunicação só é possível em mãos dupla. É uma ferramenta de luta, vem justamente para romper a cadeia de opressão, artística política. Augusto Boal teorizou o TO, existe várias formas de se trabalhar. O que vamos trabalhar é o teatro Fórum, que são situações de conflitos, situação de opressão, que serão debatidas por todas as pessoas presentes.

Exercícios/jogos teatrais:

1- Teatro Fórum. Caminhar pelo espaço, olhando nos olhos de quem passa ao lado. Sem direção.

Orientações: "Enquanto caminho, como estão minhas pernas, mãos, braços, meu corpo, minha respiração... é esse meu jeito de andar todos os dias? Como caminho diariamente?"

Ritmos variados:

- Estabelecendo 4 ritmos: o ritmo mais lento é o número 1 e o maior o 4, entre estes é necessário descobrir um ritmo em comum do grupo. Como é o ritmo 3. 1. 2. 1. Como o grupo pode estabelecer o mesmo ritmo sem falar? 4. 2. Observar as pessoas ao nosso lado, estão sérias, sorrindo, preocupadas, bravas? Quais são as sensações?

Olhar:
- Em duas filas: Uma fila com os olhos fechados e outra com os olhos abertos. Identificar quais são as sensações.
Socialização das sensações e das principais dificuldades do exercício:
- Olhar nos olhos é muito difícil, às vezes por medo ou até vergonha;

- Consegui olhar, mas a pessoa que estava a minha frente toda hora fugia do olhar;
- A sensação é que vai ver alguma coisa que não pode;
- Não tocamos as pessoas, e quando cumprimentamos na rua, por exemplo, mal olhamos;

Em roda, direção, olhar, agilidade e memória:

- ZIP ZAP – passar um para o outro/a com um gesto nas mãos, direcionando o olhar e seguindo as orientações dadas; A medida que iam pegando o ritmo, nova orientação era data. Além do ZIP ZAP, o RONDON e UI.

- O segundo momento, houve uma chuva de ideias trazendo os principais elementos opressores e oprimidos:

Opressores: arma, violência, policias, marido sobre a mulher....
Oprimidos: mulheres, crianças...
Identificaram com o próprio corpo a postura de um ser opressor e a de um oprimido;

- Questão para reflexão: O opressor pode ser um oprimido?

- Em dois grupos, fazer um confronto entre opressores e oprimidos, usando os argumentos que se conhece.

Grupo montando as cenas

- O terceiro momento, em dois grupos, a orientação foi em trazer cenas cotidianas com uma situação na qual haja opressor e oprimido. Para isto, um tempo de 30 min.

APRESENTAÇÕES:
- 1º Grupo: Trouxe uma cena de família, na qual o pai, oprimi as filhas e a mulher, responsabilizando-a por não cuidar das filhas, e por uma delas estar namorando. Há um grande conflito na cena, e abriu-se para o debate, questionando as pessoas que não estavam em cena sobre a situação apresentada.

2º Grupo: Encenou uma briga de rua, na qual um grupo se prevalece em cima de outro, ressaltando os casos de bulling.

Nas duas cenas, o conflito rendeu forte debate, e várias pessoas entraram em cena para tentar mudar o percurso da história, mas nenhuma saiu com o resultado esperado. No início do debate as idéias eram ainda bastante autoritárias, como no caso do grupo 1, as pessoas que assistiram disseram que era obrigação da mulher que o marido estava certo das cobranças. E após um

diálogo questionando o papel da mulher e do homem em uma família, as colaborações para resolução de cena foram modificando.

Apresentação grupo 2

Avaliação:

- "Às vezes a gente nem percebe, mas a opressão pode até estar dentro de casa. É legal fazer essas coisas pra gente descobrir".

- "Gostei muito, acho que a gente tem que fazer isso mais vezes e falar de outros assuntos também".

*Segundo a Plataforma EDHESCA, os Direitos Humanos (civis, econômicos, culturais, ambientais, etc.) são indissociáveis. Essa concepção mais ampla de DH se aproxima dos desafios estratégicos pelo Plano Trienal da RECID.

14. Quais os encaminhamentos construídos na oficina (novos encontros, articulações políticas, ações)?

Foram solicitadas mais 06 outras agendas de encontro, porém não foram acertadas as datas, devido ao período de férias e copa do mundo. Faremos um cronograma entre final de julho e agosto.

15. Apresente os principais avanços e as principais dificuldades observadas na realização da atividade. (não se trata de problemas da realidade ou da trajetória dos participantes, mas da execução da atividade.

- Dificuldades:

- O local é de difícil acesso, e só possuem disponibilidade de trabalho com estes jovens, durante à noite;
- No início houve bastante dificuldade de concentração.

- Avanços:

- Já se percebia ao final da atividade, que o olhar sobre as situações de violência e opressão, haviam mudado. O grupo estava mais concentrado e se envolveu no debate.

17. Comentários e Justificativas (se necessário)

Justificativa:

- Os/as participantes da oficina são em sua maioria jovens que estudam na escola da Comunidade Tia Eva, eles/as não colocaram o número do CPF, alguns porque ainda não fizeram e outros/as por não que possuem não levaram o documento para escola e não se lembram dos números, portanto, apenas 02 pessoas informaram o CPF.
- Haviam cerca de 22 pessoas, somente 19 assinaram a lista, pois a passamos no final da atividade e alguns estudantes já tinham ido embora.
- Uma criança (entre 07 e 09 anos) participou ativamente de todos os exercícios, porém não assinou a lista de presença.

Nome da Entidade Âncora Estadual (contratada): Teatral Grupo de Risco
Assinatura do/a Educador/a contratado/a:
Contato Educador/a contratado/a (e-mail e telefone): Fernanda Kunzler 67 9241 6227 // kunzzler@gmail.com ou kunzzler@hotmail.com

PROJETO: E-DHESCA EDUCAÇÃO, CIDADANIA E DIREITOS HUMANOS
Conectando Redes e Saberes.
Convênio: 778677/2012- SDH/PR

Atividade/meta

(X) Atividades Pedagógicas de Formação e Capacitação em Direitos Humanos (Oficinas) – Meta 4, etapa 2

( ) Atividades Pedagógicas de Formação e Capacitação em Direitos Humanos (Encontro Intermunicipal) – Meta 4, etapa 3

( ) Atividades Pedagógicas de Formação e Capacitação em Direitos Humanos (Encontro Regional) – Meta 3, etapa 3

1. Estado: Mato Grosso do Sul	**2. Município:** Campo Grande
3. Outros Municípios envolvidos: Aquidauana, Campo Grande	
4. Endereço: Rua do Seminário, 1601 – Jardim Seminário	
5. Número de Participantes: 20	**6. Data:** 23 de outubro de 2013 // 14h às 18h
7. Educadores Responsáveis pela atividade (contratados e voluntários): Roma Román, Fernanda Kunzler (coletivo Recid MS)	
8. Organizações envolvidas com a atividade (parcerias): Movimento sem terra (MST), Teatral Grupo de Risco (TGR), Recid.	

9. Título (Que descreva o tema da atividade)

"Teatro do Oprimido e Comunicação"

10. Objetivo (O que queremos com esta atividade?)

Fortalecer as lutas sociais por meio do teatro do Oprimido, explorando especificamente o teatro do invisível junto à militantes de diversas organizações e movimentos populares do Estado.

10.1 Essa atividade é pontual? ( ) sim (X) não

10.2 Essa atividade é parte de um processo anterior? (X) sim ( ) não

11. Caracterização do grupo que participou da atividade:

a) Gênero

(13) Feminino (07) Masculino

b) Faixa Etária

nº de jovens: 06 nº de adultos: 14 nº de crianças acompanhantes:_____ nº de idosos:____

c) Escolaridade (preencher de acordo com a Lista de Presença)

( ) Não escolarizados/as () Ensino Fundamental (06) Ensino Médio (13) Ensino Superior

d) Localização da moradia

(18) Cidade (02) Campo

e) Cor/Etnia (preencher de acordo com a Lista de Presença)

(08) negro/a (04) branco/a (03) pardo ( ) quilombola (05) indígena () outros:

12. Características do público participante na atividade:

- atividades socioeconômicas

( ) agricultores /as ( ) pescadores/as (10) estudantes ( ) desempregados/as (01) ribeirinhos ( ) catadores/as ( ) cooperativados/as (01) domésticas (04) autônomos (01) donas de casa ( )artesãos\sãs ( ) grupo de economia solidária (03) outros: Artistas

13. Descreva os momentos pedagógicos que compuseram a atividade de formação e os conteúdos abordados, estudo e problematização da realidade, de acordo com a metodologia Freireana, conforme diretriz 8.3 do PPP e descritos no PNF, conforme páginas 14 e 15. (recursos utilizados, como poesia, textos, músicas devem ser anexados):

Esse grupo já se encontrou outras vezes, em cada encontro, dinâmicas e exercícios diferentes são trabalhados abrindo um leque de possibilidades e aprofundando o conhecimento sobre teatro do oprimido.
Iniciou com a apresentação das pessoas envolvidas e em seguida ouviu-se a música “Deixa eu dizer” (Ivan Lins).

Em roda olhando um no olho do outro/a, silêncio.
Alongamento e aquecimento:

-

Diálogo breve, sobre o que se lembram de teatro do oprimido, uma memória do encontro passado.

Exercícios:
Roda de ritmo e movimento
Num círculo, uma pessoa vai ao centro e executa um movimento qualquer, acompanhado de um som e dentro de um ritmo que ele próprio inventa. Todos os (a) participantes o seguem, tentando reproduzir exatamente os seus movimentos e sons, dentro de um ritmo. Quem está no meio da roda desafia outro (a), que vai ao centro do círculo e lentamente muda de movimentos, de ritmo e de som.

Hipnotismo
Uma pessoa põe a mão a poucos centímetros da cara de outro e este fica como que hipnotizado, devendo manter a cara sempre à mesma distância da mão do hipnotizador. Inicia-se uma série de movimentos com a mão, para cima e para baixo, fazendo com que o companheiro faça com o corpo todas as contorções possíveis a fim de manter a mesma distância. A mão hipnotizadora pode mudar, para fazer, por exemplo, com que o ator hipnotizado seja forçado a passar por entre as pernas do hipnotizador.

Dinâmica estatua, neste momento, a orientação era para que observassem seu próprio corpo, as sensações e o que

viesse a cabeça, sem censura.

- Numa terceira etapa, foram divididos em dois grupos, que trariam para a roda uma cena, antes, precisam identificar de que forma e qual tema abordariam para o debate da cena; Como o teatro pode servir de instrumento de luta? Quais são os principais temas que nos inquietam? O que queremos debater?

Apresentações:

- Um grupo trouxe a discussão sobre homofobia. Uma largo debate se estendeu sobre direitos e preconceito.

*Segundo a Plataforma EDHESCA, os Direitos Humanos (civis, econômicos, culturais, ambientais, etc.) são indissociáveis. Essa concepção mais ampla de DH se aproxima dos desafios estratégicos pelo Plano Trienal da RECID.

14. Quais os encaminhamentos construídos na oficina (novos encontros, articulações políticas, ações)?

- Organização do planejamento de atividades do grupo, para que coletivamente, possamos dar continuidade no trabalho de formação.

15. Apresente os principais avanços e as principais dificuldades observadas na realização da atividade. (não se trata de problemas da realidade ou da trajetória dos participantes, mas da execução da atividade.

Dificuldades:

- Com a concentração nos exercícios;

Avanços:

- Apesar do muito cuidado que tiveram em falar sobre homossexualidade, houve bons debates, e parece que, a quebra de algumas barreiras.

17. Comentários e Justificativas (se necessário)

Conceito: Teatro do Oprimido

Teatro do Oprimido (TO) é um método teatral que reúne exercícios, jogos e técnicas teatrais elaboradas pó Augusto Boal, entre os anos 60 e 70. A ideia é a democratização dos meios de produção teatral, o acesso das camadas sociais menos favorecidas e a transformação da realidade por meio do diálogo e do teatro.

Nome da Entidade Âncora Estadual (contratada): Teatral Grupo de Risco
Assinatura do/a Educador/a contratado/a:
Contato Educador/a contratado/a (e-mail e telefone): Fernanda Kunzler 67 9241 6227 // kunzzler@hotmail.com

PROJETO: E-DHESCA EDUCAÇÃO, CIDADANIA E DIREITOS HUMANOS
Conectando Redes e Saberes.
Convênio: 778677/2012- SDH/PR

Atividade/meta

(x) Atividades Pedagógicas de Formação e Capacitação em Direitos Humanos (Oficinas) – Meta 4, etapa 2

( ) Atividades Pedagógicas de Formação e Capacitação em Direitos Humanos (Encontro Intermunicipal) – Meta 4, etapa 3

( ) Atividades Pedagógicas de Formação e Capacitação em Direitos Humanos (Encontro Regional) – Meta 3, etapa 3

1. Estado: Mato Grosso do Sul	**2. Município:** Terenos
3. Outros Municípios envolvidos: Terenos, Campo Grande**.**	
4. Endereço: Rua Doutor Ary Coelho Oliveira, 592 - Centro, MS	
5. Número de Participantes: 21	**6. Data:** 22.11.2013
7. Educadores Responsáveis pela atividade (contratados e voluntários): Roma Rosario Román Añez, Leandro Melo e Fernanda Kunzler	
8. Organizações envolvidas com a atividade (parcerias): Teatral Grupo de Risco e Rede de Educação Cidadã e Escola Estadual Antônio Valadares.	

9. Título (Que descreva o tema da atividade)

Oficina Teatro do Oprimido e Comunicação – professores da Escola Estadual Antônio Valadares

A partir de necessidades expostas pelo corpo docente da escola supracitada, a RECID e Teatral Grupo de Risco elaboraram oficina de Teatro do Oprimido, com o intuito de desenvolver temas que fazem parte da problemática cotidiana da escola e que, se abordados a partir desta técnica , são discutidos de modo direto e franco por todos os envolvidos.

10. Objetivo (O que queremos com esta atividade?)

Objetivo - Realizar oficinas de Teatro do Oprimido disponibilizando a técnica para o corpo docente da Escola Estadual Antônio Valadares como ferramenta de abordagem e discussão de temas que permeiam as relações sociais no que tange a comunicação da comunidade escolar em questão.

No decorrer do processo, haverá rodas de conversa para reformulação e apresentações de novos temas decorrentes do andamento do trabalho realizado.

Serão realizados durante quatro messes, dois encontros mensais com duração de 4horas cada um.

10.1 Essa atividade é pontual? ( )sim (x)não

10.2 Essa atividade é parte de um processo anterior? (x)sim ( )não

11. Caracterização do grupo que participou da atividade:

a) Gênero

(11) Feminino (3) Masculino

b) Faixa Etária

Nº de jovens:___ nº de adultos: 19 nº de crianças acompanhantes:_____ nº de idosos: 02

c) Escolaridade

( ) Não escolarizados/as ( ) Ensino Fundamental ( ) Ensino Médio (21) Ensino Superior

d) Localização da moradia

(2) Cidade ( ) Campo

e) Cor/Etnia

(01) negro/a (20) branco/a ( ) pardo ( ) quilombola ( ) indígena ( )outros:_____

12. Características do público participante na atividade:

- atividades socioeconômicas

( ) agricultores /as ( ) pescadores/as ( ) estudantes ( ) desempregados/as ( )ribeirinhos ( ) catadores/as ( ) cooperativados/as ( ) domésticas ( ) autônomos ( ) donas de casa ( )artesãos\sãs ( ) grupo de economia solidária (19) outros: **professores (02)coordenador**

13. Descreva os momentos pedagógicos que compuseram a atividade de formação e os conteúdos abordados, estudo e problematização da realidade, de acordo com a metodologia Freireana, conforme diretriz 8.3 do PPP e descritos no PNF, conforme páginas 14 e 15. (recursos utilizados, como poesia, textos, músicas devem ser anexados):

a) Problematização da realidade: que necessidades motivaram a realização da oficina? Há direitos humanos negados e violados? Quais?*

A diretoria e o educador estagiário de Artes Cênicas da E**scola Antônio Valadares** procuraram a entidade âncora expondo questionamentos que são apresentados por alunos e/ou pais e cuja dificuldade em abordá-los, ocasiona dificuldades no dia a dia da comunidade escolar em questão.

Preconceitos (racial, sexual, social) discriminação, Bullying, violência doméstica entre outros são os temas abordados

Nesse sentido, a organização das atividades foi concebida, colocando na roda de exercícios temas que evidenciem a estas atitudes e mobilizem os participantes para serem sujeitos ativos no combate às mesmas.

Apontar os pequenos atos e opiniões com conteúdos explícitos ou subliminares de desvalorização da mulher, violência de gênero, desigualdade, menosprezo às condições de trabalho e à tripla jornada da grande maioria das

mulheres em diferentes âmbitos de atividade.

b) Aprofundamento teórico/ conceitual da realidade: como se deu o debate¿ quais foram as principais idéias em relação à problematização sobre DH? Que recursos foram utilizados? Quais dinâmicas? Como foi a participação? Quais foram as principais idéias em relação à problematização sobre Direitos Humanos?

Iniciamos o encontro com a exposição do objetivo da oficina;
Foram feitos acordos sobre a dinâmica da oficina e outras questões gerais;
Atividades de acolhimento
Mística e apresentação das pessoas participantes;

A metodologia desse momento começa com a exibição de o trecho inicial (desenhos animados) do filme "**O substituto"**, dirigido por Tony Kaye. (Quais cenas, desde o início são muito pertinentes com uma profunda reflexão sobre o ambiente educacional e as diversas visões de educadores e alunos sobre a escola. Filme que propicia a

todos os envolvidos com ensino a refletir um pouco sobre as idéias abordadas nesses poucos minutos de vídeo.

Segue abaixo temas apontados:
- Multiplicar a experiência – os professores se utilizarem da técnica do TO para questionar, provocar a reflexão e discussão junto aos alunos temas sobre a comunidade local e a sociedade, no intuito de agilizar a participação efetiva nos debates, na perspectiva de que sejam sujeitos ativos nas questões do cotidiano de sua comunidade e da sociedade.

- Estimular a manifestação de opiniões que esclareçam questões sobre discriminação, preconceito, violência domestica e de gênero, bullying, direitos humanos;

- Incentivar a cultura da Paz e da igualdade de direitos;

- Procurar ampliar o número de participantes para que toda a comunidade escolar consiga dialogar em prol de uma convivência harmônica.

c) Aplicação do conhecimento/ Formulação de estratégias de ação diante desta realidade: que conclusões chegaram em relação ao tema? O que aprendemos?

Segue abaixo ações apontadas:

- Multiplicar a experiência – os professores se utilizarem da técnica do TO para questionar, provocar a reflexão e discussão junto aos alunos temas sobre a comunidade local e a sociedade, no intuito de agilizar a participação efetiva nos debates, na perspectiva de que sejam sujeitos ativos nas questões do cotidiano de sua comunidade e da sociedade.

- Estimular a manifestação de opiniões que esclareçam questões sobre discriminação, preconceito, violência domestica e de gênero, bullying, direitos humanos;

- Incentivar a cultura da Paz e da igualdade de direitos;

- Ampliar o número de participantes para que toda a comunidade escolar consiga dialogar em prol de uma convivência harmônica.

d) Como a atividade foi avaliada pelo grupo?

O grupo avaliou como de extrema importância não só a oficina, mas, a continuidade das mesmas, já que contribui estimular todos os envolvidos em processos de discussão, reformulação de conceitos e promover o empoderamento, autonomia e mudança de atitudes em relação aos temas abordados, na busca de uma sociedade fraterna.

*Segundo a Plataforma EDHESCA, os Direitos Humanos (civis, econômicos, culturais, ambientais, etc.) são indissociáveis. Essa concepção mais ampla de DH se aproxima dos desafios estratégicos pelo Plano Trienal da RECID.

14. Quais os encaminhamentos construídos na oficina (novos encontros, articulações políticas, ações)?

- Durante o segundo semestre de 2012, organizar junto a comunidade escolar outros momentos que se estenda aos/as alunos/as da escola.

15. Apresente os principais avanços e as principais dificuldades observadas na realização da atividade. (não se trata

de problemas da realidade ou da trajetória dos participantes, mas da execução da atividade.

- Interesse por teatro como instrumento de debate; - Importância de atividades como esta para auxiliar professores/as em seu ofício;	

17. Comentários e Justificativas (se necessário)

- Devido à mudança brusca de clima e temperatura, só ocorreu no período matutino e com a presença de 21 pessoas; - A atividade iniciou com poucas pessoas, foram chegando outras no decorrer da oficina. A oficina foi construída para ser realizada em dois períodos.

Nome da Entidade Âncora Estadual (contratada): Teatral Grupo de Risco.

Assinatura do/a Educador/a contratado/a: Roma Rosario Román Añez/Fernanda Kunzler

Contato Educador/a contratado/a (e-mail e telefone): romaromananez2010@hotmail.com/ **(67) 9635-3576**

PROJETO: E-DHESCA EDUCAÇÃO, CIDADANIA E DIREITOS HUMANOS
Conectando Redes e Saberes.
Convênio: 778677/2012- SDH/PR

Atividade/meta

( ) Atividades Pedagógicas de Formação e Capacitação em Direitos Humanos (Oficinas)– Meta 4, etapa 2

(x) Atividades Pedagógicas de Formação e Capacitação em Direitos Humanos (Encontro Intermunicipal) – Meta 4, etapa 3

( ) Atividades Pedagógicas de Formação e Capacitação em Direitos Humanos (Encontro Regional) – Meta 3, etapa 3

1. Estado: Mato Grosso do Sul	**2. Município:** Campo grande
3.Outros Municípios envolvidos: Sidrolândia, Terenos, Campo Grande	
4. Endereço: Rua do Seminário, 1601	
5. Número de Participantes: 15	**6. Data:** 25/11/2013 08h as 12h
7. Educadores Responsáveis pela atividade (contratados e voluntários):	
8. Organizações envolvidas com a atividade (parcerias): Rede de Educação Cidadã, Movimento dos Trabalhadores Rurais sem terra, Teatral Grupo de Risco.	

9. Título (Que descreva o tema da atividade)

"Educomunicação com a juventude do Movimento Sem-Terra Sul Matogrossente".

10. Objetivo (O que queremos com esta atividade?)

Debater e dialogar sobre a comunicação e algumas formas de atuação, com o intuito de formar jovens preparados para agregar frentes de formação em seus movimentos.

10.1 Essa atividade é pontual? ( ) sim (X) não

10.2 Essa atividade é parte de um processo anterior? (X) sim ( ) não

11. Caracterização do grupo que participou da atividade:

a) Gênero

(15) Feminino (12) Masculino

b) Faixa Etária

nº de jovens: 15 nº de adultos:____ nº de crianças acompanhantes:_____nº de idosos:____

c) Escolaridade

( ) Não escolarizados/as (04) Ensino Fundamental (17) Ensino Médio (06) Ensino Superior

d) Localização da moradia

(03) Cidade (12) Campo

e) Cor/Etnia

(04) negro/a (02) branco/a (09) pardo ( ) quilombola ( ) indígena ( )outros:_____

12. Características do público participante na atividade: - atividades socioeconômicas

()agricultores /as () pescadores/as (15) estudantes () desempregados/as ( )ribeirinhos
()catadores/as () cooperativados/as () domésticas () autônomos () donas de casa
()artesãos\sãs ( ) grupo de economia solidária
()outros:_____

13. Descreva os momentos pedagógicos que compuseram a atividade de formação e os conteúdos abordados, estudo e problematização da realidade, de acordo com a metodologia Freireana, conforme diretriz 8.3 do PPPe descritos no PNF, conforme páginas 14 e 15. (recursos utilizados, como poesia, textos, músicas devem ser anexados):

2ª etapa do encontro:

Facilitador da manhã – Douglas
Hoje irá se trabalhar um pouco da história do Brasil / comunicação e Cultura.
Dialogo conjunto. Memória do dia seguinte.
Comunicação como forma de despertar a indignação, dialogo entre os operários, associações e movimentos.
O campesinato que se habitua a viver como operário cria novos costumes, e por isso se afasta ou provoca uma ruptura no pensamento político.
Em 1900, através dos debates sobre a economia política, no livro "o que fazer?" ajuda no pensamento sobre comunicação das organizações.
Poucas idéias para muitas pessoas. Muitas idéias para poucas pessoas.

Contribuição de autores marxistas para comunicação.
Depois da revolução russa conseguiu-se avançar na estrutura para esse modelo de intervenção.

Cultura:
Coletivamente – Tradições / costumes / Teatro (Ferramenta) / Artes / Crenças / Folclore / Religião / Modo de produção da vida / Profano e Sagrado / Civilizado.Modos / conhecimento / Ética e Moral / Profano e Sagrado / Sociabilidade.Trabalho / Agir.Pensar.Expressar / Diferenças.

Umas das palavras que mais difícil de se definir.
Latim – Colere: Cultivar / Agricultura.
Colonização / Colono. (Chegada ao Brasil – Colonização por desconsiderar a existência e autonomia dos povos indigenas).
Culto / Memória.
Processo / Germinar, Desenvolvimento
Marxistas Ingleses.
Transposição do Rio São Francisco.
Mediação da cultura para transformação da Natureza.

Paidéia – Formação.
Com o fortalecimento da Igreja católica na idade média o pensamento é regado a Deus, ai estamos pensando que o homem não pode criar as coisas e somo limitados ao contraponto daquele. E vamos criando essa identidade de irmandade, de encontro. Nessa época o negro não tinha alma, visto que não estava na cultura cristã.
Fala sobre o Feudalismo.
Criação dos Estados Nacionais / Formação da Língua para criar identidade / Mitos e Literatura. Hinos nacionais, bandeiras, imagens para representar a grandeza do país.

Reforma Protestante – Séc. 16 e 17. Crítica ao cristianismo.
A idéia de inculto vem de não falar o latim.
Séc. 16 - começo só da transformação da arte pelas pessoas, rompimento com a igreja.
Na cultura cristã era pecado o lucro, a usura. A criação da cultura burguesa foi uma grande ruptura. Cultura das castas.
1800 – Outro período de colonização / Desta vez da África. Espanha e Portugal se unificam.

Parada para discussão sobre plebiscito popular.
Essa parte da atividade começou com uma canção coletiva sobre o plebiscito popular. "Ah, a juventude vai dizer, que é coisa do passado ficar desorganizado, ah, não temo tempo a perder, o povo explorado e o SUS abandonado, e agora vamos lutar por ela, sabemos que vai acontecer, reforma do sistema político, com o plebiscito, povo no poder".
Depois pediu-se para fazer uma roda com as pessoas em pé, fez se a contagem de quantos negros tinham na sala, quantos brancos, quanto indígenas. E na proporção que existem hoje na representação nacional foram pedidos para as pessoas entrarem no meio da roda, 8,5% de negros, 9,5% de mulheres, 3% de juventude.
Essa é nossa configuração nacional de representação, e a pergunta que fica é, como podemos ser representados por tanta gente que na verdade representa a si mesmo. 70% da câmara federal é de ruralistas e empresários, eles gastão uma fortuna na para se elegerem e recebem enormes contribuição de empresas, e é contra tudo isso que temos que lutar, por uma reforma política popular e que desmantele essas quadrilhas.
Como se disse antes, a proposta é que o plebiscito se fortaleça enquanto processo de discussão de alternativas para mudança, o que realmente queremos que mude, e isso vai para além de uma reforma eleitoral, nós queremos consulta a população brasileira para grandes projetos, queremos outro tipo de votação, queremos limite de mandatos, somos totalmente contra a contribuição e empresas a campanhas eleitorais.
Alguns questionamentos oram surgindo, umas das coisas que chama atenção, ainda é o medo das pessoas que outras decidam sobre alguns processos. E com certeza deve ser amadurecido futuramente, será que o povo teria condições reais de não trazer mais arbitrariedades com seu próprio povo.
A segunda pergunta que deve orientar nossos trabalhos é como colocar isso nos nossos treinamentos e práticas de propaganda. Verificar a possibilidade fazer cenas e construir frases com o tema do plebiscito.

*Segundo a Plataforma EDHESCA, os Direitos Humanos (civis, econômicos, culturais, ambientais, etc.) são indissociáveis. Essa concepção mais ampla de DH se aproxima dos desafios estratégicos pelo Plano Trienal da RECID.

14. Quais os encaminhamentos construídos na oficina (novos encontros, articulações políticas, ações)?

- Formação de um grupo de teatro, principalmente voltado ao Teatro do Oprimido, para debates de tema centrais de participação do povo.

15. Apresente os principais avanços e as principais dificuldades observadas na realização da atividade.(não se trata de problemas da realidade ou da trajetória dos participantes, mas da execução da atividade.

- Outras agendas do movimento dificultou o trabalho com o mesmo grupo.

17. Comentários e Justificativas (se necessário)

Nome da Entidade Âncora Estadual (contratada): Teatral Grupo de Risco

Assinatura do/a Educador/a contratado/a:

Contato Educador/a contratado/a (e-mail e telefone):

PROJETO: E-DHESCA EDUCAÇÃO, CIDADANIA E DIREITOS HUMANOS
Conectando Redes e Saberes.
Convênio: 778677/2012- SDH/PR

Atividade/meta

(X) Atividades Pedagógicas de Formação e Capacitação em Direitos Humanos (Oficinas) – Meta 4, etapa 2

( ) Atividades Pedagógicas de Formação e Capacitação em Direitos Humanos (Encontro Intermunicipal) – Meta 4, etapa 3

( ) Atividades Pedagógicas de Formação e Capacitação em Direitos Humanos (Encontro Regional) – Meta 3, etapa 3

1. Estado: Mato Grosso do Sul	**2. Município:** Campo Grande
3. Outros Municípios envolvidos: Aquidauana, Corumbá, Dourados, Ivinhema, Miranda.	
4. Endereço: Rua do Seminário, 1601 – Jardim Seminário	
5. Número de Participantes: 21	**6. Data:** 26 de janeiro de 2014 das 14h às 18h
7. Educadores Responsáveis pela atividade (contratados e voluntários): Roma Román, Fernanda Kunzler (coletivo Recid MS)	
8. Organizações envolvidas com a atividade (parcerias): Movimento indígena, movimento negro, Teatral Grupo de Risco.	

9. Título (Que descreva o tema da atividade)

"Teatro do Oprimido"

10. Objetivo (O que queremos com esta atividade?)

Fortalecer as lutas sociais por meio do teatro do Oprimido junto à militantes de diversos movimentos e organizações populares.

10.1 Essa atividade é pontual? ( ) sim (X)não

10.2 Essa atividade é parte de um processo anterior? (X) sim ( ) não

11. Caracterização do grupo que participou da atividade:

a) Gênero

(11) Feminino (10) Masculino

b) Faixa Etária

nº de jovens: 04 nº de adultos: 17 nº de crianças acompanhantes:_____ nº de idosos:____

c) Escolaridade (preencher de acordo com a Lista de Presença)

( ) Não escolarizados/as (03) Ensino Fundamental (05) Ensino Médio (13) Ensino Superior

d) Localização da moradia

(03) Cidade (18) Campo

e) Cor/Etnia (preencher de acordo com a Lista de Presença)

(09) negro/a (05) branco/a (02) pardo ( ) quilombola (02) indígena (02)outros: Moreno/Multiétnico

12. Características do público participante na atividade:

- atividades socioeconômicas

( ) agricultores /as ( ) pescadores/as (08) estudantes ( ) desempregados/as (01) ribeirinhos ( ) catadores/as ( ) cooperativados/as ( ) domésticas ( ) autônomos ( ) donas de casa ( )artesãos\sãs ( ) grupo de economia solidária (12) outros: Artistas, MST, Movimentos sociais

13. Descreva os momentos pedagógicos que compuseram a atividade de formação e os conteúdos abordados, estudo e problematização da realidade, de acordo com a metodologia Freireana, conforme diretriz 8.3 do PPP e descritos no PNF, conforme páginas 14 e 15. (recursos utilizados, como poesia, textos, músicas devem ser anexados):

Exercício inicial

Na militância estamos 25 horas por dia atentos, prontos para a luta.
Exercício: Caminhando pelo espaço, ao som de palmas, acelerando o ritmo.

O que é dito é o mais importante e o que é brincado é o mais sério.
Encontraram-se em duplas, visualizaram-se, e continuaram andando, depois pararam de acordo com o comando em espaços diferentes e distantes. Foi solicitado que, mesmo com a distância, falassem uma para a outra o que pensava dela.

Desmistificar situações que banalizamos, conceitos e ações do cotidiano que são sedutoras e às vezes nos enganamos.

O que não te agradou nela¿
A gente lê o outro superficialmente.
Somos muitos bem educados, sorrimos e depois abraçamos. Desmistificar a hipocrisia.
Como fazer algo como ator se a gente mente¿

- Temos a mania de dizer que ás vezes não se identifica com algumas pessoas.
- Se falássemos, por exemplo, o ódio¿
Somos ensinados a odiar;
Há ruralistas que possuem ódio dos indígenas sem argumentos para isso;
Há cotidianamente coisas bem sútis feitos da pior maneira.
Relações desiguais de opressão, o teatro do oprimido trabalha sobre o olhar da sociedade que oprimi. Às vezes, em nossas próprias casas, encontramos opressor e oprimido. Como ter uma relação horizontal¿ O teatro se presta a isso, o ator não pode mentir, e vai se lapidando enquanto ser humano.

Apresentação de cena

Volta a caminhar, olhe os colegas nos olhos... Pesquise um som, e vai soltando a medida que caminha. Parece ridículo, então sejam ridículos, bem devagar, coloque o som para fora, bem baixinho. Não podar a criatividade, vai soltando cada vez mais alto, de forma que apareça só o seu som.

Foi virando uma roda e soltando o som cada vez mais alto, girando, girando.... Fizeram caracol e vários formatos. Concentram-se no centro, em total silêncio. Fecham os olhos, respiram.

Em dois grupos:

Orientação: Alguns sons sobressaíram, e outros perderam a força. Estamos utilizando o som, o canto, para falar de outras coisas, da vida. O que interessa nessa relação que estamos discutindo¿ Tudo o que foi feito até esse momento, se liguem em todas as questões, houve um esforço para chegar até aqui, tudo isso conta.... Observem!

De um lado, são as pessoas que tiveram dificuldade de manter seu som. Este grupo, vai falar da dificuldade de que seu canto seja abraçado pelos outros. Vão construir uma cena, para contar isso.

O outro grupo: O que foi que a minha ação fez com que conseguíssemos colocar esse som mais forte. Falem sobre o antes, durante e depois. Contem uma história, na qual vocês conseguiram colocar o que queriam.

Debates:
- Na sociedade somos orientados a sermos melhores que os outros. É uma disputa.

Grupo 1:
- Uma pessoa começa abafando o som de várias outras, até que estas, começam a reagir e emitem conjuntamente um som maior, até o ponto, que o som opressor inicial, sai de cena.

Grupo 2:
- Várias pessoas caminhando, e uma tentando fazer com estas começassem um diálogo, ninguém a ouvia, ignoravam as falas. Até que ela, depois de insistir bastante, consegue unir mais pessoas, e outras iniciam ações como o que ela estava fazendo.

Cada grupo fará considerações do grupo que assistiu, à partir do que foi visto exercitado hoje.

Grupo 1 fará considerações do grupo 2 e este do grupo 1:

Cada um é sujeito, não delegue para ninguém a sua voz.

Exercício em roda, com som

Grupo 1 em relação ao grupo 2: Foi criativo. O líder não teve voz para ser ouvido; Ouve uma tentativa de imposição sobre a maioria, depois a maioria foi contra; Havia uma pessoa opressor, e a comunidade se uniu e conseguiu se colocar contra; O opressor foi oprimido; Cada um estava emitindo um som e na hora de ir contra, todos emitiram o mesmo som; Será que é desse jeito, sempre o opressor vai ser corrido¿ Isso é mentira, não é verdade. O opressor oprimi e a população aceita. Nos vivemos sobre o capitalismo, um político quando vai se colocar a falar sobre a comunidade, o povo não vai lá falar contra, o povo acaba aceitando a ideia dele, mesmo que não concorde. As vezes nos colocamos no lugar do oprimido, mas oprimimos também. Mas, há uma visão também muito conformista, tentando ver razões para a opressão.
1530 o povo tava sofrendo opressão em Israel, quando Saul assumiu o reinado, chegou um dia que alguém disse, você vai assumir esse reino, o povo está contra nós

Grupo 2 em relação ao grupo 1: Ficou claro, que existia uma pessoa que tentava manipular as outras pessoas a serem pessoas pacíficas; O grupo mostrou que uma andorinha só não faz verão; Havia alguém que fazia um processo de articulação e mobilização, mas se percebia que dentro do grupo existia muitas outras formas de relação e barganhas. Enquanto uma mulher que levava o movimento não se avançava, quando o homem assumiu, daí houve avanço. A questão do homofobismo, que é uma relação de opressão, não se deve falar de religião num espaço

político, porque política e religião juntas vira algo complicado;

Debate:
- No Brasil vivemos dispersos, na cena, uma sindicalista defende seu conceito de ideias. Não estava satisfeita socialmente... Por isso estamos aqui, a sociedade está satisfeita, e nos não estamos.

Se cercar de possibilidades para se ter propriedade às ações de opressões cotidianas. O que se pretendia e não fez, também aparece, pois não o fez. O compromisso é hoje. Acabei de falar já é passado, não posso concertar aquele que eu disse, nem posso pensar amanhã o que estou pensando agora, por que já não é mais o mesmo. Todos nós aprendemos. Essas questões precisam ser tratadas com o máximo de interesses. O que trouxeram, foi o que deu, foi o que pensaram, ninguém pensou por vocês.

d) Como a atividade foi avaliada pelo grupo?

O que não foi bom¿ O que sentiram falta¿ O que poderia ser feito¿

- Pouco tempo, poderia ter maior tempo;

- Gosto do teatro, acho que foi fundamental, ficaram muitos pontos de interrogação que quero ir mais fundo. Quero mais. Somos cultura, mas precisamos de cultura;

- No começo achei estranho, achei pacato, calmo...fiquei pensando que não estava entendendo¿ Mas, depois que fui interagindo, fui entendendo. Não chegou aqui dizendo o que era, mas sim o que poderia sai da gente. Trabalhou com nossa imaginação¿

- Achei que a oficina foi meio tímida, mas acaba sendo guerreira e puxando para trazer mais. Temos as características de lutar.

- Gostei muito da atividade. Muito interessante a dinâmica. É necessário trabalhar essa temática com diversos temas, como a LGBT e outras;

- ABRAÇO COLETIVO!

Final da atividade

*Segundo a Plataforma EDHESCA, os Direitos Humanos (civis, econômicos, culturais, ambientais, etc.) são indissociáveis. Essa concepção mais ampla de DH se aproxima dos desafios estratégicos pelo Plano Trienal da RECID.

14. Quais os encaminhamentos construídos na oficina (novos encontros, articulações políticas, ações)?

- Continuidade do processo de formação, com mais 03 encontros agendados, sempre um dia antes da Escola de Formação Popular;

15. Apresente os principais avanços e as principais dificuldades observadas na realização da atividade. (não se trata de problemas da realidade ou da trajetória dos participantes, mas da execução da atividade.

Avanços:

- Envolvimento e interesse das e dos participantes na oficina;

Dificuldades:

- Algumas pessoas participaram pela primeira vez da atividade, não houve a mesma compreensão das outras que já estão no processo.

17. Comentários e Justificativas (se necessário)

O QUE É TEATRO DO OPRIMIDO?

O que caracteriza a cultura é a possibilidade de modificando a natureza, o homem humanizar-se, construindo o mundo da cultura, a esfera predominantemente humana. Esta, porém, pode desdobrar-se em duas possibilidades: cultura enquanto dominação ou cultura da comunicação. No primeiro caso o processo cultural institui uma ordem descolada das necessidades universais da sociedade, representando apenas uma parte do movimento, caracterizada na visão da classe dominante. Considerando ainda as palavras do próprio Augusto Boal, os produtores do teatro sempre estiveram, direta ou indiretamente, ligados a classe dominante. Contrariando essa dinâmica, a cultura da classe trabalhadora constitui-se em comunicação na medida em que exatamente possibilita aos seres humanos, vivenciar de forma igual, o processo de transformação do mundo natural em mundo cultural, possibilitando a participação de todos enquanto sujeitos da história.
Assim, o Teatro do Oprimido (TO) constitui-se enquanto cultura da comunicação na acepção mais profunda da palavra, pois socializa os meios de produção do teatro, libertando o publico envolto na estrutura do sistema, baseado na divisão da sociedade em classes sociais, que relega a classe trabalhadora a eterna posição de espectador do espetáculo teatral e num âmbito maior das decisões sociais.

Por que se chama teatro do oprimido? A concepção mais antiga de teatro relaciona-se a capacidade de nos seres humanos, nos vermos em ação.
No TO, nós nos vemos em ação e vemos também a forma como esta organizada e dividida a sociedade, em opressores e oprimidos. Esta divisão não ocorre espontaneamente, mas dentro de um sistema de organização da própria vida que divide a sociedade entre os que têm meios de produção e os que não têm nada alem da capacidade de trabalho. Por acaso você identificou dois personagens, burgueses e proletários? Ah sim, eles podem assumir outros nomes como patrão e empregado, pobres e ricos.
Exercício utilizado: **Dois grupos, de frente um para o outro**
Cada grupo emite um som diferente e tenta fazer com que o outro grupo se submeta a ele.

Nome da Entidade Âncora Estadual (contratada): Teatral Grupo de Risco

Assinatura do/a Educador/a contratado/a: Fernanda Kunzler

Contato Educador/a contratado/a (e-mail e telefone): 67 9241 6227 // kunzzler@gmail.com

PROJETO: E-DHESCA EDUCAÇÃO, CIDADANIA E DIREITOS HUMANOS
Conectando Redes e Saberes.
Convênio: 778677/2012- SDH/PR

Atividade/meta

(X) Atividades Pedagógicas de Formação e Capacitação em Direitos Humanos (Oficinas) – Meta 4, etapa 2

( ) Atividades Pedagógicas de Formação e Capacitação em Direitos Humanos (Encontro Intermunicipal) – Meta 4, etapa 3

( ) Atividades Pedagógicas de Formação e Capacitação em Direitos Humanos (Encontro Regional) – Meta 3, etapa 3

1. Estado: Mato Grosso do Sul	**2. Município:** Campo Grande
3. Outros Municípios envolvidos: Corumbá, Aquidauana, Miranda, Campo Grande.	
4. Endereço: Rua do Seminário, 1601 – Jardim Seminário	
5. Número de Participantes: 20	**6. Data:** 29 de janeiro de 2014 // 8h às 12h
7. Educadores Responsáveis pela atividade (contratados e voluntários): Fernanda Kunzler (coletivo Recid MS)	
8. Organizações envolvidas com a atividade (parcerias): Teatral Grupo de Risco, Movimento indígena, Movimento Negro, Comissão Pastoral da Terra, Pastoral da Juventude, Fórum de Juventude.	

9. Título (Que descreva o tema da atividade)

"TO – Teatro do Oprimido e comunicação"

10. Objetivo (O que queremos com esta atividade?)

Fortalecer as lutas populares por meio do teatro do oprimido, enquanto instrumento de debate e reflexão sob diversas temáticas.

10.1 Essa atividade é pontual? ( ) sim (X) não

10.2 Essa atividade é parte de um processo anterior? (X) sim ( )não

11. Caracterização do grupo que participou da atividade:

a) Gênero

(09) Feminino (11) Masculino

b) Faixa Etária

nº de jovens: 07 nº de adultos: 13 nº de crianças acompanhantes: 01 - nº de idosos:

c) Escolaridade

(0) Não escolarizados/as (06) Ensino Fundamental (3) Ensino Médio (11) Ensino Superior

d) Localização da moradia

(16) Cidade (04) Campo

e) Cor/Etnia

(03) negro/a (04) branco/a (08) pardo () quilombola (03) indígena (01) outros: Moreno

12. Características do público participante na atividade:

- atividades socioeconômicas

( ) agricultores /as ( ) pescadores/as (08) estudantes () desempregados/as (01) ribeirinhos
() catadores/as ( ) cooperativados/as (02) domésticas (05) autônomos (03) donas de casa
()artesãos\sãs ( ) grupo de economia solidária
(01) outros: Arte educadores;

13. Descreva os momentos pedagógicos que compuseram a atividade de formação e os conteúdos abordados, estudo e problematização da realidade, de acordo com a metodologia Freireana, conforme diretriz 8.3 do PPP e descritos no PNF, conforme páginas 14 e 15. (recursos utilizados, como poesia, textos, músicas devem ser anexados):

1° momento:

Mística e acolhida – Em roda, representação das mãos, mão direita voltada para e esquerda para cima, à fim de manter o fluxo e a energia da roda.

Alguém já ouviu falar de Teatro do Oprimido? Já tiveram relação?

Neste momento, iniciou uma breve memória do encontro anterior, no qual foi introduzido a origem do Teatro do

Oprimido.

Algumas pessoas citaram exemplos: – Um dos momentos: Cesariana forçada pelo Estado; Fizemos uma atividade de andar sem rumo, e andávamos numa linha só. Naturalmente agente se agrupa em uma direção.

"TO é uma ferramenta de luta, vem justamente para romper a cadeia de opressão, artística política. Augusto Boal teorizou o TO, existe várias formas de se trabalhar. O que vamos trabalhar é o teatro Fórum, a ideia é que estes momentos de formação contribuam para fortalecer nossas atividades nas bases. No Teatro Fórum trabalha-se com situações conflito, situação de opressão. As pessoas que estão assistindo são, de acordo com o que nos traz Augusto Boal, expec-atores, vão interferir na cena, são sujeitos e não platéia".

Da respiração, importância de cuidar, exercício: Cheira flor e apaga a vela.

Exercícios/jogos teatrais:

1- Teatro Fórum. Caminhando pelo espaço, sem direção. Orientações enquanto as pessoas fazem o exercício em silêncio: Qual a minha forma de caminhar? Como as outras pessoas caminham? Como está minha respiração? Sinto que estou respirando? E como estão as pessoas que passam por mim?

- Estabelecendo 4 ritmos: o ritmo mais lento é o número 1 e o maior o 4, entre estes é necessário descobrir um ritmo em comum do grupo. Como é o ritmo 3. 1. 2. 1. Como o grupo pode estabelecer o mesmo ritmo sem falar? 4. 2. Observar as pessoas ao nosso lado, estão sérias, sorrindo, preocupadas, bravas? Quais são as sensações?

2- Fazer duas filas. Um em frente do outro. Fazer duplas. Olhar nos olhos. O que causa? Medo? Porque eu fico fazendo brincadeira quando olho nos olhos das outras pessoas? Qual a sensação? Tenho vergonha? Dá um passo para trás, olhe a pessoa inteira. Somo iguais? Olhem o nariz, boca, braço. A fila do lado esquerda feche os olhos. A fila do lado direito ficam com os olhos abertos e trocam os pares, se aproximem das pessoas a sua frente. Quem esta com olho fechado pega no rosto de quem está à sua frente. Como é o nariz da pessoa, sobrancelha, cabelo, pele. Trocar de posição quem esta com olhos abertos e quem esta com os olhos fechados peguem no rosto de quem está na frente.

Eu consigo perceber os traços das outras pessoas? Como eu me sinto ao tocar? E o que sente quem toca. Trocar de

lugares. Agora as pessoas que estavam com os olhos fechados abrem e fará o mesmo processo que os outros

estavam fazendo.

3 - Dar uma volta na sala e encontrar a pessoa que a tocou na primeira rodada.

- Algumas pessoas conseguiram reconhecer rapidamente, outras não sabem em quem tocou.

- Caminhando de novo na velocidade 4. Pega a primeira pessoa ao lado quando bater palmas. De frente um para o outro. Primeira pessoa a falar, dizer tudo que incomoda na outra pessoa. Diga os defeitos das outras pessoas. O que esta feio? Quem esta falando fica sério. Quem esta falando para de falar. Caminhando de novo. Falou a verdade? Falou alguma coisa que não gostei? Parada ao bater palma, falar uma palavra que ofenda. Exercitar ficar sério. Falar qualquer coisa que a oprima ao bater palma. Como anda um opressor, qual a postura de um opressor? Tem uma forma a opressão? Como caminha um oprimido? Tem cara? Jeito? Forma? Como caminha o opressor? Oprimido cabeça baixa?

- Pensar quem são os oprimidos e falar ao mesmo tempo quando bater palmas: Trabalhadores e excluídos.
- Pensar em quem são os opressores: Polícia, Estado;

Divisão em dois grupos: Opressores e oprimidos.

- No debate opressores e oprimidos: Quem é esse povinho? Feios eles? Porque não alisam o cabelo.

Oprimidos – “Desculpas, é a primeira vez que estamos aqui”.

Opressores – “Ninguém trabalha aí, eu com minha mão perfeita não podemos trabalhar, vocês devem produzir para

a gente".

Oprimidos – "Deus falou que os Ricos tem que existir. Mas vocês dependem de nós".

Falas intercaladas: Indio tem celular? Volta pra sua oca! Vão trabalhar! Calem a boca seu bando de à toa.

2° momento:

Questão: Qual é o discurso de quem oprimi, tem fundamento? Não tem? Tem argumento?

Vamos imaginar a movimentação da opressão. Nós conseguimos visualizar a opressão? Esta para além do discurso? Nós conseguimos identificar que aquilo é uma opressão? O medo e a raiva são favaráveis? O processo de conscientização pode construir autonomia? Como usaremos argumentos que não acreditamos?

Chuva de idéias - Jogar todos os elementos de opressão, situações e atores: Polícia, estado, monopólio da terra, kátia Abreu, André Puccineli, Reinaldo, TV morena e Globo, Agrotóxico, genocídio.

Oprimido – Raiva, dor, falta de conhecimento, não conhecer a força que tem, Manipulação;

À partir de tudo o que vimos e dos exercícios, criar duas cenas, trazendo os elementos opressor e oprimido.

3° momento:

Informação: Há uma pessoa no teatro fórum, que denominamos como Coringa, é a pessoa que media a situação de conflito entre a cena apresentada e as pessoas que estão assistindo. Provocando-as. Ela para a cena para problematizar e questiona as pessoas para ver se existe formas de resolver a situação.

Grupo 1 – cena:

TRE informa: Legislação eleitoral. O teatro é sobre um jornal, manda-se a arrumar as coisas. Entrevista com Zé das Antas. "Andreia para ti e para todos". O jornalista manda a entrevistada sentar. Manda arrumar os entrevistados. Começa a entrevista. Fala sobre porque saiu candidata. Apóia as causas dos indígenas e quilombolas e os grandes proprietários, repartição do poder. Perguntas ao Zé. Cesta básica e programa de governo.

Coringa: Quem são opressores e oprimidos? É importante salientar que os opressores e oprimidos precisam se apresentar para poder operar o avanço. Discussão sobre as situações de opressão da cena. Continuação da cena, falar sobre despejo e cadastro dos eleitorais.

Coringa interfere: Como quebrar o ciclo de opressão? Transformar a realidade de opressão.

Coringa: Eles vão aceitar?

Andre: Não podemos aceitar a corrupção e opressão.

Coringa: Como vamos dialogar para mudar essa realidade?

Grupo 2 – Cena:

Cena de compra no comércio. Uma pessoa bem vestida entra num comércio, é bem atendida,

está bem vestida, é branca etc etc. Entra uma outra pessoa, mais simples, negra, é mal atendida e vigiada pelo segurança do local.

Coringa: Quem são os opressores? O que ocorre na cena? Está ótimo né? Estão mantendo a segurança da loja....

Neste momento muitas pessoas falam, discordam da situação e entram em cena propondo outras alternativas para que a mulher discriminada consiga sair da situação.

Romilda: Uma das formas de transformar isso é pedir uma nova forma de atendimento. Entra em cena a Romilda. Pede a presença do gerente e o nome das pessoas que estão atendendo. Discussão do atendimento com a cliente. Vai chamar o advogado.

Coringa: Resolveu a situação? Deixou de ser oprimida? As pessoas que estão sendo atendidas também são opressoras?

Longo debate....

Coringa: Como argumentamos? Não estamos discutindo a cena em si, mas a situação, que ocorre em várias partes.

Anísio entra em cena. Enfrenta a situação mais é oprimido.

Coringa: Tentou um diálogo com a atendente, mais depois caiu no humor. Será que conseguimos enfrentar essa situação com o humor? Se o opressor tem argumento como podemos avançar na construção da modificação da realidade dessas situações?

O grupo 2, continuou a cena e: No final as duas mulheres saem da loja e a menina que esta "mal" vestida é que é parada para revista.

Coringa: Não tinha que parar ela mesmo já que é suspeita?

Debates:

- Ela foi abordada pela aparência.

- Temos vários problemas nesse sentido com a questão negra. Já fui em lugares que as pessoas ficam nos cuidando.

- Tem lojas populares em Três lagoas que atuam dessa forma também, e nós vamos para o enfrentamento.

- Fala sobre reportagens em lojas, e mostra que os homens eram os mais paradas e as mulheres brancas quase nunca são parados.

*O Teatro fórum é pra refletir nossas situações cotidianas e como podemos mudá-la. O que podemos fazer para transformá-la. Podemos fazer isso em outros momentos e lugares. Como agimos para não voltar ao ciclo da violência? Como podemos fazer para não colocar a outra pessoa na opressão?

Avaliação:

- Um caminho é sensibilizar com a formação de opiniões na sociedade e estar preparado para intervir em situações como essa. Temos que criar as defesas do oprimido. Não tem receita, é preciso construir.

- Gostei muito, foi inesperado e bom. Olhar nos olhos de uma pessoa que você não conhece é complicado. Falar uma coisa sobre uma pessoa que você nunca viu, principalmente se for negativo. O toque é complicado também.

- O momento da caminhada foi bom também, consegui perceber várias coisas que cotidianamente não percebo;

*Segundo a Plataforma EDHESCA, os Direitos Humanos (civis, econômicos, culturais, ambientais, etc.) são indissociáveis. Essa concepção mais ampla de DH se aproxima dos desafios estratégicos pelo Plano Trienal da RECID.

14. Quais os encaminhamentos construídos na oficina (novos encontros, articulações políticas, ações)?

Próximo encontro será no dia 27/06, mantendo o horário. Serão 06 encontros envolvendo Teatro do Oprimido e Comunicação.

15. Apresente os principais avanços e as principais dificuldades observadas na realização da atividade. (não se trata de problemas da realidade ou da trajetória dos participantes, mas da execução da atividade.

- Dificuldades:

- Com a concentração dos/as participantes, principalmente em momentos que precisavam se tocar;

- Avanços:

- O grupo percebeu e ressaltou opressões que muitas vezes são subjetivas, se reconhecendo até mesmo enquanto ser opressor.

17. Comentários e Justificativas (se necessário)

Nome da Entidade Âncora Estadual (contratada): Teatral Grupo de Risco
Assinatura do/a Educador/a contratado/a:
Contato Educador/a contratado/a (e-mail e telefone): Fernanda Kunzler 67 9241 6227 // kunzzler@gmail.com ou kunzzler@hotmail.com

PROJETO: E-DHESCA EDUCAÇÃO, CIDADANIA E DIREITOS HUMANOS
Conectando Redes e Saberes.
Convênio: 778677/2012- SDH/PR

Atividade/meta

(x) Atividades Pedagógicas de Formação e Capacitação em Direitos Humanos (Oficinas) – Meta 4, etapa 2

( ) Atividades Pedagógicas de Formação e Capacitação em Direitos Humanos (Encontro Intermunicipal) – Meta 4, etapa 3

( ) Atividades Pedagógicas de Formação e Capacitação em Direitos Humanos (Encontro Regional) – Meta 3, etapa 3

1. Estado: Mato Grosso do Sul	**2. Município:** Aquidauana
3. Outros Municípios envolvidos: Campo Grande, Dois Irmãos do Buriti, Miranda, Bodoquena, Sidrolandia.	
4. Endereço: Universidade Federal de Mato Grosso do Sul – UFMS / Campos de Aquidauana.	
5. Número de Participantes: 22	**6. Data:** 03/02/2014
7. Educadores Responsáveis pela atividade (contratados e voluntários): Dionédison Cândido, Lindomar Lili (Vol.)	
8. Organizações envolvidas com a atividade (parcerias): Teatral Grupo de Risco, Conselho do Povo Terena	

9. Título (Que descreva o tema da atividade)

Mídia nas culturas indígena

10. Objetivo (O que queremos com esta atividade?)

Debater papel da mídia, principalmente quando se trata luta do povo indígena de Mato Grosso do Sul

10.1 Essa atividade é pontual? (x)sim ( )não

10.2 Essa atividade é parte de um processo anterior? (x)sim ( )não

11. Caracterização do grupo que participou da atividade:

a) Gênero

(08) Feminino (14) Masculino

b) Faixa Etária

nº de jovens:_08_ nº de adultos:_14_ nº de crianças acompanhantes:_____ nº de idosos:____

c) Escolaridade

( ) Não escolarizados/as ( ) Ensino Fundamental (03) Ensino Médio (19) Ensino Superior

d) Localização da moradia

(x) Cidade (x) Campo

e) Cor/Etnia

( ) negro/a ( ) branco/a ( ) pardo ( ) quilombola (x) indígena ( )outros:_____

12. Características do público participante na atividade:

- atividades socioeconômicas

( ) agricultores /as ( ) pescadores/as (x) estudantes ( ) desempregados/as ( )ribeirinhos ( ) catadores/as ( ) cooperativados/as ( ) domésticas ( ) autônomos ( ) donas de casa (x)artesãos\sãs ( ) grupo de economia solidária ( ) outros:_____

13. Descreva os momentos pedagógicos que compuseram a atividade de formação e os conteúdos abordados, estudo e problematização da realidade, de acordo com a metodologia Freireana, conforme diretriz 8.3 do PPP e descritos no PNF, conforme páginas 14 e 15. (recursos utilizados, como poesia, textos, músicas devem ser anexados):

a) Problematização da realidade: que necessidades motivaram a realização da oficina? Há direitos humanos negados e violado? Quais?*

Diante da realidade luta do povo indígena de Mato Grosso do Sul, percebe-se influencia enorme das mídias que afetam diretamente na cultura indígena. Também, temos percebido essa invasão das invenções dos não índios dentro das aldeia, que ocasionou um enorme impacto negativo.

Desde invasão das invenções dos não índios nas aldeias, elas contribuíram que a sociedade tenha um olhar negativo com a população indígena do nosso país. Diante a situação da luta indígena de Mato Grosso do Sul, ficou claro que a mídia, tem papel fundamental, que é favorecer em defender grandes empresas, agronegócio, produtores de soja, de cana. Com isso, a mídia tem contribuído negativamente direito indígena pois tem uma postura que privilegia elites que condena direitos humanos. Um dos exemplo da nossa análise, que um Juiz deixar de dar uma decisão por medo estar contrariando a expectativa da mídia, que ela diz, ser expectativa da sociedade, mas que, na verdade, a expectativa é dela mesma.

b) Aprofundamento teórico/ conceitual da realidade: como se deu o debate¿ quais foram as principais ideias em relação à problematização sobre DH? Que recursos foram utilizados? Quais dinâmicas? como foi a participação? quais foram as principais ideias em relação a problematização sobre Direitos Humanos?

Iniciamos oficina com apresentação de cada participantes, em seguida momento de reflexão sobre luta do povo indígena de Mato Grosso do Sul e em seguida, cada participante, falar o que sabe sobre a mídia?

Essa oficina, foi realizada com os acadêmicos indígenas, e no primeiro momento percebe-se a falta de conhecimento, o que é a mídia? E qual é papel da mídia?

Para desenvolver o debate, pedimos aos participantes, citar alguns nome das mídias do Estado, e então foram lembrados alguns, tais como, " TV Morena (Filiada da TV Globo), TV Campo Grande (SBT), TV Guanandi (BAND), Mídia Max (Jornal Eletrônico), Campo Grande News (Jornal Eletrônico), e outras. Então, houve outra pergunta, se alguém lembra, se uma dessas mídias já favoreceram a luta indígena, ou se um dia, essas mídias, potencializaram importância cultura indígena? A resposta foram "Não".

Para facilitar o tema, utilizamos um Trecho de vídeo, excelente entrevista da liderança Alberto Terena, do MS, que responde à altura quando repórter fala de "invasão" , ou seja, que pergunta correta seria "ocupação". Pois, não existe invasão, existem ocupação das comunidades indígenas nas suas terras tradicionais invadidas pelos fazendeiros para criação de seus bois. Durante debate, então alguns acadêmicos, percebem que, realmente a mídia ela tem o poder mudar opinião da sociedade a relação luta indígena.

c) Aplicação do conhecimento/ Formulação de estratégias de ação diante desta realidade: que conclusões chegaram em relação ao tema? O que aprendemos?

Essa intervenção da mídia na luta indígena, tem mudado comportamento, principalmente com jovens indígenas. Pois , hoje, em todas aldeias, tem acesso a televisão, internet e outros meio de comunicação. Diante disso, cada vez mais, este meio de comunicação, aos pouco, está diluindo cultura indígena através de suas propagandas. Situação muito alarmante, com a invasão das mídias nas culturas indígenas. Hoje, muitos dos jovens, deixaram de praticar suas própria cultura, manter comida tradicional. Hoje, nas aldeias, muitos dos indígenas, preferem acompanhar propaganda enganosas que a mídia trás pra sociedade, quando mídia diz que devemos, consumir Coca-Cola. Consumir, roupas de marcas e outros.

Então, nas falas dos participantes, sugerem que aos pouco devemos se apropriar mais neste tema a ''MÍDIA''.

d) Como a atividade foi avaliada pelo grupo?

Grupo avaliou atividade positiva, pois, os participantes, teve sua oportunidade de conhecer realmente qual é o oder da mídia. Também , avaliaram que é a primeira vez que participam atividade com este tema.

*Segundo a Plataforma EDHESCA, os Direitos Humanos (civis, econômicos, culturais, ambientais, etc.) são indissociáveis. Essa concepção mais ampla de DH se aproxima dos desafios estratégicos pelo Plano Trienal da RECID.

14. Quais os encaminhamentos construídos na oficina (novos encontros, articulações políticas, ações)?

Fica encaminhado, se é possível dar continuidade este processo de formação comunicação e cultura. Realizar atividades em outras aldeias indígenas envolvendo principalmente os jovens.

15. Apresente os principais avanços e as principais dificuldades observadas na realização da atividade. (não se trata de problemas da realidade ou da trajetória dos participantes, mas da execução da atividade.

Tivemos avanços no envolvimento dos participantes no debate, e ter um pouco de noção, o poder da mídia. Envolvimento e interesse de todos dar continuidade deste processo juntamente com as suas comunidades da base. A dificuldade, foi no início do debate, percebemos silencio de todos, pois era primeira vez que participam sobre este tema, ‘‘Mídia’’.

17. Comentários e Justificativas (se necessário)

Ainda encontramos dificuldades na relação lista de presença, e neste, todos eles não portavam seus documentos, pois neste caso, não colocaram número do seus CPF.

Nome da Entidade Âncora Estadual (contratada): Teatral Grupo de Risco

Assinatura do/a Educador/a contratado/a:

Contato Educador/a contratado/a (e-mail e telefone): dioterena@hotmail.com / kopiterena@gmail.com

Telefone: 67/ 9637-0838

Apresentação os trabalhos e ações da Rede de Educação Cidadã principalmente nas comunidades indígenas

Professora Lindomar Lilí, formada e antropologia e colaboradora da Recid, também, faz relatos sua participação na Rede de Educação Cidadã e também, sobre a mídias nas culturas indígenas

Acadêmicos indígena, com apresentação através das falas, o que a mídia já ocasionou e o que pode piorar com suas intervenções nas culturas indígenas

Acadêmicos indígenas participante da oficinas de formação, com o tema “Mídia nas Culturas Indígenas

d) Localização da moradia

() Cidade () Campo

e) Cor/Etnia

() negro/a () branco/a () pardo ( ) quilombola () indígena () outros:_____

12. Características do público participante na atividade:

- atividades socioeconômicas

( ) agricultores /as ( ) pescadores/as () estudantes ( ) desempregados/as ( ) ribeirinhos ( ) catadores/as ( ) cooperativados/as ( ) domésticas () autônomos ( ) donas de casa ()artesãos\sãs ( ) grupo de economia solidária ( ) outros: Todos são artistas de teatro.

13. Descreva os momentos pedagógicos que compuseram a atividade de formação e os conteúdos abordados, estudo e problematização da realidade, de acordo com a metodologia Freireana, conforme diretriz 8.3 do PPP e descritos no PNF, conforme páginas 14 e 15. (recursos utilizados, como poesia, textos, músicas devem ser anexados):

a) Problematização da realidade: que necessidades motivaram a realização da oficina? Há direitos humanos negados e violados? Quais?* - Esta oficina se deu à partir da demanda encaminhada no 1º Seminário de Cultura MS ocorrida em março. A ideia é que o grupo consiga organizar suas ações políticas diante da conjuntura e da realidade de trabalho dos/as artistas do estado.

PROJETO: E-DHESCA EDUCAÇÃO, CIDADANIA E DIREITOS HUMANOS
Conectando Redes e Saberes.
Convênio: 778677/2012- SDH/PR

Atividade/meta

(X) Atividades Pedagógicas de Formação e Capacitação em Direitos Humanos (Oficinas) – Meta 4, etapa 2

( ) Atividades Pedagógicas de Formação e Capacitação em Direitos Humanos (Encontro Intermunicipal) – Meta 4, etapa 3

( ) Atividades Pedagógicas de Formação e Capacitação em Direitos Humanos (Encontro Regional) – Meta 3, etapa 3

1. Estado: Mato Grosso do Sul	**2. Município:** Campo Grande
3. Outros Municípios envolvidos: Aquidauana, Campo Grande	
4. Endereço: Rua do Seminário, 1601 – Jardim Seminário	
5. Número de Participantes: 20	**6. Data:** 23 de fevereiro de 2014 // 14h às 18h
7. Educadores Responsáveis pela atividade (contratados e voluntários): Roma Román, Fernanda Kunzler (coletivo Recid MS)	
8. Organizações envolvidas com a atividade (parcerias): Movimento sem terra (MST), Teatral Grupo de Risco (TGR), Recid.	

9. Título (Que descreva o tema da atividade)

"Teatro do Oprimido"

10. Objetivo (O que queremos com esta atividade?)

Fortalecer as lutas sociais por meio do teatro do Oprimido, explorando especificamente o teatro do invisível junto à militantes de diversas organizações e movimentos populares do Estado.

10.1 Essa atividade é pontual? ( ) sim (X) não

10.2 Essa atividade é parte de um processo anterior? (X) sim ( ) não

11. Caracterização do grupo que participou da atividade:

a) Gênero

(13) Feminino (07) Masculino

b) Faixa Etária

nº de jovens: 06 nº de adultos: 14 nº de crianças acompanhantes:_____ nº de idosos:____

c) Escolaridade (preencher de acordo com a Lista de Presença)

( ) Não escolarizados/as () Ensino Fundamental (06) Ensino Médio (13) Ensino Superior

d) Localização da moradia

(18) Cidade (02) Campo

e) Cor/Etnia (preencher de acordo com a Lista de Presença)

(08) negro/a (04) branco/a (03) pardo ( ) quilombola (05) indígena () outros:

12. Características do público participante na atividade:

- atividades socioeconômicas

( ) agricultores /as ( ) pescadores/as (10) estudantes ( ) desempregados/as (01) ribeirinhos ( ) catadores/as ( ) cooperativados/as (01) domésticas (04) autônomos (01) donas de casa ( )artesãos\sãs ( ) grupo de economia solidária (03) outros: Artistas

13. Descreva os momentos pedagógicos que compuseram a atividade de formação e os conteúdos abordados, estudo e problematização da realidade, de acordo com a metodologia Freireana, conforme diretriz 8.3 do PPP e descritos no PNF, conforme páginas 14 e 15. (recursos utilizados, como poesia, textos, músicas devem ser anexados):

Esse grupo já se encontrou outras vezes, em cada encontro, dinâmicas e exercícios diferentes são trabalhados abrindo um leque de possibilidades e aprofundando o conhecimento sobre teatro do oprimido.
Iniciou com a apresentação das pessoas envolvidas e em seguida ouviu-se a música “Deixa eu dizer” (Ivan Lins).

Em roda olhando um no olho do outro/a, silêncio.
Alongamento e aquecimento:

-

Diálogo breve, sobre o que se lembram de teatro do oprimido, uma memória do encontro passado.

Exercícios:
Roda de ritmo e movimento
Num círculo, uma pessoa vai ao centro e executa um movimento qualquer, acompanhado de um som e dentro de um ritmo que ele próprio inventa. Todos os (a) participantes o seguem, tentando reproduzir exatamente os seus movimentos e sons, dentro de um ritmo. Quem está no meio da roda desafia outro (a), que vai ao centro do círculo e lentamente muda de movimentos, de ritmo e de som.

Hipnotismo
Uma pessoa põe a mão a poucos centímetros da cara de outro e este fica como que hipnotizado, devendo manter a cara sempre à mesma distância da mão do hipnotizador. Inicia-se uma série de movimentos com a mão, para cima e para baixo, fazendo com que o companheiro faça com o corpo todas as contorções possíveis a fim de manter a mesma distância. A mão hipnotizadora pode mudar, para fazer, por exemplo, com que o ator hipnotizado seja forçado a passar por entre as pernas do hipnotizador.

Dinâmica estatua, neste momento, a orientação era para que observassem seu próprio corpo, as sensações e o que

viesse a cabeça, sem censura.

- Numa terceira etapa, foram divididos em dois grupos, que trariam para a roda uma cena, antes, precisam identificar de que forma e qual tema abordariam para o debate da cena; Como o teatro pode servir de instrumento de luta? Quais são os principais temas que nos inquietam? O que queremos debater?

Apresentações:

- Um grupo trouxe a discussão sobre homofobia. Uma largo debate se estendeu sobre direitos e preconceito.

*Segundo a Plataforma EDHESCA, os Direitos Humanos (civis, econômicos, culturais, ambientais, etc.) são indissociáveis. Essa concepção mais ampla de DH se aproxima dos desafios estratégicos pelo Plano Trienal da RECID.

14. Quais os encaminhamentos construídos na oficina (novos encontros, articulações políticas, ações)?

- Organização do planejamento de atividades do grupo, para que coletivamente, possamos dar continuidade no trabalho de formação.

15. Apresente os principais avanços e as principais dificuldades observadas na realização da atividade. (não se trata de problemas da realidade ou da trajetória dos participantes, mas da execução da atividade.

Dificuldades:

- Com a concentração nos exercícios;

Avanços:

- Apesar do muito cuidado que tiveram em falar sobre homossexualidade, houve bons debates, e parece que, a quebra de algumas barreiras.

17. Comentários e Justificativas (se necessário)

Conceito: Teatro do Oprimido

Teatro do Oprimido (TO) é um método teatral que reúne exercícios, jogos e técnicas teatrais elaboradas pó Augusto Boal, entre os anos 60 e 70. A ideia é a democratização dos meios de produção teatral, o acesso das camadas sociais menos favorecidas e a transformação da realidade por meio do diálogo e do teatro.

Nome da Entidade Âncora Estadual (contratada): Teatral Grupo de Risco
Assinatura do/a Educador/a contratado/a:
Contato Educador/a contratado/a (e-mail e telefone): Fernanda Kunzler 67 9241 6227 // kunzzler@hotmail.com

PROJETO: E-DHESCA EDUCAÇÃO, CIDADANIA E DIREITOS HUMANOS
Conectando Redes e Saberes.
Convênio: 778677/2012- SDH/PR

Atividade/meta

( ) Atividades Pedagógicas de Formação e Capacitação em Direitos Humanos (Oficinas)– Meta 4, etapa 2

(x) Atividades Pedagógicas de Formação e Capacitação em Direitos Humanos (Encontro Intermunicipal) – Meta 4, etapa 3

( ) Atividades Pedagógicas de Formação e Capacitação em Direitos Humanos (Encontro Regional) – Meta 3, etapa 3

1. Estado: Mato Grosso do Sul	**2. Município:** Campo grande
3.Outros Municípios envolvidos: Sidrolândia, Terenos, Campo Grande	
4. Endereço: Rua do Seminário, 1601	
5. Número de Participantes: 27	**6. Data:** 25/02/2014 14h às 18h
7. Educadores Responsáveis pela atividade (contratados e voluntários):	
8. Organizações envolvidas com a atividade (parcerias): Rede de Educação Cidadã, Movimento dos Trabalhadores Rurais sem terra, Teatral Grupo de Risco.	

9. Título (Que descreva o tema da atividade)

"Educomunicação com a juventude do Movimento Sem-Terra Sul Matogrossente".

10. Objetivo (O que queremos com esta atividade?)

Debater e dialogar sobre a comunicação e algumas formas de atuação, com o intuito de formar jovens preparados para agregar frentes de formação em seus movimentos.

10.1 Essa atividade é pontual? ( ) sim (X) não

10.2 Essa atividade é parte de um processo anterior? (X) sim ( ) não

11. Caracterização do grupo que participou da atividade:

a) Gênero

(15) Feminino (12) Masculino

b) Faixa Etária

nº de jovens: 27 nº de adultos:____ nº de crianças acompanhantes:_____nº de idosos:____

c) Escolaridade

( ) Não escolarizados/as (04) Ensino Fundamental (17) Ensino Médio (06) Ensino Superior

d) Localização da moradia

(12) Cidade (19) Campo

e) Cor/Etnia

(08) negro/a (06) branco/a (13) pardo ( ) quilombola ( ) indígena ( )outros:_____

12. Características do público participante na atividade: - atividades socioeconômicas

()agricultores /as () pescadores/as (20) estudantes (03) desempregados/as ( )ribeirinhos
()catadores/as () cooperativados/as () domésticas () autônomos () donas de casa
(02)artesãos\sãs ( ) grupo de economia solidária
()outros:_____

13. Descreva os momentos pedagógicos que compuseram a atividade de formação e os conteúdos abordados, estudo e problematização da realidade, de acordo com a metodologia Freireana, conforme diretriz 8.3 do PPPe descritos no PNF, conforme páginas 14 e 15. (recursos utilizados, como poesia, textos, músicas devem ser anexados):

O encontro de comunicação com diversas juventudes já é uma proposta antiga. Pretende-se abordar diversos debates contemporâneos com misturas de técnicas de atuação teatral e propagandísticas.

O começo da atividade se deu com uma dinâmica de apresentação – Falar seu nome cantando – como se fosse uma música- Jobinho do MST, Plínio- Pli ni oo, Rarara Janilson.
Dinâmica do 1, 2,3 .... Divide em 2 fileiras, um começando falando 1 passa pro outro 2, e consecutivamente

Julio Moretti e Sindy – Oficina de comunicação – O que queremos?
Formar um grupo atuante em torno da capital, que consiga debater e promover debater sobre a temática em outros coletivos, e ainda fazer treinamentos de como fazer placas e faixas, que servem tanto para aqueles-as que estão no assentamento quanto para chamar atenção das pessoas para eventos que se possa promover.

Proposta de nome para o Coletivo – Capetalistico, ou Capitalístico – Por estar aqui na capital
Vamos ter oficinas de palhaço, Teatro do Oprimido, e do Invisivel, além de oficinas de faixas, placas.

Obsevar e propor os locais, os momentos de intervenção teatral. Feira central, praça pública.

Divisão de tarefas e de grupos para conservação do local do curso.
Lavar louça – 1
Varrer o chão – 2
Limpeza do banheiro – 3

Revelon – Sou de santa Catarina – do MST, trabalho com teatro, dentro disso com bonecos, palhaço etc. dentro do teatro. A proposta é fazermos uma oficina de palhaço. A partir de um congresso onde trabalhamos com agitação e propaganda onde trabalhamos o palhaço propaganda e comunicação, isso é novo. A Idéia da oficina é sair – agora eu sou palhaço, existem pessoas que trabalham a 30 anos com isso e estão sempre aprendendo. Ou seja, um primeiro contato com o palhaço, usar ferramentas de formação do teatro, colocar o nariz, fazer pintura no rosto. Criar uma cena, e expor isso ao publico da Rua. Não é que agora vamos sair formados como palhaço.

Oficina de Letras – Jobinho do MST e Luana. Aprender a técnica, um primeiro contato. Essa técnica se pode usar nos diversos âmbitos de nossa vida, assim como em nossas ações cotidianas nos espaços que estamos.

Oficina do Teatro do Oprimido – Apresentação Fernanda- Faço parte do Teatral Grupo de Risco – TGR, nasceu em 1988 , em agosto faremos 26 anos, há 13 anos trabalhamos com teatro do oprimido, há 12 eu também faço esse tipo de teatro que foi teorizado por Augusto Bual. Esse tipo de ferramenta é muito usado para Teatro fórum – sobre violência, denuncias, debates. O teatro do Inviável usamos menos. Trazemos algumas coisas, outras construímos juntos na oficina. Ou seja é bem colaborativo, com dinâmicas, exercícios. Será feito pela pessoa da Roma Roman.

Douglas – SP: facilitador de Agitprop, é setor de cultura e intervenção no campo especifico de agitação e propaganda. Como a agitação e propaganda foi se desenvolvendo no tempo. Algumas técnicas, produzindo um conhecimento coletivamente, temos a intenção de criação. Estamos aqui num grupo diversificado, a maioria é

jovem, com alguns com mais história.
Alguém tem alguma idéia das origens da agitação e propaganda?

Exemplo- Concentração de terra
O termo de agitação e propaganda, quem começou a ter essa concepção, forma a classe dos trabalhadores, o sentido histórico a classe operária. Historicamente os primeiros partidos foram dos trabalhadores, dos sindicatos, não comumente dos campesinos.
Quando começamos a falar da Revolução Industrial? 1750 – 1770 mais ou menos começou a Ver. Industrial, o uso das primeiras maquinas, a criação de fabricas. Os camponeses começam a ser expulsos de suas terras, e começam a ser desenvolvidos a classe de operários, com isso vem isso que são as cidades. Saímos então de uma fase feudal , para tido assim uma fase moderna.
Em 1789 acontece a Revolução Francesa – Tomaram o Castelo do Rei, e o rei foi decapitado. Entretanto foi todo um processo. Quem faz a revolução não são os operários. Apesar de começar a existir a revolução industrial acontecendo na Europa, não existia uma classe operária constituída. A revolução francesa foi marcada pelos campesinos. Num primeiro momento a luta foi contra a nobreza -Senhores de terras que era legitimada pela Igreja **.**
1830 – 1848: Outras revoluções a partir disso começa a se organizar a classe dos operários. Pequenos artesões – sapateiros, costureiros, padeiros. Até então não existiam partidos, existiam grupos, associações como a Maçonaria mas eram grupos pequenos. Organizavam-se pelos bairros, os sapateiros etc etc.
Revolução dos Gloriosos – Inglaterra,
A revolução Industrial chegou tarde na Alemanha por sua divisão enquanto estado. Em 1863 foi criada a primeira Associação de trabalhadores.
Em 1864 foi criado o a primeira Associação Internacional operária.
Em 1868/1869 foi criado na Alemanha o primeiro partido, oPartido Social democrata
Em 1861? – Primeira edição publicada do Livro – O capital, Marx. Viajou a Europa desde 1948 andando pela Europa conhecendo as revoluções.
1984 – Cria-se o MST no Brasil, mas antes vem um processo de luta pela terra.
Com as primeiras Cartas que o Marx escreve para Engels, falando sobre o processo de revolução industrial que vinha acontecendo nesse período desde em 1861, com essas cartas de Marx,vimos inicio do que ouvimos falar da agitação e propaganda... Operario perdia o braço na maquina, trabalhando 16 horas, dormiu e perdeu o braço na maquina. Esse era o principal papel da agitação e propaganda, fazer um ato de Indignação, pra mexer com as pessoas
A propaganda, o que vc vai fazer, que resposta, que sugestão. Isso vimos começar acontecer dentro das associações que foram criando os partidos. Muitas coisas disso vemos o inicio a partir de associações da classe operario
Em 1844 Marx foi expulso por escrever um ataque ao governo por meio de Jornal.
Como o estado via essa propaganda? Pergunta Janelson. As greves eram proibidas, as associações eram proibidas , depois aceitam e proíbem a criação de partidos. Era realmente uma luta de classes mesmo. Ora era a monarquia que oprimia a classe trabalhadora. Uma revolução, nos dizia Plinio que esse processo, onde começa outra coisa. Voltar ao centro e começar outro calendário, outro período.
Em 1871, na Comuna de Paris que atira nos relógios da cidade.
A propaganda nessa época era para propagar as idéias, as informações, muito mais destinada aos dirigentes, que buscavam se organizar, criar um partido e ter um programa comum no partido, idéias em comum, O objetivo era fazer a propagando do projeto, era algo reduzido. Criam o partido em 1868, com algumas palavras de ordem – ESTUDAR, ORGANIZAR E PROPAGANDIAR. Criar os comitês do partido, essa propaganda era secreta, proibida a criação de partidos, e isso era feito de volta secreta.
Foi com o Lênin que temos a referencia mais forte em agitação e propaganda, os textos que ele inclui nos jornais em 1894, em 1917 acontece a Revolução Russa, a primeira revolução operaria, juntos com a classe camponesa, foram muito importantes. Percebemos que o processo acontece por mais de 20 anos , criando o partido revolucionário ate chegar na Revolução Russa. Nesse período de transição, em 1894, o pode do Estado do Czar, começam a criar um partido, o Lênin foi preso quando perceberam a propagando do comunismo, muitos eram mortos. Essa idéia da Alemanha pegou essa Idéia do ESTUDAR, ORGANIZAR, PROPAGANDA, como forma de organizar a classe trabalhadora e para a criação do partido. Assim vemos nascer a Agitação e propaganda tinha uma função, construir um partido, organizar um povo. Não só informar e indignar essa classe mas fazer a propaganda de um outro projeto de sociedade, uma alternativa. A organização em um outro partido para mobilização do projeto. No começo estudar era ter acesso a escola, quem era camponês não estudava. Estudar também era entender o programa político. Ou seja, uma educação de alfabetização e uma outra política, depois de 1917 vem forte a parte política da Cultura. Assim com a palavra revolução tem vários significados dependendo do momento histórico, o mesmo acontece com o

conceito de Cultura. Por exemplo, a cultura campesina, cultura popular. Antes de um camponês ser expropriado de sua terra. Antes de tudo isso não existia a noção de uma cultura da classe operário, poderíamos falar de cultura camponesa, cultura popular. Com o desenvolvimento da classe operaria, também começa a existir a cultura da Classe trabalhadora, a cultura pensada enquanto valores, símbolos, construção artística, forma de construir sua história enquanto classe trabalhadora. Essa transição de campo pra cidade, da cidade pro campo promove essa diversificação de culturas. Toda palavra tem um significado histórico. Exemplo: quando os camponeses ocupam uma terra x invasão, estamos dando um outro sentido para a palavra, outro processo, ou seja o conteúdo da palavra é histórico, ele não termina.
O território Russo era e é muito grande tiveram a idéia de criar um trem que rodasse o país. Que falasse da revolução russa, criaram esse trem de agitação e propaganda, o trem era todo pintado. Nele tinha um grupo de dança, teatro, música, apresentação de cinema, quem fez esse vídeo, Vertovi, documentarista que também trabalhava com o cinema, quando não tinham papel pra criar um jornal por causa da guerra, usavam o próprio cinema. As artes plásticas trabalhavam com a idéia de futurismo, imagens geométrica, quando iam chegando jogavam jornais para as pessoas, especialmente nas áreas campesinas.Apesentavam cartazes animados, grupo Blusa Azul, algo que tivesse uma função de animação. Fotos animadas, cartaz de um corpo e colocava nesse um buraco no rosto. Teatro de Bonecos, a imagem da Igreja, da policia, e etc. Por terem muitas apresentações musicais, artísticas, corporal, com dança. Por isso a idéia do uso das maquinas não era visto ainda como algo negativo, tinham a maquina como algo que poderia ajudar o homem na emancipação, ter mais tempo pra cultura, pras artes, pra namorar etc.
Também era importante essas apresentações culturais porque por a população ainda ser muito campesina, e essa não tinha acesso a educação, por isso a leitura de informativos impressos não garantiria o conhecimento do projeto levado por essa propaganda, diferente das apresentações culturais que transpassam essas barreiras
Nos desfiles colocavam carros com bonecos, apresentações em vias, praças. Uma das questões de transformação cultural, a dominação da igreja e usavam as apresentações pra questionar isso. Depois de 1917 com a Revolução Russa começou uma guerra contra a Revolução Russa. Em 1914 começou a primeira guerra mundial, e na Russia começa um movimento contra isso, com as mortes. Trotski organizava o Exercito Vermelho, os soldados vermelhos, criaram um tribunal de agitação e propaganda, realizava um julgamento.
Sabemos que o processo de transformação de consciência é lento, as dificuldades de uma ampliação da percepção, não só a luta pelo aumento do salário, pela terra. Hora era momento que a cultura camponesa era defendida, outra uma cultura futurista, a tradição x modernidade. Um dos grandes poetas da época Mayakowisky, Lênin não gostava, mas aceitava. Depois com Stalinismo na década de 30 as manifestações e artes acabaram.
O pais mais importante em agitação e propaganda foi a Rússia, pois fizeram trabalhos em muitas áreas e ligado a atividades culturais. Na Alemanha também foi forte porque criaram antes os seus partidos. Filme apresentado Kulevank, do Brecht.

*Segundo a Plataforma EDHESCA, os Direitos Humanos (civis, econômicos, culturais, ambientais, etc.) são indissociáveis. Essa concepção mais ampla de DH se aproxima dos desafios estratégicos pelo Plano Trienal da RECID.

14. Quais os encaminhamentos construídos na oficina (novos encontros, articulações políticas, ações)?

- Fortalecimento do grupo de comunicação do MST.

15. Apresente os principais avanços e as principais dificuldades observadas na realização da atividade.(não se trata de problemas da realidade ou da trajetória dos participantes, mas da execução da atividade.

- Articulação do debate contra-hegemônico em outros acampamentos.

17. Comentários e Justificativas (se necessário)

Nome da Entidade Âncora Estadual (contratada): Teatral Grupo de Risco

Assinatura do/a Educador/a contratado/a:

Contato Educador/a contratado/a (e-mail e telefone):

PROJETO: E-DHESCA EDUCAÇÃO, CIDADANIA E DIREITOS HUMANOS
Conectando Redes e Saberes.
Convênio: 778677/2012- SDH/PR

Atividade/meta

(x) Atividades Pedagógicas de Formação e Capacitação em Direitos Humanos (Oficinas) – Meta 4, etapa 2

( ) Atividades Pedagógicas de Formação e Capacitação em Direitos Humanos (Encontro Intermunicipal) – Meta 4, etapa 3

( ) Atividades Pedagógicas de Formação e Capacitação em Direitos Humanos (Encontro Regional) – Meta 3, etapa 3

1. Estado: Mato Grosso do Sul	**2. Município:** Campo Grande
3. Outros Municípios envolvidos: Campo Grande, Dois Irmãos do Buriti, Miranda, Bodoquena, Sidrolandia,Nioaque	
4. Endereço: Rua Bom Retiro, 1098 - Chácara das Mansões	
5. Número de Participantes: 33	**6. Data:** 27/02/2014
7. Educadores Responsáveis pela atividade (contratados e voluntários): Dionédison Cândido (Contratado), Daniele Lourenço (Voluntário)	
8. Organizações envolvidas com a atividade (parcerias): Teatral Grupo de Risco, Conselho do Povo Terena	

9. Título (Que descreva o tema da atividade)

Mostra de vídeo sobre luta do povo Terena

10. Objetivo (O que queremos com esta atividade?)

Esta atividade tem objetivo, de mostrar realidade luta do povo terena no processo da luta de demarcação das terras. E debater também sobre preconceitos das mídias com a relação luta pela terra.

10.1 Essa atividade é pontual? (x)sim ( )não

10.2 Essa atividade é parte de um processo anterior? (x)sim ( )não

11. Caracterização do grupo que participou da atividade:

a) Gênero

(17) Feminino (16) Masculino

b) Faixa Etária

nº de jovens:_ 20_ nº de adultos:_10_ nº de crianças acompanhantes:___ nº de idosos:_03_

c) Escolaridade

( ) Não escolarizados/as ( ) Ensino Fundamental ( ) Ensino Médio (x) Ensino Superior

d) Localização da moradia

(x) Cidade (x) Campo

e) Cor/Etnia

( ) negro/a (01) branco/a ( ) pardo ( ) quilombola (x) indígena ( )outros:_____

12. Características do público participante na atividade:

- atividades socioeconômicas

( ) agricultores /as ( ) pescadores/as (x) estudantes ( ) desempregados/as ( )ribeirinhos ( ) catadores/as ( ) cooperativados/as ( ) domésticas (x) autônomos ( ) donas de casa (x)artesãos\sãs ( ) grupo de economia solidária ( ) outros:_____

13. Descreva os momentos pedagógicos que compuseram a atividade de formação e os conteúdos abordados, estudo e problematização da realidade, de acordo com a metodologia Freireana, conforme diretriz 8.3 do PPP e descritos no PNF, conforme páginas 14 e 15. (recursos utilizados, como poesia, textos, músicas devem ser anexados):

a) Problematização da realidade: que necessidades motivaram a realização da oficina? Há direitos humanos negados e violado? Quais?*

Nos último anos, luta do povo indígena da etnia Terena, tem se intensificado,principalmente, luta pela terra. Durante processo, vários fatos ocorridos, no qual, as grandes mídias, tem colocado noticiários totalmente distorcido, que resultaram preconceitos da própria mídia e sociedade com as comunidades indígena. Hoje, a maior parte da sociedade tem um olhar negativo com relação luta indígena, motivado pelas mentiras das mídias nas televisões, rádios e outros meio de comunicação. Diante disso, movimento indígena tem buscado espaço no meio de comunicação, para ter direito de voz no sentido de falar pra sociedade sobre suas lutas. Mas, em nenhum momento, teve êxito ter este espaço nas grandes mídias, pelo contrário, quem teve e quem tem mais espaço, são os agronegócio, fazendeiros, que são priorizado para este espaço. Então, diante disso, fica claro, quem são priorizados nestes espaço. E o direitos humanos negado, seria, na tentativa de barrar indígenas ter direito de expressar igual a todos.

b) Aprofundamento teórico/ conceitual da realidade: como se deu o debate¿ quais foram as principais ideias em relação à problematização sobre DH? Que recursos foram utilizados? Quais dinâmicas? como foi a participação? quais foram as principais ideias em relação a problematização sobre Direitos Humanos?

Iniciamos atividade com apresentação da Rede de Educação Cidadã, falando quais linha das ações. Logo em seguida, iniciamos mostra de fotos e vídeos registrados na ações do conselho do povo terena em parceria com a Rede de Educação Cidadã de Mato Grosso do Sul. No vídeo apresentada, ali se encontra imagens muito fortes, morte do indígena na reintegração de posse, ação truculenta da polícia, no qual as mídias não mostram.

Após apresentação, as pessoas participantes desta atividade, se indignaram no que tem visto no vídeo, sofrimento deste povo, que a sociedade desconhecem essa realidade. E então, debate se inicia utilizando dinâmica com vídeo, no qual as pessoas teve uma compreensão com mais facilidade. Algumas pessoas relataram suas participação da luta da base, na questão de saúde, educação, pela terra e outros. Diante disso, percebemos que as pessoas não se preocuparam de registrar momentos de ações.

Nós que utilizam as ferramentas meio de comunicação, então, reforçamos qual seria bom, se cada um de nós, utilizar máquinas de registro para podemos divulgar realidade sobre luta indígenas nas redes sociais.

Também, falamos nossas experiências que adquirimos no decorrer dos registros de vídeos e fotos, que ao mesmo tempo, colocamos nossas vidas em risco. Eu (Dionédison), relatei o porque optei trabalhar em registros das ações das comunidades indígenas. Que, durante processo de formação da Recid, tive oportunidade de participar este processo, que foi fundamental pra mim durante minha caminhada nesta luta. Que a educação popular, fez com compreendesse o mundo em minha volta, conhecer própria história do meu povo, ‘’quem somo nós? De onde somos?’’

Participação das pessoas presentes, inicio timidamente, e aos poucos, foram se apropriando do debate, no sentido de contribuindo e questionando. Alguns dos participantes, então, perceberam que, o que tem visto nas grandes mídias, era totalmente ao contrário, que a verdade, estava sendo escondida pela própria mídia.

c) Aplicação do conhecimento/ Formulação de estratégias de ação diante desta realidade: que conclusões chegaram em relação ao tema? O que aprendemos?

Neste ponto, o que o grupo pensou, de que não podemos fugir da realidade, não fugir do debate, e que, todos nós precisamos pensar, de que forma vamos enfrentar essa situação colocada.

Então , partindo um pouco pro lado das redes sociais, todos acessam este meio de comunicação, facebook, emails e outros. A ideia, é criar um grupo de pessoas pra trabalhar e fomentar na utilização desta ferramentas em forma de mostrar nossa própria realidade. Foi colocado uma experiência sobre a página da Resistência do Povo Terena no facebook, sobre sua repercussão durante processo de retomada de terras em 2013 com povo terena. Que alguns jornalistas internacional, tiveram acesso nesta página, que acabaram vindo pra aldeias indígenas elaborando matérias sobre violência que ocorre nas aldeias.

Também, foi colocado, temos que divulgar não somente ponto negativo com a relação povo indígena, mas também, divulgarmos pontos positivo, para que a sociedade possa valorizar cultura indígenas. Isso seria uma das formas de a sociedade não enxergar o que apenas as mídias mostram.

Para chegamos nesta aprendizagem, utilizamos metodologia de educação popular, que foi fundamental na compreensão das pessoas presentes. Também, as pessoas, passaram compreender e entender poder da mídia.

d) Como a atividade foi avaliada pelo grupo?

O grupo avaliou positivamente esta atividade. Metodologia e dinâmica, foi fundamental no debate. Também, aina valiam, a importância levar este debate nas bases, envolver juventude neste debate. Algumas pessoas presente, isseram que já participaram vários atividades, e com este tema, é a primeira vez que participam, e umas das coisa ue se interessaram dar continuidade deste trabalho.

*Segundo a Plataforma EDHESCA, os Direitos Humanos (civis, econômicos, culturais, ambientais, etc.) são indissociáveis. Essa concepção mais ampla de DH se aproxima dos desafios estratégicos pelo Plano Trienal da RECID.

14. Quais os encaminhamentos construídos na oficina (novos encontros, articulações políticas, ações)?

O grupo encaminhou, realização de novas oficinas, cuja tema ‘’cultura e comunicação’’.

15. Apresente os principais avanços e as principais dificuldades observadas na realização da atividade. (não se trata de problemas da realidade ou da trajetória dos participantes, mas da execução da atividade.

Havia uma preocupação no início da atividade, pois este é a primeira vez que estamos trabalhando com este grupo e com o tema, no sentido de assistir vídeo e não participar do debate. Aos poucos, timidamente, percebemos envolvimento de todos no debate, passaram a se interagir uns aos outros, contribuindo e questionando sobre tema trabalhado. Também, percebemos interesse de todos dar continuidade neste processo de formação nas suas aldeias. Não tivemos tantas dificuldades na realização desta atividade, foi iniciado no horário previsto,e também todos participaram no debate.

17. Comentários e Justificativas (se necessário)

Justificamos que, alguns linhas de lista de presença não foram preenchidas, pois no momento da atividade essas pessoas não portavam seus documentos pessoais.

Nome da Entidade Âncora Estadual (contratada): Teatral Grupo de Risco

Assinatura do/a Educador/a contratado/a:

Contato Educador/a contratado/a (e-mail e telefone): dioterena@hotmail.com / kopiterena@gmail.com

Telefone: 67/ 9637-0838

Apresentação sobre trabalho da Rede de Educação Cidadã juntamente com lideranças indígenas da aldeia Buriti.

Apresentação do grupo na construção de estratégia, como superar desafios imposta pelas grandes mídias nas culturas indígenas. Forma de que os próprios indígenas possam divulgar suas próprias realidades em redes sociais.

PROJETO: E-DHESCA EDUCAÇÃO, CIDADANIA E DIREITOS HUMANOS
Conectando Redes e Saberes.
Convênio: 778677/2012- SDH/PR

Atividade/meta

(X) Atividades Pedagógicas de Formação e Capacitação em Direitos Humanos (Oficinas) – Meta 4, etapa 2

( ) Atividades Pedagógicas de Formação e Capacitação em Direitos Humanos (Encontro Intermunicipal) – Meta 4, etapa 3

( ) Atividades Pedagógicas de Formação e Capacitação em Direitos Humanos (Encontro Regional) – Meta 3, etapa 3

1. Estado: Mato Grosso do Sul	**2. Município:** Campo Grande
3. Outros Municípios envolvidos: Aquidauana, Campo Grande	
4. Endereço: Rua do Seminário, 1601 – Jardim Seminário	
5. Número de Participantes: 13	**6. Data:** 09/07/14 // 14h às 18h
7. Educadores Responsáveis pela atividade (contratados e voluntários): Roma Román, Fernanda Kunzler (coletivo Recid MS)	
8. Organizações envolvidas com a atividade (parcerias): Movimento sem terra (MST), Teatral Grupo de Risco (TGR), Recid.	

9. Título (Que descreva o tema da atividade)

"Teatro do Oprimido"

10. Objetivo (O que queremos com esta atividade?)

Fortalecer as lutas sociais por meio do teatro do Oprimido, explorando especificamente o teatro do invisível junto à militantes do Movimento Sem Terra (MST).

10.1 Essa atividade é pontual? ( ) sim (X) não

10.2 Essa atividade é parte de um processo anterior? (X) sim ( ) não

11. Caracterização do grupo que participou da atividade:

a) Gênero

(08) Feminino (05) Masculino

b) Faixa Etária

nº de jovens: 10 nº de adultos: 03 nº de crianças acompanhantes:_____ nº de idosos:____

c) Escolaridade (preencher de acordo com a Lista de Presença)

( ) Não escolarizados/as (03) Ensino Fundamental (03) Ensino Médio (07) Ensino Superior

d) Localização da moradia

(03) Cidade (10) Campo

e) Cor/Etnia (preencher de acordo com a Lista de Presença)

(04) negro/a (02) branco/a (05) pardo ( ) quilombola (01) indígena (01)outros: Preta

12. Características do público participante na atividade:

- atividades socioeconômicas

( ) agricultores /as ( ) pescadores/as (10) estudantes ( ) desempregados/as ( ) ribeirinhos
( ) catadores/as ( ) cooperativados/as ( ) domésticas ( ) autônomos ( ) donas de casa
( )artesãos\sãs ( ) grupo de economia solidária
(03) outros: Artistas

13. Descreva os momentos pedagógicos que compuseram a atividade de formação e os conteúdos abordados, estudo e problematização da realidade, de acordo com a metodologia Freireana, conforme diretriz 8.3 do PPP e descritos no PNF, conforme páginas 14 e 15. (recursos utilizados, como poesia, textos, músicas devem ser anexados):

Iniciou com a apresentação das pessoas envolvidas e as intenções com a oficina:
Expectativas:
Já ouvi falar de teatro do oprimido, mas não tive contato. Tenho interesse.
Jovens cultura, questão corporal. Intenção de trabalhar a questão da desinibição, a própria linguagem d o teatro. O teatro é utilizado por nossa organização. Conhecer aprimorar o que é o método para desenvolver a timidez.
Nunca tive contato e gostaria de saber como é.
Intuito é aprender sobre teatro e perder um pouco da timidez.

Orientações:
- Estar com o corpo presente, não ficar dividido para estar dentro da oficina.
- Roda de energia. Direita dá e esquerda recebe.
- Postura corporal, pés paralelos ao corpo, encaixe do quadril, fio condutor da cabeça. Olhos sempre no horizonte. Respiração, inspirando pelo nariz e expirando pela boca. Imaginar que o ar entra e vai até o umbigo. Olhos fechados: deixar o corpo pender para o lado que disser – esquerda, centro, frente, atrás e direita. (sem curvar a cintura, é preciso que o corpo inteiro vá), não pensar em outra coisa, não se julgue certo ou errado.

Joelhos freccionados, de cócoras, joelhos no chão (olhos fechados), respirando, ainda no exercício de pender para os lados orientados.

Ditados no chão, ainda com olhos fechados. Inspirando fumaça branca que entra por todos os órgãos, soltado a fumaça com as impurezas. Só existe você e esse ar que entra e saí.

Imaginar que são folhas, voando no espaço, muito leve, você que se segura em outras folhas, no universo, muito leve. Observe tudo ao redor, enquanto faz essa viagem. Conheça o espaço onde está flutuando. Como você se sente? Está confortável? Tem vontade do que?

Você, converse com essa folha que está flutuando, pergunte quem ela é, qual sua idade, o que ela faz, quais são seus sonhos... Essa folha vai perguntar pra você pessoa que está deitada, quem é você e como se sente, escute o que a

folha te pergunta.

Deixem essa folha partir para um lugar bem gostoso, se despeçam dela, visualizem ela indo embora... Como você se sente agora?

Sinta você neste momento, existe alguma diferença em como está agora de como estava antes?

Continue respirando.... quando achar que está bom, vire de lado, e levante bem devagar, permaneça na roda.

Relato da experiência vivenciada, o que sentiu, como foi?

Socializações:

- Não consegui me ver como folha, mas vi as folhas no céu azul, havia muitas respostas. Na hora de despedir, parece que algo me puxava, me senti mais leve.
- A partir do momento que fecha os olhos se sente inseguro, e começa a imaginar, associa com alguma coisa, associei com a época de inverno na europa que faz correntes de ar, vi criança correndo atrás de folhas na época de inverno, e você no lugar da folha, e com as mãos juntas, dá segurança, há outras folhas, e se não há mais folhas, fica inseguro. Foi diferente, nunca me tornei uma folha, é um processo novo acontecendo. Sensação de solidão, provocou em mim enquanto folha.
- Fui associando as coisas, achei que a fala era para se sentir liberto. Imaginei pessoas, e o desligamento da raiz, era como se as pessoas se desligassem. Não sei o sentimento que me tomou, se era liberdade ou insegurança.
- Não me senti uma folha, fiquei me perguntando por que. Conseguia ver umas ávores, e muito tom de verde, não conseguia identificar a imagem, sempre num gramado verde. Não saia do chão, ficava sempre embaixo da árvore. Por que eu perguntaria aquelas coisas para folha? Não tinha lógica. Sensação de abandono. Fica tentando se proteger de você mesma.
- Via mais vulto que imagem, não me sentia como folha. Fazia as perguntas e tinha resposta. Despedir das folhas, foi a única parte que deu pra ver as coisas, num lugar sozinho sem ninguém.
- As perguntas que eu fazia eu mesma respondia, porque era eu... Uma sensação estranha, como se estivesse na frente do espelho. Sentia coisas próximas à nós, mas não via nada. Tinha outras pessoas, mas não interagia com ela. A despedida, era como se a folha levasse com ela.

- ✓ *O que vocês acham que a gente falou agora nesse exercício?* (Não existe talvez, tudo é para ser dito no tempo de agora, cada um fala da sua experiência):

- Tentou buscar a gente se conhecer, ver o que somos, relação de confiança. Relação de proximidade de eu me conhecer, saber o meu objetivo, quais são as perguntas que quero fazer pra mim. Relação do eu com eu.
- Essa é uma experiência que não se repete. Podemos levar isso pra que? Algumas pessoas tiveram mais dificuldade, por que?
- Na reflexão, para e entra em conflito, como estou particularmente. Tudo depende de como você está.
- Depende muito da imaginação e concentração, se colocar no lugar de outra coisa. Além da confiança de deixar a mente caminhar para aquilo que estava sendo dito.

Como interpretar um personagem com uma série de características.
A arte a educação e a política estão juntas, que se complementam.

Em dois grupos:

Provocação: O que é essa folha? (Trouxe uma metáfora, um artifício para falar de outra coisa)
A partir dessa folha, que para cada um/a teve um significado – criar uma cena.
Um elemento na vida que é um tremendo opressor, em todos os momentos serão pessoas oprimidas.

Apresentação dos grupos:
- Duas pessoas sentadas num local, mexendo em celulares, entra uma terceira pessoa falando de um livro, que falava sobre educação popular e propõe para as outras duas pessoas, para que façam o trabalho do TCC, estas pessoas não respondem, ele sai de cena, depois de alguns segundos, as duas pessoas, perguntam sobre a pessoa que esteve no local conversou com eles e nem se deram conta pois estavam mexendo nos celulares.
- Pessoas assistindo futebol, empolgadas torcedo. Entre elas, estavam 03 mulheres e 01 homem. Uma das mulheres questiona se as bolas que vão para arquibancada são devolvidas, o homem que está junto diz: “tinha que ser mulher mesmo pra fazer uma pergunta dessa”.

Roda de conversa provocativa e direcionada:
- Um dos grupos começa a questionar o outro, dizendo: Foi isso que fizeram? Disseram ainda que, trouxeram algo pronto, que foi sem graça, disseram que não deu para entender, estava muito bagunçado, que a questão do machista se perdeu.

- Facilitadora: Fizemos um exercício bastante intenso, debatemos. Foi tudo muito bem orientado, e parece que jogaram tudo para o saco de lixo.
Foi tudo muito superficial, aliás, vocês são superficiais.

- Um dos grupos, que estava sendo duramente criticado, começa a ficar irritado. E se defendem, dizendo que fizeram o que era preciso, e se desculpam pelo fato. A nossa apresentação não foi a das melhores. Admito que a de vocês foi muito boa, mas a nossa não foi tão ruim assim.
Roda de socialização das sensações.

Quais são nossas lutas? O que nos faz atuar, militar?
Penso que o espaço maior é na família, às vezes a gente é oprimido dentro de casa.
Governo, as pessoas mais forte dão a voz. As que possuem mais dinheiro.
A questão do racismo implícito na sociedade. Sempre o que é negro é ruim, isso me incomoda muito.
Intolerância de qualquer forma, se acostumam, acham que é o correto e prefeito, sempre que há algo diferente, oprimem. As pessoas não se ouvem.

*Segundo a Plataforma EDHESCA, os Direitos Humanos (civis, econômicos, culturais, ambientais, etc.) são indissociáveis. Essa concepção mais ampla de DH se aproxima dos desafios estratégicos pelo Plano Trienal da RECID.

14. Quais os encaminhamentos construídos na oficina (novos encontros, articulações políticas, ações)?

- Organização do grupo de teatro do MST;

- Organização do planejamento de atividades do grupo, para que coletivamente, possamos dar continuidade no trabalho de formação.

15. Apresente os principais avanços e as principais dificuldades observadas na realização da atividade. (não se trata de problemas da realidade ou da trajetória dos participantes, mas da execução da atividade.

Dificuldades:

- Resistência do grupo com os exercícios, pouca entrega e confiança. Tornou o trabalho mais difícil;

Avanços:

- Permanência na atividade e bons debates;

17. Comentários e Justificativas (se necessário)

Justificativa:

- Participaram da atividade 13 pessoas, pois havia uma outra atividade de formação ocorrendo paralelamente à esta.

- Uma pessoa não informou o número do CPF, pois ainda não o fez;

Observação: Esta atividade antecede o encontro intermunicipal sobre Agitação e Propaganda, na ideia de iniciar a preparação para o mesmo e elaborar uma ação de rua juntamente ao encontro.

Conceito: Teatro Invisível

O Teatro-Invisível que, sendo vida, não é revelado como teatro e é realizado no local onde a situação encenada deveria acontecer, surgiu como resposta à impossibilidade, ditada pelo autoritarismo, de fazer teatro dentro do teatro, na Argentina. Uma cena do cotidiano é encenada e apresentada no local onde poderia ter acontecido, sem que se identifique como evento teatral. Desta forma, os espectadores são reais participantes, reagindo e opinando espontaneamente à discussão provocada pela encenação.
A preparação do Teatro Invisível deve ser como a de uma cena normal, reunindo os principais elementos: atores interpretando personagens com caracterizações, idéia central; deve haver um roteiro pré-estabelecido, apresentando princípio, meio e fim e que deve ser ensaiado. A diferença consiste em ser uma modalidade que não revela ao público tratar-se de uma representação.

Nome da Entidade Âncora Estadual (contratada): Teatral Grupo de Risco

Assinatura do/a Educador/a contratado/a:

Contato Educador/a contratado/a (e-mail e telefone): Fernanda Kunzler 67 9241 6227 // kunzzler@hotmail.com